Notas sobre
Números
E d i ç ã o 2 0 2 1
Dr. Thomas L. Constable

Introdução

TÍTULO

O título que os judeus usaram em seu Antigo Testamento hebraico para este livro vem da quinta palavra do livro no texto hebraico, *bemidbar* : "no deserto". É claro que isso é apropriado, visto que os israelitas passaram a maior parte do tempo coberto pela narrativa de Números no deserto.

O título em inglês "Números" é uma tradução do título grego *Arithmoi* . Os tradutores da Septuaginta escolheram este

título por causa dos dois censos dos israelitas que Moisés registrou no início (caps. 1-4) e no final (cap. 26) do livro. Essas "numerações" do povo ocorreram no início e no fim das peregrinações pelo deserto e enquadram o conteúdo de Números.

DATA E ESCRITOR

Moisés escreveu Números (cf. Números 1: 1; 33: 2; Mat. 8: 4; 19: 7; Lucas 24:44; João 1:45; et al.). Ele aparentemente o escreveu no final de sua vida, do outro lado do Jordão da Terra Prometida, nas Planícies de Moabe. [1] Evidentemente, Moisés morreu perto de 1406 aC, visto que o Êxodo aconteceu por volta de 1446 aC

(1 Reis 6: 1), os israelitas ficaram no deserto por 40 anos (Números 32:13), e ele morreu pouco antes de entrarem a Terra Prometida (Deuteronômio 34: 5).

Existem também algumas passagens que parecem ter sido adicionadas após a época de Moisés: 12: 3; 21: 14-15; e 32: 34-42. No entanto, é impossível dizer quanto depois.

ESCOPO E PROPÓSITO

Quando o livro abre, os israelitas estavam no segundo mês do segundo ano depois de partirem do Egito (1: 1). No entanto, nos capítulos 7 a 10, lemos sobre coisas que aconteceram na nação antes dessa época. Esses eventos

aconteceram depois que Moisés terminou de montar o tabernáculo, o que ocorreu no primeiro dia do primeiro mês do segundo ano (7: 1; cf. Êx. 40:17). Quando Números termina, os israelitas estavam no décimo mês do quadragésimo ano (cf. Dt. 1: 3). Portanto, o tempo total que o Numbers cobre é de cerca de 39 anos.

"Os eventos de 1: 1-10: 11 cobrem dezenove dias do primeiro ao décimo nono dia do segundo mês do segundo ano. Os dos capítulos finais 21: 10-36: 13 ocorrem dentro de cinco meses do quadragésimo ano (ver 20: 28 = 33: 38; 20:29; Deuteronômio 1: 3). O material intermediário, 10: 12-21: 9, não

tem data, mas deve cair nos trinta e oito anos intermediários. " [2]

Os números registram que os israelitas viajaram do Monte Sinai às planícies de Moabe, que ficavam a leste de Jericó e do rio Jordão. No entanto, sua jornada não foi direta. Eles procederam do Sinai a Cades-Barnéia, na fronteira sul de Canaã, mas não conseguiram entrar na Terra Prometida de lá por causa da incredulidade. Sua falha em confiar em Deus e obedecê-Lo resultou em um período de 38 anos de peregrinação no deserto. Deus finalmente os trouxe de volta a "Cades" (abreviação de "Cades Barnéia") e os conduziu de lá para as Planícies de Moabe, que

ficavam na fronteira oriental de Canaã.

Embora as peregrinações pelo deserto tenham consumido a maior parte dos anos registrados em Números, Moisés passou rapidamente pelos eventos desse período da história de Israel. Ninguém sabe ao certo quanto tempo os israelitas passaram em trânsito durante os 38 anos entre a primeira e a última visita a Cades Barnéia. A ênfase de Deus em Números é primeiro em Sua preparação dos israelitas para entrar na terra de Cades (caps. 1-14), e finalmente em Sua preparação para sua entrada nas Planícies de Moabe (caps. 20-36). Isso indica que o propósito do livro

era principalmente mostrar como Deus lidou com os israelitas enquanto eles antecipavam a entrada na Terra Prometida. Não era para registrar todos os eventos, ou mesmo a maioria dos eventos, que ocorreram na história da "peregrinação pelo deserto" de Israel. Esta seleção de conteúdo,apresentado para ensinar lições espirituais, está em harmonia com os outros livros do Pentateuco. Sua preocupação também era mais teológica do que histórica.

"O material em Números não pode ser entendido separadamente do que o precede em Êxodo e Levítico. Os livros intermediários do Pentateuco estão bem juntos,

com Gênesis formando um prólogo e Deuteronômio o epílogo da coleção." [3]

O conteúdo de Números enfatiza os eventos que

levaram à destruição da geração anterior de israelitas no deserto (caps. 1-14) e à preparação da nova geração para a entrada na terra (caps. 20-27). O censo no início do livro (caps. 1-4), e aquele no final (cap. 26), fornecem: "... a estrutura literária e teológica abrangente do livro de Números." [4]

"Também podemos arriscar o propósito do livro desta maneira: Para obrigar a obediência a Yahweh pelos membros da nova comunidade, lembrando-os da ira de Deus sobre seus pais por causa da quebra do pacto; para encorajá-los a confiar no promessas contínuas de seu Senhor à medida que o seguem em sua

herança em Canaã; e para provocá-los à adoração a Deus e ao desfrute de sua salvação. " [5]

"O Livro dos Números parece ser um manual de instruções para o Israel pós-Sinai. O 'manual' trata de três áreas: (a) como a nação deveria se ordenar em suas jornadas, (b) como os sacerdotes e levitas deveriam funcionar na condição de mobilidade que estava à frente, e (c) como eles deveriam se preparar para a conquista de Canaã e suas vidas estabelecidas lá. As seções narrativas, que são muitas, demonstram os sucessos e fracassos do povo do Senhor como eles se conformaram e não se

conformaram com os requisitos nas partes legislativas, cultuais e prescritivas do livro. " [6]

GÊNERO

O gênero básico dos Números é a narrativa, embora haja também muitas outras seções literárias que complementam a narrativa. Jacob Milgrom identificou 14 gêneros diferentes no livro. [7] No entanto, a maior parte é narrativa e material jurídico, e o gênero abrangente é a história instrucional projetada para ensinar teologia. [8]

ESTILO

"As perícopes individuais dos Números manifestam design. Seu principal dispositivo

estrutural é o quiasma e a introversão. Também são evidenciados artifícios como painéis paralelos, subscritos e retomadas repetitivas, prolepse e enumerações septenárias. As perícopes estão ligadas entre si por termos e temas associativos e a narrativas semelhantes em Êxodo pela mesma fórmula de itinerário. " [9]

TEMA

Acredito que o tema do livro é obediência.

"O principal tema teológico de Números é recíproco por natureza: Deus trouxe um povo a Si pela graça da aliança, mas Ele espera deles uma devoção de todo o coração. Tendo aceitado os termos da Aliança

do Sinai, Israel se colocou sob a obrigação de obedecê-los , um processo que deveria começar imediatamente e não em algum lugar e tempo distantes (Êxodo 19: 8; 24: 3). " [10]

"O pensamento-chave do Livro dos Números é: A caminhada do povo de Deus no mundo e suas falhas superadas por Sua graça." [11]

CONTORNO

I. Experiências da geração mais velha no deserto, caps. 1-25

A. Preparativos para entrar na Terra Prometida pelos chs sul. 1—10

1. O primeiro censo e a organização do povo chs. 1—4

2. Comandos e rituais a serem observados na preparação para entrar na terra, chs. 5-9
3. A partida do Sinai ch. 10

B. A rebelião e o julgamento da geração incrédula, caps. 11-25

1. O ciclo de rebelião, expiação e morte, caps. 11-20
2. O clímax da rebelião, esperança e o fim da morte. 21-25

II. Perspectivas da geração mais jovem na terra chs. 26-36

A. Preparativos para entrar na Terra Prometida pelos chs leste. 26-32

1. O segundo censo ch. 26
2. Disposições e comandos a serem observados na preparação para entrar na terra chs. 27-30

3. Represália contra Midiã e o assentamento das tribos da Transjordânia, chs. 31-32

B. Advertência e encorajamento da geração mais jovem chs. 33-36

1. Revisão da viagem do Egito 33: 1-49
2. Antecipação da Terra Prometida 33: 50-36: 13

J. Sidlow Baxter descreveu os números da seguinte forma: [12]

I. A velha geração (Sinai a Kadesh) caps. 1-14

A. A numeração chs. 1—4
B. Os chs instrutores. 5-9
C. A jornada, caps. 10—14

II. A era de transição (vagando no deserto) chs. 15-20

III. A nova geração (Cades a Moabe) chs. 21-34

A. Os novos capítulos de jornada. 21-25
B. A nova numeração chs. 26-27
C. O novo chs instrutor. 28-34

MENSAGEM

Para formular uma declaração que resuma o ensino deste livro, será útil identificar algumas das principais revelações em Números. Esses constituem os valores únicos do livro.

O primeiro valor importante de Números é que ele revela a "graça de Deus" em uma extensão não revelada anteriormente. Vemos a misericórdia de Deus em Seu

trato com Israel ao longo deste livro.

Na primeira seção de Números (caps. 1—10), a *provisão* de Deus para Seu povo se destaca. Vemos isso na *ordem* e *pureza que* Deus especificou para a manutenção do acampamento israelita. Vemos isso na *adoração que* Deus providenciou para o acampamento. Também vemos isso no *movimento que* Deus prescreveu para o acampamento. Deus supriu fielmente as necessidades de Seu povo dessas muitas maneiras enquanto se preparavam para entrar na Terra Prometida.

Na segunda seção do livro (caps. 11-21), a *paciência* de

Deus com Seu povo se destaca. Quando os israelitas falharam em obedecer a Deus, Ele não os abandonou, mas os disciplinou com amor. A paciência de Deus em lidar com os israelitas não resultou da fraqueza de Deus, mas foi uma evidência de Sua força. Deus não manifestou *descuido* para com os israelitas, fazendo-os vagar pelo deserto por 38 anos. Ele demonstrou *cuidado* ao usar esses 38 anos para preparar a próxima geração para obedecê-Lo.

Deus *disciplinou* as pessoas por sua desobediência, mas sempre as direcionou para a realização de Seu propósito para elas, à medida que as disciplinava. Os anos de peregrinação no

deserto foram anos de educação, e não de abandono. Deus também preparou Moisés por 40 anos no deserto antes do Êxodo. Compare Jesus no deserto por 40 dias.

Na terceira seção (caps. 22-36), a *persistência* de Deus em trazer Israel ao umbral da terra é proeminente. Deus protegeu Israel de seus inimigos e proveu suas necessidades. Mesmo que Israel tivesse sido infiel, Deus persistiu em demonstrar fidelidade à nação que Ele escolheu para abençoar (cf. 2 Timóteo 2:12).

Um segundo valor importante deste livro é a revelação que ele contém da gravidade da "descrença". Esta é uma

revelação do homem, enquanto a primeira foi uma revelação de Deus. Números revelam a gravidade do pecado da descrença, que se manifesta na desobediência. Os israelitas lutaram contra a incredulidade ao longo do livro, mas o caso mais sério disso aconteceu em Cades Barnéia (caps. 13–14).

Os números revelam as raízes da incredulidade. As causas foram duas: uma multidão mista e motivos diversos.

A congregação consistia em uma combinação de israelitas crentes e outros que, por várias razões, se uniram ao povo de Deus: uma *multidão mista* . Esses estrangeiros se juntaram a Israel primeiro no Êxodo (Êxodo 12:38), mas os

encontramos misturados aos israelitas ao longo da história subsequente de Israel (cf. Lv 24: 10-23). Essa "ralé" foi a primeira a reclamar de Deus, e sua murmuração se espalhou pelo acampamento como uma praga periodicamente (cf. 11: 4). Existe uma multidão mista na cristandade? Sim, *verdade* misturado com meramente *professam* cristãos.

A segunda causa de descrença foram os *motivos mistos* dos israelitas. Eles queriam desfrutar das bênçãos de Deus e até mesmo obedeceram a Ele até certo ponto para obtê-las. Mas eles também queriam coisas que Deus - em Seu amor por eles - não queria que eles tivessem (cf. Gn 3). Os israelitas

não se comprometeram totalmente com Deus (cf. Rom. 12: 1-2). Eles não permitiram totalmente que Deus *moldasse* eles em uma nação que cumpriria Seu propósito para eles no mundo. Isso também resultou em murmuração. Eles ansiavam pelo que haviam experimentado no Egito e preferiam uma vida confortável à vida de aventuras para a qual Deus os havia chamado. Murmurar é a evidência reveladora de egoísmo. Surge da falta de dedicação sincera a Deus. Como esses motivos mistos são evidentes hoje? Nós os vemos em padrões de descontentamento e mundanos.

A mensagem de Números é que tudo depende de nossa atitude para com Deus. Nossa atitude para com nossas oportunidades e circunstâncias revela nossa atitude para com Deus. Se não estamos contentes com o que Deus trouxe para nossas vidas, isso indica que podemos querer algo diferente para nós do que o que Deus deseja para nós.

Quando enfrentamos um desafio à nossa fé, precisamos visualizar a própria dificuldade sendo *ofuscada* pela presença, poder e promessas de Deus.

A alternativa é permitir que a dificuldade bloqueie nossa visão de Deus. As influências dos descrentes e nossa própria vacuidade tenderão a nos fazer agir como os israelitas. Nesses

momentos de teste, lembrar as experiências de Israel em Números deve nos ajudar a entender o que está acontecendo, para nos ajudar a confiar em Deus e obedecê-Lo de forma mais consistente.

A mensagem de Números é uma mensagem de "conforto", por um lado.

Números ensina que as falhas do povo de Deus não podem frustrar Seus planos. Em Êxodo, vimos que a oposição dos inimigos de Deus não pode derrotá-lo. Em Números, vemos que a falha de Seus instrumentos também não pode derrotá-lo. Os instrumentos escolhidos por Deus podem adiar os propósitos de Deus, mas não podem impedi-los.

Em Números, também vemos que Deus sempre lida com Seus instrumentos escolhidos de maneira *justa* . Ele abençoará a minoria que é fiel a Ele, embora viva entre a maioria que está sob Sua disciplina por ser infiel. Vemos isso no trato de Deus com Caleb e Josué. Deus honra os fiéis. Ele também trabalhará fielmente com aqueles que está disciplinando por sua infidelidade. Ele os incentivará a experimentar as maiores bênçãos que puderem na esfera de sua disciplina. Vemos isso em Seu trato com a geração rebelde de israelitas. Além disso, Deus não ignorará aqueles que O desobedeceram apenas porque, ou mesmo se, eles estabeleceram um registro de obediência passada. Ele irá

discipliná-*los*, também. Vemos isso no trato de Deus com Moisés. Enquanto Deus honra os fiéis, Ele também disciplina os infiéis.

Números ainda nos ensina que as provisões de Deus são sempre *adequadas* para as necessidades de Seu povo (cf. 2 Coríntios 12: 9). Ele apoiou os israelitas no deserto. Suas falhas não foram resultado da provisão inadequada de Deus, mas vieram de sua própria insatisfação com a provisão Dele. O *próprio* Deus é um Recurso adequado para Seu povo ao longo da vida (cf. Êxodo 14-17). Precisamos recorrer a Ele para atender às nossas necessidades.

Por outro lado, o Numbers é também uma mensagem de " aviso". Cada crente e cada grupo de crentes (por exemplo, uma igreja local), de vez em quando, enfrenta o mesmo desafio à sua fé que os israelitas enfrentaram no deserto e em Cades. A crise surge quando a fé encontra obstáculos que somente o poder sobrenatural de Deus pode superar. O crente deve então agir contra esses obstáculos colocando uma simples confiança em Deus. Nossa resposta dependerá de estarmos dispostos a agir de acordo com nossa crença de que a presença, o poder e as promessas de Deus podem superá-los. Precisamos nos

concentrar em Deus mais do que em nós mesmos.

Podemos deixar de realizar tudo o que Deus deseja para nós se deixarmos de confiar nEle. Deixe-me desafiá-lo a tentar grandes coisas para Deus. Pense grande! Em 1977, Chris Marentika começou o Seminário Teológico Evangélico da Indonésia. Em novembro de 2002, a escola tinha um campus permanente, cerca de 450 alunos, uma universidade cristã com 2.500 alunos, 15 escolas secundárias, alunos e graduados plantaram mais de 1.000 igrejas e viram 50.000 muçulmanos se tornarem cristãos. Tudo isso aconteceu no maior país muçulmano do

mundo - que também persegue os cristãos!

A título de revisão, Gênesis expõe a fé. Êxodo revela que a fé se manifesta em adoração e obediência. Levítico explica a adoração de forma mais completa. Números enfatiza a importância da obediência.

Números mostra a importância da obediência ao revelar as raízes, o processo e os frutos da desobediência. [13]

J. Sidlow Baxter acreditava que a mensagem central de Números pode ser expressa nas palavras de Romanos 11:22: "Eis, pois, a bondade e severidade de Deus."

“Em Números vemos a *severidade* de Deus, na velha

geração que caiu no deserto e nunca entrou em Canaã. Vemos a *bondade* de Deus, na nova geração que foi protegida, preservada e provida, até que Canaã foi possuída. Em um caso, vemos a terrível inflexibilidade da justiça divina, no outro caso vemos a infalível fidelidade de Deus em Sua promessa, Seu propósito, Seu povo.

"Aproximando-se dessa mensagem central do livro estão duas outras lições - duas advertências para nós mesmos; e estas também podem ser expressas em palavras do Novo Testamento. A primeira é uma advertência contra a *presunção* . Voltando novamente para a passagem de

Corinto que nós acabamos de citar na íntegra (I Cor. x. 1-12), descobrimos que esta advertência contra a presunção é a lição que o próprio Paulo vê no livro de Números. Depois de nos dizer que 'todas essas coisas lhes aconteceram como tipos' para nós, ele diz: '*Portanto, aquele que pensa que está em pé, olhe para que não caia* . '

"A segunda advertência é contra a *incredulidade* . Em Hebreus III. 19, lemos: 'Eles não puderam entrar (em Canaã) por causa da incredulidade'; e então é adicionado - '*Portanto, temamos* , uma promessa sendo deixada nos entrando em Seu descanso, qualquer um de vocês deve parecer que não o

alcançou. ' E ainda: '*Tomem cuidado, irmãos* , para que não haja em nenhum de vocês um coração mau e incrédulo' (III. 12).

“Assim, o próprio Novo Testamento interpreta o livro de Números para nós. Este quarto escrito de Moisés diz: 1. 'Eis a bondade e severidade de Deus.' 2. 'Aquele que pensa estar em pé, preste atenção ...' 3. 'Preste atenção para que não haja em vós descrença.' " [14]

Exposição

I. EXPERIÊNCIAS DA GERAÇÃO MAIS VELHA NO DESERTO, CAPS. 1-25

Esta primeira seção principal do livro registra como Deus preparou os israelitas para

entrar na Terra Prometida de Cades-Barnéia, e por que eles falharam em alcançar esse objetivo. Os números, como o Levítico, são divisíveis em duas partes. A primeira parte de Números (caps. 1–25) enfoca as experiências da geração mais velha de israelitas que deixou o Egito no Êxodo. A parte 2 do livro (caps. 26-36) trata principalmente da geração mais jovem que entrou na Terra Prometida.

A. Preparativos para entrar na Terra Prometida pelos chs sul. 1—10

Os primeiros 10 capítulos de Números descrevem a preparação de Israel para entrar na terra. Há alguma semelhança entre esses

capítulos e Êxodo 16-19, que registra os preparativos para fazer um convênio com Yahweh no Monte Sinai.

"... assim como o caminho de Gósen para o Sinai foi uma preparação do povo escolhido para sua recepção na aliança com Deus, o caminho do Sinai para Canaã também foi uma preparação para a posse da terra prometida." [15]

Observe novamente a frase "assim como o Senhor ordenou a Moisés" que se repete ao longo desses capítulos (1:19; et al.). Essa atitude obediente contrasta com a atitude de rebelião que cresceu com o tempo e resultou no fiasco de Kadesh Barnea (11: 1). Essa mudança de atitude é ainda

mais importante para observarmos do que os números do censo e a ordem da marcha.

1. O primeiro censo e a organização do povo chs. 1—4

"Os dois censos (caps. 1-4, 26) são fundamentais para compreender a estrutura do livro. O primeiro censo (caps. 1-4) diz respeito à primeira geração da comunidade do Exodus; o segundo censo (cap. 26) centra-se nas experiências da segunda geração, as pessoas para as quais este livro é principalmente dirigido. A primeira geração dos redimidos estava preparada para o triunfo, mas terminou em desastre. A segunda geração tem uma

oportunidade de grandeza - se ao menos eles aprenderem com o falhas de seus pais e mães a necessidade absoluta de fidelidade robusta ao Senhor, apesar de todos os obstáculos. " [16]

A reunião das tribos, exceto Levi ch. 1

"Mais de 150 vezes no Livro de Números, está registrado que Deus falou com Moisés [v. 1] e deu-lhe instruções para compartilhar com o povo." [17]

"Exatamente como essa revelação divina entre o Deus eterno e seu servo Moisés ocorreu permanece um mistério. ... Mas, seja como for, essa comunicação foi realizada, seja pela forma audível da fala

humana, impressão e compulsão mental e espiritual, ou pela impregnação intelectual de idéias, o profeta Moisés se tornou o instrumento para a iluminação divina da humanidade sobre a vontade e a palavra de Deus. " [18]

Esta frase ("o L ORD falou a Moisés") aparece em todos os capítulos, exceto na narrativa de Balaão (caps. 22-24) e na disputa de acordo (cap. 32). [19] Aparece muitas vezes em Êxodo, em Levítico e uma vez em Deuteronômio, também. Em vista da frequência dessa afirmação, é decepcionante observar a seguinte declaração de um importante historiador judeu contemporâneo:

"Mesmo os mais piedosos estão reconhecendo que não diminui um jota ou til da riqueza e utilidade do volume consagrado pela idade [isto é, a Bíblia] admitir que é o registro do progresso espiritual de um povo incrível, em vez de um infalível documento de origem divina. Stanley Cook sugere que ele aprofunda o valor da Bíblia e traz suas verdades centrais para considerá-la como 'o relato do homem do divino, em vez de um relato divino do homem'. " [20]

"A voz do Senhor veio de dentro (Lv. 1: 1), de entre os dois querubins que flanqueavam a arca (Êx. 25:22; Nm. 7:89). A tenda era considerada um Sinai portátil ..." [21]

O propósito de contar os homens adultos com 20 anos de idade ou mais era identificar aqueles que serviriam na batalha quando Israel entrasse na terra (v. 3). [22] Isso fica claro pelo fato de que a frase "a partir dos vinte anos para cima, quem quer que fosse capaz de ir para a guerra", ou seu equivalente, aparece 14 vezes neste capítulo (vv. 3, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 32, 34, 36, 38, 40, 42, 45; cf. v. 18). A entrada na terra deveria ter ocorrido apenas algumas semanas após a realização deste censo. Moisés havia feito outro censo nove meses antes deste (Êxodo 30: 11-16; 38: 25-26), mas o objetivo dessa contagem era determinar quantos homens

adultos deviam dinheiro da expiação.

"As pessoas encontradas e selecionadas em Gênesis, redimidas e libertadas em Êxodo, e trazidas, em Levítico, à comunhão com seu Deus, devem agora, em Números, aprender o que significa a vida como Seu povo no deserto deste mundo: a caminhada de fé simples e de conflito constante. Os números serão, portanto, o livro da *disciplina* . " [23]

O objetivo principal do segundo censo, em Números 26, era contar os soldados novamente e determinar o tamanho das tribos para cada lote de terra. O censo descrito em Números 1 excluiu os levitas, todos os

quais Deus isentou do serviço militar típico em Israel (vv. 49-50). Também excluiu a "multidão mista" de não judeus que acompanhava os israelitas.

"Somente os verdadeiros israelitas foram autorizados a travar as batalhas de Israel. Nenhum da 'multidão mista' que veio do Egito com Israel era elegível. Que lição para nós hoje, quando todos os tipos de pessoas têm permissão para servir na Igreja organizada sem a linhagem espiritual divinamente exigida do novo nascimento! " [24]

"Moisés poderia facilmente ter aprendido os métodos de censo durante sua vida no Egito, pois as descobertas arqueológicas ali mostram que era um

costume favorito dos faraós compilar estatísticas exatas." [25]

O número de guerreiros em cada tribo contado foi o seguinte:

Reuben	46.500		Efraim	40.500
Simeon	59.300		Manassés	32.200
Gad	45.650		Benjamin	35.400
Judá	74.600		Dan	62.700
Issacar	54.400		Asher	41.500
Zebulun	57.400		Naftali	53.400

O total foi de "603.550" homens (v. 46). Como o número total de cada tribo termina em zero, parece que Moisés deve ter arredondado esses números. Deus já estava a caminho de tornar inumeráveis os descendentes dos patriarcas (cf. Gn 15,5). No entanto, os grandes números do censo representam um problema para os estudiosos da Bíblia. Como tantas pessoas sobreviveram no deserto por tanto tempo? Muitos estudiosos céticos tentaram explicar esses números muito grandes como sendo muito menores. [26] O problema envolve o significado da palavra hebraica *eleph* . Essa palavra foi traduzida como "mil", "unidade", "clã" etc.,

conforme aparece em vários contextos.

"Em suma, não há solução óbvia para os problemas colocados por esses números do censo." [27]

"... é claro que a forma atual do texto pretende que essas figuras sejam consideradas como estão - como 'milhares' e não como 'grupos de tendas'." [28]

Acredito que devemos tomar *eleph* em contextos de censo como "milhares", até que uma investigação mais detalhada indique claramente que devemos interpretá-lo de forma diferente. No entanto, a palavra hebraica pode ter mais de um significado, então

"unidade" ou "clã", etc., pode ser o que se pretendia em alguns contextos.

"Estima-se que de dois a três milhões de pessoas - incluindo levitas, idosos, crianças e mulheres - compunham o acampamento." [29]

“É no contexto do desenvolvimento de uma organização militar para a guerra que os levitas recebem suas tarefas em relação ao tabernáculo. Em certo sentido, sua missão militar é o cuidado e transporte do santuário religioso. Nm 1: 49-53 descreve claramente os requisitos para a proteção militarista do tabernáculo pelos levitas. " [30]

Os "levitas" eram uma das 12 tribos de Israel. Os coatitas eram um dos três *clãs* daquela tribo, e os "sacerdotes" eram os descendentes da família de Aarão dentro do clã coatita. Moisés e Arão eram coatitas. Moisés havia *atuado* como o "sumo sacerdote" de Israel antes de Deus designar Aarão para esse cargo. Portanto, a hierarquia dos sacerdotes no início da história de Israel era: o sumo sacerdote no topo (Arão e mais tarde um de seus descendentes), os outros sacerdotes abaixo dele (os outros descendentes de Arão) e, por último, os levitas na base (os parentes dos descendentes de Aarão) dentro da tribo de Levi). Os levitas freqüentemente ajudavam os

sacerdotes em seus deveres menos importantes.

Durante as peregrinações pelo deserto, os levitas carregaram o tabernáculo e seus móveis (1: 47-54). Eles também guardavam este santuário (1 Crônicas 9:19), ensinavam a Lei aos israelitas (Deuteronômio 33: 8-11; Neemias 8: 7-9) e os guiavam na adoração ao Senhor (2 Crônicas 29: 28-32).

A impressão total do Deus de Israel que este capítulo projeta é que Ele é um Deus de *ordem* e não de caos e confusão (cf. Gn 1; 1Co 14:40).

"Os números expressam até que ponto Deus abençoou graciosamente Israel ao multiplicar seus descendentes a

tantos números. ... Os números notavelmente altos nas listas do censo em Números 1 e 26 representam o pagamento significativo de Deus pela promessa de inúmeros descendentes. os totais do censo também ressaltam o caráter parcial do cumprimento das promessas ancestrais. " [31]

A frase "o Senhor falou a Moisés" (v. 1) ocorre mais de 80 vezes no livro de Números. [32]

A colocação das tribos ch. 2

As doze tribos - exceto os levitas - acamparam em quatro grupos de três tribos cada, um grupo diferente em cada um dos quatro lados do tabernáculo. A família Aarônica

de sacerdotes e os três clãs de Levitas acampavam nos quatro lados do tabernáculo, mas mais perto do santuário do que as outras tribos (v. 17). Esse arranjo colocou Yahweh no centro da nação - geograficamente - e lembrou aos israelitas que Seu lugar de direito era o centro de suas vidas - nacionalmente e pessoalmente.

"Os egípcios, caracteristicamente, colocaram a tenda do rei, seus generais e oficiais no centro de um grande acampamento do exército, mas para os israelitas outra tenda era central: o santuário no qual Deus colocava para habitar entre seu povo. Dele procede o poder de salvar e defender, e

desta tenda no meio ele deu a conhecer a sua vontade de salvar para sempre. " [33]

"Esta imagem da organização de Israel no acampamento é uma expressão da compreensão do autor da teologia da presença divina. Existem barreiras que separam um Deus santo de um Israel falível. A própria estrutura da tenda e a construção do sofisticado a hierarquia sacerdotal tem por efeito, pelo menos potencialmente, enfatizar a diferença e a distância entre o homem e Deus. Isso é valioso para a teologia como perspectiva, mas requer a busca compensatória de proximidade e presença. O ... autor procurou afirmar isso em

e por sua insistência em que Deus deve ser encontrado, tabernaculado entre seu povo, no centro de sua vida como comunidade ”. [34]

De acordo com a tradição rabínica, cada "bandeira" tribal (v. 2) era da mesma cor que a pedra daquela tribo no peitoral do sumo sacerdote (Êxodo 39:14). [35]

As tribos que acampavam no leste e no sul marcharam *à frente* do tabernáculo, enquanto as do oeste e norte marcharam *atrás* do tabernáculo - sempre que Israel estava em trânsito. O tabernáculo *enfrentou* "a leste" (ie, "Oriente"), para enfrentar o sol nascente, como era costume no mundo antigo.

"Segundo a tradição rabínica, o estandarte de Judá trazia a figura de um leão, o de Rúben a imagem de um homem ou a cabeça de um homem, o de Efraim a figura de um boi e o de Dã a figura de uma águia ... " [36]

Os primeiros cristãos usaram esses mesmos símbolos para representar os quatro Evangelhos: eles usaram um "leão" para representar Mateus, um "boi" para Marcos, um "homem" para Lucas e uma "águia" para João. Esses animais simbolizam vários aspectos da vida e ministério de Jesus Cristo que cada evangelista enfatizou.

Deus evidentemente organizou as tribos nesta ordem de acampamento por causa de sua ancestralidade.

Judá, Issacar,	Descendentes

Zebulom	de Leah
Reuben, Simeon, Gad	Descendentes de Leah e sua empregada Zilpah
Efraim, Manassés, Benjamin	Descendentes de Rachel
Dan, Asher, Naphtali	Descendentes das criadas Bilhah e Zilpah

"Será visto por este arranjo que a vanguarda e a retaguarda do exército tinham as forças mais fortes - 186.400 e 157.600 respectivamente - com os grupos tribais menores dentro deles e o tabernáculo no centro." [37]

Moisés não explicou a relação das tribos individuais, que acampavam em cada lado do tabernáculo, com as outras duas tribos do mesmo lado. Alguns estudiosos acreditam que eles eram como meu diagrama acima indica, enquanto outros acham que Judá, Reuben, Ephraim e Dã estavam no centro de seus grupos. [38]

"Além disso, a localização no leste é muito significativa no pensamento de Israel. O leste é o lugar do nascer do sol, a fonte de esperança e sustento. A oeste era o mar. A postura tradicional de Israel era de costas para o oceano e o descida do sol. Os antigos hebreus não eram um povo

navegante como os fenícios e os egípcios. Para Israel, o lugar do orgulho estava no leste. Daí encontramos a tríade de tribos chefiadas por Judá, o quarto filho e pai de Jacó da casa real que leva ao Rei Messias. " [39]

“... As narrativas de Gênesis dedicam muita atenção à noção de 'o leste', um tema que também parece importante na organização das tribos. Após a queda, Adão e Eva, e depois Caim, foram expulsos da boa terra de Deus ' para o leste '(3:24; 4:16). Além disso, Babilônia foi construída no leste (Gên 11: 2 [, 9]), e Sodoma estava' a leste 'da Terra Prometida (13:11). Nessas narrativas, a esperança é desenvolvida de que a redenção

de Deus viria do leste e que essa redenção seria um tempo de restauração da bênção original de Deus e do presente da terra na Criação. Assim, o primeiro ato de Deus de preparar a terra - quando ele disse: 'Haja luz' (1: 3) - usou a imagem do nascer do sol no leste como uma figura da futura redenção. Além disso, o jardim de Deus foi plantado para a humanidade 'no oriente do Éden (2: 8), e era lá que Deus pretendia derramar sua bênção sobre eles.

"Ao longo das narrativas pentateucais, então, o conceito de mover 'para o leste' desempenha um papel importante como um lembrete do Paraíso Perdido - o jardim no

leste do Éden - e um lembrete da esperança de um retorno à bênção de Deus 'do leste '- o lugar de espera no deserto. Não era sem propósito, então, que a disposição das tribos ao redor do tabernáculo refletisse a mesma imagem de esperança e redenção. " [40]

Baxter estimou que o quadrilátero formado por cerca de 2 milhões de israelitas ao redor do tabernáculo teria feito o acampamento com cerca de 12 milhas quadradas (cada uma das quatro bordas do acampamento tendo 12 milhas de comprimento). [41]

"Os números 2 podem nos lembrar de certas verdades que podemos ser tentados a esquecer em nosso clima

contemporâneo, em que muito clamor é ouvido sobre derrubar hierarquias, livrar-se do governo e da administração, minar líderes e autoridade e ser suspeito de qualquer pessoa designada com poder oficial ou funções em nome de toda a comunidade.

"1. Números 2 nos lembra que ordem, estrutura e linhas claras de responsabilidade podem ser úteis e importantes para mover uma grande comunidade do povo de Deus através do deserto e em direção a uma meta prometida....

"2. Números 2 nos lembra que aqueles com autoridade e em posições de destaque têm uma responsabilidade especial por toda a comunidade....

"3. Números 2 ilustra a tendência periódica de Deus de reorganizar o baralho de autoridade entre o povo de Deus. A tribo Ruben gozava de proeminência como o primogênito dos filhos de Jacó. Mas essa posição não era de forma alguma garantida para sempre....

"4. A recitação quase monótona dos grupos tribais no acampamento serve para criar uma atmosfera de obediência cuidadosa e meticulosa aos mandamentos de Deus. ..." [42]

A localização e número dos levitas e primogênitos de Israel cap. 3

Observe a recorrência de uma palavra-chave no Pentateuco no versículo 1: *toledot* .

"Pela primeira vez após os eventos formativos da libertação do Êxodo e da revelação no Monte Sinai, o povo de Israel está organizado em um povo santo em marcha sob a liderança de Aarão e Moisés com os sacerdotes e levitas no centro do acampamento. Todo um novo capítulo foi aberto na vida do povo de Israel, e este novo começo é marcado pela fórmula toledot. " [43]

Deus isentou os levitas do confronto militar com os inimigos de Israel. Ele fez isso porque escolheu toda a tribo para ajudar os *sacerdotes* , a

"família" de Arão dentro da tribo de Levi, no serviço do santuário (vv. 5-9). Os "deveres" dos levitas
eram: *guardar* ("guardar") as "coisas sagradas" ("móveis" do tabernáculo) da afronta (violação, contaminação de) pessoas tolas, e *cuidar* ("serviço de") dos coisas sagradas. [44]

"Os levitas ministravam aos sacerdotes (3: 6) principalmente nos elementos externos dos serviços de adoração, enquanto os sacerdotes realizavam os exercícios cerimoniais do próprio culto." [45]

Deus santificou o serviço levítico. Qualquer israelita que não fosse levita, que fizesse

essa obra, seria executado (vv. 10, 38).

Na primeira noite de Páscoa no Egito, Deus separou "todos" os "primogênitos" dos israelitas ("filhos de Israel"), o homem e a besta ("de homem a besta"), para Si mesmo (vv. 12-13) . Ele fez isso quando escolheu Israel como Seu "filho primogênito (isto é, privilegiado)". Daquele dia até aquele que este capítulo registra, os israelitas tiveram que dedicar "todos" os seus filhos "primogênitos" para o serviço do santuário, e seus animais "primogênitos" (gado, ovelhas, cabras) como sacrifícios. Agora Deus escolheu os levitas e seus animais, para tomar o lugar do "primogênito" da nação inteira. Deus

concedeu este privilégio aos levitas porque eles *permaneceram com Deus* quando o resto da nação apostatou por adorar o bezerro de ouro (Êxodo 32: 26-29).

"O poder de um povo reside no nascimento de sua progênie e, portanto, um grande valor foi colocado no primeiro filho a nascer - um valor tão grande, de fato, que em muitas nações o filho mais velho foi sacrificado aos deuses. " [46]

As responsabilidades do tabernáculo de cada grupo eram as seguintes:

Gershonitas	software (cortinas e coberturas; vv. 21-26)

Kohathites	móveis e utensílios (vv. 27-32)
Meraritas	hardware (placas e barras; vv. 33-37)

"Eu acredito que a arca e o propiciatório foram colocados contra o véu, não contra a parede de trás [do Santo dos Santos]. Isso significa que quando o sumo sacerdote entrou no Santo dos Santos, ele se virou e olhou para o leste enquanto ele aspergia o sangue sobre o propiciatório. O sumo sacerdote fazia isso apenas em um dia do ano. Nesse dia da mudança, eles não entraram no véu. O véu era sustentado por

anéis e o sumo sacerdote o deixava para baixo e, em seguida, colocariam o véu sobre o propiciatório e a arca. Em seguida, eles colocariam o pano de linho em torno dele e de suas outras coberturas e, finalmente, colocariam em torno dela a cobertura externa do tabernáculo. todos os vasos foram embrulhados, os coatitas foram autorizados a entrar. " [47]

O número total de levitas "machos" de "um mês para cima" era "22.000" (v. 39), tornando-se a menor tribo de Israel de longe. [48] O fato de que este número não some usando os totais nos versos 22 ("Gershon, 7.500"), 28 ("Kohath, 8.600") e 34 ("Merari, 6.200"),

pode ser o resultado de uma "corrupção textual", [49] em particular um "erro de copista". [50] O versículo 28 provavelmente lê 8.300 originalmente.

"3 (hebraico *sls*) poderia facilmente ter sido corrompido em 6 (*ss*)." [51]

"Certamente parece que o nível 22.000 é o total correto, pois o versículo 43 diz que o número de primogênitos em *todas* as tribos era 22.273, e o versículo 46 diz que eram 273 a mais do que os homens levitas." [52]

Moisés então contou todos os homens "primogênitos" nas outras tribos, de um mês para cima. Havia 22.273 deles (v. 43). Evidentemente, eles

nasceram logo após o Êxodo (cf. 1.45-46). Deus "tomou" (substituiu) 22.000 dos levitas em seu lugar (v. 45). Ele especificou o preço de resgate dos "273" restantes (o "número restante", supérfluo, de homens israelitas não substituídos por levitas). Ou seja, os israelitas tiveram que pagar "cinco siclos" aos sacerdotes para cada um desses homens (vv. 46-48). Isso os libertou da reivindicação de Deus sobre eles para o serviço do santuário (cf. 1 Pedro 1: 18-19).

"Teologicamente, a seção como um todo explora o tema da santidade de Deus. Vista de uma maneira, a hierarquia sacerdotal é um meio de proteger Israel da santidade

divina. A introdução de outra ordem sagrada entre os sacerdotes e o povo enfatiza a diferença entre a falibilidade do homem e a perfeição de Deus. ... Vista de outra maneira, a hierarquia constitui o canal reconhecido por meio do qual Deus traz estabilidade e bem-estar ao seu povo. " [53]

"Os levitas, os guardiões da morada de Yahweh, deviam cercar o Tabernáculo. Eles eram particularmente próximos, tanto na localização quanto na função, porque representavam o primogênito de Israel a quem Yahweh poupou no Êxodo (3: 12-13, 44- 45; 8: 5-26). Era sua responsabilidade atender ao santuário (capítulo 4), pois é sempre o ministério do filho

mais velho servir a seu pai e proteger seus interesses. " [54]

O número de levitas no serviço do tabernáculo, cap. 4

Moisés não organizou as três famílias levíticas, no texto aqui, na ordem das idades de seus fundadores. Ele os organizou na ordem da *santidade* dos artigos que administraram.

Os *coatitas* ("descendentes" ou "filhos de Coate") - que incluíam Moisés, Arão e os sacerdotes - estavam encarregados da mobília do tabernáculo ("mobília"), incluindo a "arca". Deus disse a eles como *preparar* as várias peças de mobília para a viagem e como "carregá-las". Os

sacerdotes ("Aarão e seus filhos") embrulharam os artigos de mobília, exceto a pia, em várias, especialmente prescritas "tecidos escarlates" e "azuis" e ou " peles de toninha [" amarelo-laranja " [55]]," e então os outros coatitas os carregaram. As cores das coberturas, assim como sua ordem na marcha, indicavam o grau de santidade de cada item sagrado.

"... deve-se notar que a arca deveria ter o pano azul (" violeta ") colocado *sobre* as peles [v. 6], não *embaixo* como com as outras coisas sagradas (vv. 7-10). Por tais meios a arca pode ser distinguida na marcha (cf. 10:33). " [56]

Tocar em um móvel sagrado, ou mesmo olhar para um, resultaria em *morte* certa ("para que eles não toquem nos *objetos* sagrados e morram ... eles não devem entrar para ver os *objetos* sagrados nem por um momento, ou eles irão morrer "; vv. 15, 20). Isso *nos* ensina que mesmo nós na época do Novo Testamento não devemos considerar as coisas mais intimamente associadas a Deus como comuns ou comuns, mas dar-lhes consideração especial e profundo respeito. Os óleos ("óleo para a luz" e "óleo da unção"), "incenso aromático" e a farinha para a refeição diária ("grão contínuo") "oferta", eram de responsabilidade especial de

Eleazar, o herdeiro do alto ofício do sacerdote (v. 16).Deus também explicou as responsabilidades dos *gersonitas*(vv. 21-28) e os *meraritas* (vv. 29-33).

Havia "8.580" levitas aptos para o serviço (v. 48). Um levita tinha que ter pelo menos ("de") "30 anos (e para cima)", e não mais do que ("até") "50 anos de idade", a fim de participar desses atos de ministério (cf. 8 : 23-26).

"O serviço de Deus requer o melhor de nossas forças e o melhor de nosso tempo, que não pode ser mais bem gasto do que para a honra daquele que é o primeiro e o melhor. E um homem pode ser um bom

soldado muito antes do que um bom ministro." [57]

"A verdade é que todo trabalho no reino de Deus é serviço real, embora sem ostentação e, do ponto de vista humano, humilde e insignificante." [58]

"O sentido de ordem e organização já observado neste livro atinge seu ponto mais alto neste capítulo. Novamente, observamos que o padrão padrão na prosa hebraica é um movimento do geral para o específico, do amplo para o particular. 1—4 seguem este conceito muito bem. ... Os capítulos mudaram da nação como um todo para as famílias particulares da tribo que tem a responsabilidade de manter os símbolos da adoração de Israel

ao Senhor. Cada capítulo fica mais específico, mais restrito em foco, com ênfase central na adoração ao Senhor na Tenda do Encontro. " [59]

"Os capítulos [isto é, 3-4] também nos lembram que nem todo mundo tem os mesmos fardos para carregar. ... Existem alguns fardos que podemos compartilhar (Gal. 6: 2), mas existem outros fardos que só nós podemos suportar ([Gal. 6:] v. 5). " [60]

Uma ênfase proeminente neste livro aparece novamente no final deste capítulo (v. 51). Moisés cumpriu os mandamentos do Senhor exatamente (cf. 1:54; 3: 33-34; 4:42; Heb. 3: 5).

2. Comandos e rituais a serem observados na preparação para entrar na terra, chs. 5-9

Deus deu as seguintes leis para manter a santidade na nação, para que pudesse continuar a habitar entre Seu povo e abençoá-los. Isso era particularmente importante, porque Israel logo partiria do Sinai para entrar na Terra Prometida, na qual ela precisaria ser sagrada para vencer seus inimigos. Esses eram requisitos para toda a nação, não apenas para os sacerdotes.

"O foco muda de salvaguardar a santidade entre o clero para salvaguardar a santidade entre os leigos." [61]

"Entre a promessa do pacto e a posse do pacto estava um processo de jornada rigorosa através da oposição hostil do terreno e do terror. Israel tinha que entender que a ocupação da terra só poderia ser alcançada por meio de muito trabalho, pois Canaã, como a própria criação, estava sob domínio estrangeiro e teve que ser arrancado à força, pelo braço forte de Yahweh, que lutaria em nome de Seu povo. " [62]

Observe a importância de relacionamentos interpessoais adequados nesses capítulos.

Santidade entre o povo chs. 5-6

Esses capítulos são semelhantes ao que lemos em Levítico, pois explicam a importância da *santidade* entre os israelitas.

"Muito provavelmente, o fio que une toda a miscelânea jurídica dos capítulos 5 a 6 é o padre, que desempenha um papel proeminente em cada caso." [63]

A pureza do acampamento 5: 1-4

"O propósito do escritor é mostrar que neste ponto da narrativa, os líderes de Israel, Moisés e Arão, estavam seguindo a vontade de Deus e o povo os seguia obedientemente. Este tema não vai continuar por muito tempo,

entretanto. A narrativa logo mudará um canto e começar a mostrar que o povo rapidamente se desviou do caminho de Deus e, com seus líderes, Moisés e Arão, falhou em continuar a confiar em Deus. " [64]

Deus ordenou que indivíduos que eram cerimonialmente impuros não vivessem dentro de suas comunidades tribais, mas residissem nos arredores do acampamento durante sua impureza. A razão para este regulamento não foi qualquer discriminação contra essas pessoas com base na inferioridade pessoal. Era a necessidade de separar os impuros, enquanto eram impuros, do santo Deus de

Israel que habitava no centro do acampamento. Quanto mais se vivia de Deus, maior era sua necessidade de santidade pessoal. Em vista das outras passagens que tratam de leprosos, pessoas com alta e pessoas que são impuras por causa de uma pessoa morta (ou seja, Lv 13; 15; Nm 19), a exigência de que essas pessoas sejam excluídas do acampamento deve referem-se a casos extremos. [65]

"Os rabinos tinham um ditado que chegou ao mundo ocidental moderno através da pregação de John Wesley e Matthew Henry, 'Limpeza é quase divina', que capta essa sugestão de inseparabilidade." [66]

"Este é o princípio básico da disciplina, que o próprio Santo estando no acampamento, o acampamento deve ser santo. Este princípio se aplica à Igreja hoje." [67]

Tem havido muitas explicações sobre o fundamento lógico para as leis de impureza de Israel, mas a que mais me atrai é que o que tornava alguém ou algo impuro tinha alguma conexão com a morte. [68]

Traição contra os outros e Deus 5: 5-10

Para enfatizar a importância de manter relacionamentos interpessoais adequados dentro do acampamento, Moisés repetiu a lei sobre a restituição e compensação por uma ofensa

contra o próximo aqui (cf. Lv 5: 14-6: 7; Mt 5: 23-24) A expressão "pecados da humanidade" (v. 6) pode se referir tanto aos pecados cometidos *por* um ser humano, quanto aos pecados cometidos *contra* um ser humano. [69] O contexto favorece a última opção.

“O caso é o de uma pessoa que fraudou seu companheiro e depois o negou sob juramento. ' [70]

As instruções adicionadas cobriram outro caso. Era uma pessoa que não podia cumprir suas responsabilidades porque a pessoa contra quem cometeu a transgressão, ou seu parente próximo, havia morrido ou não existia. Nesse caso, o culpado

tinha que fazer "restituição" e indenização aos sacerdotes (v. 8).

As ofensas contra o próximo (cf. Lv 6: 1-7) exigiam expiação, porque constituíam atos de "infidelidade" a Deus (v. 6). Os israelitas tinham que manter relacionamentos *horizon tais* adequados com seus vizinhos - a fim de manter um relacionamento *vertical* ade quado com Yahweh (cf. Mt 5: 23-24).

"O ponto é claro - os erros cometidos contra o povo de Deus foram considerados erros cometidos contra o próprio Deus." [71]

"Desta forma, o Senhor ensinou a Seu povo que o pecado é caro

e fere as pessoas, e que o verdadeiro arrependimento exige uma restituição honesta." [72]

A lei do ciúme 5: 11-31

O ponto desta seção é: a importância de manter a pureza no relacionamento do casamento a fim de preservar a bênção de Deus sobre Israel. O casamento é o relacionamento interpessoal mais básico.

Nos versículos 11-15, o escritor explicou os primeiros passos que um homem israelita que suspeitasse de infidelidade de sua esposa deveria dar. A oferta (v. 15) era uma oferta de refeição especial, "uma oferta de cereais em memória". Normalmente o grão usado na

oferta de farinha era trigo moído em farinha fina, mas neste caso o homem apresentou farinha de "cevada". A cevada custa apenas a metade do preço do trigo (2 Reis 7: 1, 16, 18). Era a comida dos pobres e do gado no antigo Oriente Próximo (Juízes 7:13; 1 Reis 5: 8 [*sic* 4:28]; 2 Reis 4:42; Ez 4:12). Pode ter representado, "... a reputação questionável em que a mulher se posicionou, ou o caráter ambíguo e suspeito de sua conduta." [73]

A oferta de farinha, é claro, representava as obras que um indivíduo apresentava a Deus. Nesse caso, foi também uma oferta que o homem deu em “ciúme”, como um “memorial” ou lembrança. Isso significa que

ele o apresentou para trazer o crime de sua esposa à *memória do Senhor* , para que Ele pudesse julgá-lo.

O "vaso de barro" no qual o sacerdote derramava a água da pia tinha pouco valor em relação aos outros utensílios do santuário. Era, portanto, um recipiente adequado para este teste. O "pó" que ele adicionou à água provavelmente simbolizava a *maldição do pecado* . É o que causa tristeza aos humanos enquanto eles labutam para viver por causa da maldição do pecado. Outra possibilidade é que o pó foi projetado para lembrar aos israelitas a origem humilde do homem (Gênesis 2: 7) e seu destino final: a morte (Salmos

22:15). [74] A visão rabínica sustentava que a poeira vinha do chão do edifício do tabernáculo (ou seja, o lugar sagrado). [75]

"Visto que esse pó está na presença de Deus, ele é sagrado. Como já foi dito, aquele que é impuro corre grande perigo na presença do sagrado." [76]

A liberação do cabelo da mulher, que normalmente estava preso, representou a perda temporária de sua glória (ou seja, sua boa reputação). Outras possibilidades são que simbolizava sua abertura, [77] luto (cf. Lev. 10: 6; 21:10; Ez. 24:17), [78] ou impureza (Lev. 13:45). [79]

O médico / professor de Bíblia MR DeHaan ofereceu uma explicação natural, em oposição a uma explicação sobrenatural do que aconteceu neste julgamento por provação, que capturou a imaginação de alguns evangélicos. Ele acreditava que a água tratada (teste) que a mulher bebia, reagia à composição química dos sucos em seu aparelho digestivo ("causa [d] amargor"), que havia se tornado anormal por causa de sua culpa. A ciência estabeleceu que certas emoções e distúrbios nervosos mudam a composição química de nossas secreções corporais. Embora isso possa ser o que produziu os sintomas descritos no texto, DeHaan errou, eu acredito, ao interpretar o "pó"

(v. 17) que o sacerdote misturou com a água como uma "erva amarga".

"Acreditamos que, se soubéssemos a identidade da erva amarga que Moisés usou, o mesmo teste funcionaria hoje." [80]

Os sintomas físicos do julgamento de Deus sobre a mulher, se ela era culpada (vv. 23, 27), apontam para uma aflição especial - em vez de uma das doenças naturais que atingiram os israelitas. Josefo disse que era hidropisia comum. [81] Isso parece improvável, tendo em vista como Moisés descreveu sua condição. Merrill acreditava que seu sentimento de culpa produziu uma reação

psicossomática. [82] Noordtzij concluiu que a gravidez da mulher resultou em um aborto espontâneo porque a água amarga destruiu o feto. [83] Milgrom acreditava que seus órgãos procriativos foram tão afetados que ela não podia mais ter filhos. [84] É interessante, seja qual for a causa, que o castigo recaiu sobre os próprios órgãos que haviam sido os instrumentos do pecado da mulher.

"A coxa é freqüentemente usada como eufemismo para os órgãos sexuais." [85]

"A explicação mais provável para a frase ['e fazer seu abdômen inchar e sua coxa definhar'] ... é que a mulher sofre um colapso dos órgãos

sexuais conhecido como prolapso do útero. Nessa condição, que pode ocorrer após gestações múltiplas , o assoalho pélvico (enfraquecido pela gravidez) entra em colapso e o útero literalmente cai. Ele pode se alojar na vagina ou pode realmente cair para fora do corpo pela vagina. Se isso acontecer, torna-se edematoso e incha como um balão. A concepção torna-se impossível, e a vida procriativa da mulher efetivamente terminou ... " [86]

Aparentemente, os tradutores da Nova Versão Padrão Revisada aceitaram o ponto de vista descrito acima, uma vez que traduziram a frase em questão: "quando o L ORD fizer

seu útero descarregar, ... seu útero cair!" (vv. 21-22, et al.).

Os versículos 23-28 explicam atos adicionais que aconteceriam antes de a mulher beber a água. Eles não estão em sequência cronológica com os versículos 16-22. Beber a água era a última etapa do ritual, que acontecia no pátio do tabernáculo.

"O pensamento expresso aqui é que aquilo que está escrito é dissolvido na água e confere à água o poder inerente às palavras para que a água possa realizar aquilo de que falam as palavras (devemos lembrar isso para Israel e os antigos As palavras do mundo oriental eram mais do que sons; elas tinham poder). " [87]

"O julgamento ritual da Sotah [suspeita de adúltera] terminou com a ingestão da poção. Nada mais foi feito, e podemos supor que a mulher voltou para casa para aguardar os resultados em algum momento futuro." [88]

O homem a quem Moisés se referiu no versículo 31 é "o homem" que acusou sua esposa de infidelidade. Ele não incorreu em culpa diante de Deus por ter ciúme da fidelidade de sua esposa.

Este caso levanta algumas questões: Por que apenas a mulher foi punida se ela havia sido infiel? A resposta parece ser que seu companheiro masculino no pecado era desconhecido. Se ela provou ser infiel, e o adúltero foi

identificável, ambos os parceiros deveriam ter sofrido a morte por apedrejamento (Lv 20:10).

Que tal uma esposa que suspeitasse que seu marido havia sido infiel a ela? Ela não tinha o mesmo recurso que o marido? Evidentemente, ela não o fez. Os israelitas deviam observar a linha de autoridade revelada de Deus consistentemente. O homem era diretamente responsável perante Deus, mas a mulher era diretamente responsável perante o pai (se não fosse casada) ou o marido (se fosse casada). Assim, a esposa era responsável por seu marido de uma maneira que o marido não era responsável por sua esposa.

Isso não significa que a infidelidade conjugal fosse um pecado pior para a esposa do que para o marido. Simplesmente explica como Deus queria que os israelitas lidassem com a infidelidade no caso de uma esposa. Talvez o próprio Deus reteve a responsabilidade de julgar um marido que era infiel à sua esposa (cf. Hb 13: 4).

Por que o marido não foi punido se a acusação contra a esposa se revelou infundada? O dano à sua reputação não exigiu alguma compensação? Talvez a prova de inocência dela fosse considerada um castigo com vergonha para ele e uma compensação adequada para ela.

Este procedimento protegeu a esposa de um marido extremamente ciumento, que poderia continuar a acusá-la. Ele sofreria vergonha por sua inocência comprovada, e embaraço público, já que aquela era uma cerimônia pública.

"Esta legislação proíbe o castigo humano de uma mulher apenas com base na suspeita e, de fato, a protege do que poderia ser uma sentença de morte nas mãos da comunidade." [89]

"O engano conjugal é uma questão de tal gravidade que a verdade deve ser descoberta. É prejudicial para a santidade da comunidade em geral e destrói uma das bases da vida comunitária." [90]

"... esta jurisprudência em particular está incluída aqui porque dá outra ilustração do envolvimento pessoal de Deus na restituição pelo pecado da nação. Dentro da aliança de Deus com Israel, não poderia haver pecado oculto entre o povo de Deus nem qualquer suspeita oculta de pecado.

"A lei do ciúme mostra que, por meio do papel do sacerdote, Deus estava trabalhando ativamente na nação e que nenhum pecado de qualquer tipo poderia ser tolerado entre o povo santo de Deus." [91]

Manter a pureza no casamento é igualmente essencial para assegurar a bênção de Deus na *igreja* (cf. 1 Pe 3: 7; Hb 13: 4).

O voto do nazireu 6: 1-21

"Depois da lei para a descoberta e vergonha daqueles que pelo pecado se tornaram vis [em 5: 11-31], segue-se esta para a direção e encorajamento daqueles que por sua eminente piedade e devoção se tornaram honrados." [92]

A ênfase nesta seção continua a ser a importância de manter a pureza no acampamento, para que a bênção de Deus sobre Israel possa continuar inabalável.

O "nazireu" (da raiz hebraica *nazar* , que significa "separar") ilustrava o caráter consagrado de todos os israelitas, e da nação como um

todo, de maneira especialmente visível.

O "voto de separação" nazireu normalmente era *temporário* . Existem dois exemplos bíblicos de homens que podem ter sido nazireus por toda a vida - Sansão e Samuel. João Batista pode ter sido um terceiro caso, mas não sabemos ao certo se ele viveu como nazireu antes de iniciar seu ministério público. Este "voto de separação" também era normalmente *voluntário* .
Qualquer homem ou mulher pode fazer este voto, que envolve dedicação ao serviço de Deus. O voto em si exigia três compromissos. Estes não eram o voto em si, mas

surgiram a partir dele como conseqüências:

1. O separado se absteve de todo e qualquer fruto da "videira" (v. 4). Talvez Deus ordenou isso porque: "... seu fruto era considerado a soma e a substância de todo gozo sensual." [93] Outras passagens ligam a bebida forte (vinho ou licor forte) com a negligência da lei de Deus (por exemplo, Gênesis 9: 20-27; 19: 32-38; Provérbios 31: 4-6; Hab. 2: 5)

   "Em si mesma, a cultura do vinho era considerada boa - os israelitas consideravam a colheita de seus vinhedos uma bênção - mas também havia um lado perigoso: a possibilidade de cair em um estilo de vida pagão." [94]

2. O nazireu era obrigado a deixar seu cabelo *sem cortar* ("nenhuma navalha passará sobre sua cabeça ... ele deve deixar as mechas de cabelo em sua cabeça crescerem"; v. 5). O significado desta restrição teve muitas interpretações por parte dos comentaristas, assim como as outras restrições. A explicação mais provável, creio eu, conecta-se com o fato de que o cabelo representa a força e vitalidade do indivíduo (cf. Juízes 16:17; 1 Sam. 1:11; 2 Sam. 14: 25-26). [95] O *cabelo comprido* do nazireu teria simbolizado a dedicação da força e do vigor do nazireu a Deus.

"Também pode ter havido uma razão negativa [para] essa prescrição. Em muitas nações dessa época, as pessoas devotavam seus cabelos aos deuses." [96]

“O cabelo é representativo da própria vida, pois só um homem vivo produz cabelo. Ele o ofereceu, portanto, no lugar de seu próprio corpo, como sinal de que ele mesmo era um 'sacrifício vivo, santo e agradável a Deus'. " [97]

"O cabelo não cortado do nazireu é verdadeiramente sua distinção (Juízes 16:12; 1 Sam. 1:11)." [98]

3. O terceiro compromisso era evitar qualquer contato físico com um cadáver humano ("não

se aproxime de um morto"). Esta é talvez a restrição mais fácil de explicar. Parece que, uma vez que o nazireu se dedicou a um período de separação de Deus e do pecado, ele deveria evitar o contato com o produto do pecado, a saber, a *morte* . Talvez, também, visto que a morte era uma condição anormal, o contato com cadáveres causasse contaminação. Milgrom afirmou que os antigos orientais comumente acreditavam "que a impureza podia ser contraída pela visão [de um cadáver] assim como pelo toque, especialmente por pessoas sagradas". [99]

Se o nazireu quebrasse seu voto sem culpa, ele tinha que seguir o ritual prescrito para a purificação e então começar o período de seu voto novamente (vv. 9-12).

"... havia o reconhecimento de que algumas coisas na vida substituíam os requisitos do voto. Se alguém morresse repentinamente na presença de alguém, por exemplo, o voto poderia ser temporariamente suspenso (v. 9). Depois de passada a emergência, havia provisões para completar o voto (vv. 10-12ss). " [100]

O nazireu não se retirou da sociedade, exceto nas particularidades dessas restrições. Ele viveu uma vida ativa de serviço em Israel. Sua

dedicação a Deus não o removeu da sociedade, mas afetou
sua *motivação* e *atividades* enq uanto vivia.

O nazireu viveu *como sacerdote* temporariamente, no sentido de que vivia sob leis de santidade mais rígidas e servia a Deus mais diretamente do que outros israelitas. Seu serviço não era geralmente o mesmo que o dos sacerdotes, mas às vezes envolvia algum serviço no santuário, bem como outros tipos de serviço (por exemplo, Samuel).

"Esta lei mostra especificamente que havia disposições não apenas para o sacerdote, mas para todos os membros do povo de Deus se

comprometerem totalmente com Deus. A santidade completa não era a única prerrogativa do sacerdócio ou dos levitas. O voto nazireu mostra que mesmo os leigos, homens e mulheres na vida cotidiana, poderiam entrar em um estado de devoção completa a Deus. Assim, este segmento do texto ensina que qualquer pessoa na nação de Deus pode estar totalmente comprometida com a santidade. " [101]

Quando o tempo do voto do nazireu expirou, ele teve que passar por um ritual prescrito chamado "a lei do nazireu" (vv. 13, 21). *Queimar seu cabelo cortado* no altar de bronze sob sua oferta pacífica (v. 18)

provavelmente simbolizava dar (dedicar) a Deus a força e o vigor que ele havia anteriormente empregado em Seu serviço. Também garantiu que ninguém usasse mal seu cabelo, possivelmente em um ritual pagão. O nazireu comeu parte de sua "oferta pelo cumprimento do voto" (v. 19). Ele, assim, desfrutou fisicamente de parte dos frutos de sua dedicação a Deus.

"Ninguém é salvo fazendo e mantendo um voto. A salvação é um presente de Deus para aqueles que crêem, não uma recompensa para aqueles que se comportam." [102]

Deus não exigia a emissão de votos sob a Lei mosaica (cf. Lv 27). Conseqüentemente, o fato

de Paulo ter feito um voto de nazireu (Atos 18:18) e pagar as despesas de outros que o fizeram (Atos 21:26) não indica que ele estava vivendo sob a Lei de Moisés. Ele estava simplesmente praticando um costume judaico, que prevaleceu na Era da Igreja, já que a Lei Mosaica regulamentava esse costume. Ele fez isso para ganhar judeus para Jesus Cristo, não porque, como judeu cristão, estivesse sob a Lei mosaica (1Co 9: 19-23) - ele não estava.

"Dificilmente se pode negar que há uma necessidade desesperada na igreja hoje de tal liderança, de homens totalmente entregues a Deus para os Seus propósitos - não

homens de zelo fanático (que muitas vezes podem ser carnais e até diabólicos), mas homens de fogo controlado, homens que podem verdadeiramente dizer: 'Uma coisa eu faço' (Fp 3:13), homens de quem pode ser dito que o amor de Cristo os constrange, dando a suas vidas profundidade, impulso e direção no serviço de Deus. " [103]

Embora Jesus não fosse um nazireu, Ele exemplificou como os dedicados a Deus deveriam se comportar, independentemente de quando vivessem.

Lembre-se de que os cristãos não estão sob a Lei mosaica (Marcos 7: 18-19; Atos 10: 12-15; 15: 19-20; Rom. 7: 1-4; 10: 4; 14:17; 1 Cor. 8 : 8; Gal. 3:24;

4: 9-11; Col. 2: 16-17; Heb. 7:12; 9: 8-12). Alguns professores cristãos bem-intencionados, ao longo dos séculos, têm confundido muitos crentes, incentivando-os a se submeter a certos regulamentos que são exclusivos da Lei mosaica. Isso é legalismo. Se alguém opta por não comer carne de porco, por exemplo, por motivos de saúde, a decisão é inteiramente dele. Mas se essa pessoa pensa que será mais agradável a Deus por não fazê-lo, está enganada (cf. Atos 10; 1Tm 4: 1-5). Há mais liberdade pessoal sob a Nova Aliança do que sob a Antiga.

A bênção Aarônica 6: 22-27

A localização desta bênção (ou desejo piedoso) neste contexto indica que uma das tarefas centrais do sacerdote era ser uma fonte de *bênção* para o povo de Deus. Essa bênção, como a legislação nazireu anterior, trata da purificação de Israel. Enquanto a nação se preparava para avançar em direção à Terra Prometida, Deus deu esta bênção aos sacerdotes para oferecerem pela santificação do povo. A vontade de Deus era abençoar todo o Seu povo, não apenas os nazireus. Os sacerdotes foram os mediadores desta bênção de Deus aos israelitas.

"Enquanto os nazireus geralmente cumpriam seus votos por um curto período, os

sacerdotes estavam sempre lá pronunciando essa bênção no encerramento do serviço matinal diário no templo e mais tarde nas sinagogas." [104]

Essa bênção é tripla e cada segmento continha duas partes. Em cada linha de poesia, a segunda parte era uma aplicação particular do pedido geral formulado na primeira parte. A primeira parte *esperava* a ação de Deus, que resultaria no benefício do povo na segunda parte. As três bênçãos foram cada vez mais enfáticas. Até a estrutura da bênção em hebraico é engenhosa. A linha um consiste em 15 letras (3 palavras), a linha dois de 20 letras (5

palavras) e a linha três de 25 letras (7 palavras).

"Cada uma das três cláusulas, de uma maneira diferente, expressa o compromisso de Deus com Israel - um compromisso que promete segurança terrena, prosperidade e bem-estar geral." [105]

A primeira bênção é a mais geral ("O SENHOR te abençoe e te guarde"; v. 24). A "bênção" de *Deus* é *Sua bondade derramada* . O sacerdote o invocava, não apenas para prover para o Seu povo, mas para defendê-los ("guardar", guardá-los) de todo o mal (cf. Mt 6.13).

A segunda bênção é mais específica ("O SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti"; v. 25). A "face" de Deus é a revelação de Sua personalidade (isto é, Ele mesmo) às pessoas. Ele irradia como o fogo, consumindo o mal e conferindo luz e calor, e brilha como o sol, promovendo a vida. A graciosidade de Deus se refere à manifestação de Seu favor e graça nos eventos da vida.

A terceira bênção é a mais específica ("O SENHOR levanta o rosto sobre ti e te dá paz"; v. 26). "Elevar o semblante" refere-se a *manifestar poder* . Os sacerdotes, ao pronunciar essa bênção,

estariam apelando a Deus para manifestar Seu "poder" para Seu povo. Especificamente, isso produziria "paz" (hebraico *shalom*). "Shalom" não significa simplesmente a ausência de agravamento; é *a soma de todas as bênçãos de Deus* .

“Os dois elementos principais do oráculo são 'graça e paz'. É provável que o apóstolo Paulo baseou suas saudações neste oráculo. " [106]

"As escavações de uma tumba com vista para o Vale Hinom em Jerusalém [Ketef Hinom, 1979] trouxeram à luz um pequeno rolo de prata contendo uma pequena inscrição com as palavras da bênção sacerdotal de Números 6: 24-26. Isso lança

luz sobre a ortografia hebraica e morfologia. Além disso, sua data (ca. século sétimo aC) precede em muito a composição do documento P da bolsa de estudos histórico-crítica (450 aC), minando assim a hipótese a esse grau. " [107]

Um escritor sugeriu a seguinte tradução alternativa do versículo 27:

"E quando me chamarem de Altíssimo dos Israelitas, eu, da minha parte, os abençoarei." [108]

Esta tradução parece capturar o *espírito* da promessa de Deus nesta bênção. Essa bênção sempre foi uma parte muito importante da adoração de

Israel, até os dias atuais, no judaísmo.

"Este foi um tipo de missão de Cristo ao mundo, que era para *nos abençoar* (Atos 3:26), como o sumo sacerdote de nossa profissão." [109]

"... a bênção do sumo sacerdote era pronunciada sempre que a nação de Israel se reunia para adoração e sacrifício coletivo, bem como quando o israelita individual trazia sacrifícios para o L ORD . A natureza da bênção era de um oráculo, uma palavra certa de Deus que Ele havia aceitado o sacrifício e estava satisfeito com o adorador. O conteúdo da bênção era proteção, tratamento gracioso e paz com Deus, o que certamente produzia o efeito de

alegria, segurança e confiança por parte do povo. " [110]

"Algumas pessoas sugerem que apenas a oração espontânea é a oração 'real'; versículos como esses mostram que tal sentimento não é correto." [111]

"... a bênção Aarônica conclui a seção do texto que trata da maior parte da legislação sacerdotal de Israel e, implicitamente, promete que se essas leis forem mantidas, a bênção de Deus se seguirá. O material nesta seção principal (Lev. 1 - Num . 6) ocorre entre a data da construção do tabernáculo e o movimento do acampamento cerca de cinquenta dias depois (Nm 10:11). " [112]

A dedicação do tabernáculo chs. 7-9

A revelação de ordenanças e instruções destinadas a aumentar a santificação espiritual dos israelitas em sua jornada para a Terra Prometida termina no capítulo 6. A narrativa dos eventos que ocorreram pouco antes de a nação começar a marchar é retomada no capítulo 7. Cronologicamente, capítulos 7 a 9 preceda os capítulos 1–6.

As ofertas na dedicação ch. 7

A "apresentação" registrada neste capítulo - uma cerimônia elaborada de ofertas dedicatórias com duração de 12 dias - retrocede

cronologicamente e ocorreu na época em que os israelitas dedicaram o tabernáculo e o altar de bronze (vv. 1-2; cf. Lev. 8 : 10).

"O objetivo desta seção da narrativa é mostrar que como o povo foi generoso em contribuir para a construção do tabernáculo (Êx 35,4-29), agora eles mostraram a mesma generosidade em sua dedicação." [113]

Primeiro, as 12 tribos israelitas apresentaram como um presente de contribuição "seis carroças (carroças cobertas)" e "12 bois" aos levitas meraritas e gersonitas, para usar em seu serviço de transporte dos materiais do tabernáculo (vv. 1-9) . Dos seis carroções, os

gersonitas receberam dois carros e os meraritas quatro. Os coatitas não precisavam de carroças, visto que carregavam os móveis do santuário com varas nos ombros (cf. 2 Sam. 6: 3, 7-8).

"Observe aqui, como [*sic*] Deus sabiamente e graciosamente ordenou mais força para aqueles que tinham mais trabalho." [114]

Dia no segundo ano [115]	**Evento**	**Texto**
Dia 1, primeiro mês	Conclusão do tabernáculo	Exod. 40: 2; Num. 7 : 1

	Começam as leis para ofertas	Lev. 1: 1
	As ofertas para o altar começam	Num. 7: 3
	Começa a ordenação de padres	Lev. 8: 1
Dia 8, primeiro mês	Ordenação de padres concluída	Lev. 9: 1
Dia 12, primeiro mês	Ofertas para altar concluídas	Num. 7:78
	Nomeação de Levitas	Num. 8: 5
Dia 14, primeiro mês	Segunda páscoa	Num. 9: 2

Dia 1, segundo mês	Censo começa	Num. 1: 1
Dia 14, segundo mês	Páscoa para os impuros	Num. 9:11
Dia 20, segundo mês	A nuvem se move, o acampamento começa sua jornada	Num. 10: 11

Esta longa seção - este capítulo é o segundo mais longo da Bíblia - registra a apresentação de presentes para o altar (v. 10) por cada príncipe tribal (vv. 12-88). O capítulo mais longo da Bíblia é o Salmo 119. Os israelitas espalharam a apresentação por 12 dias, um

por dia, porque demorava um dia inteiro para receber e sacrificar o que cada tribo apresentava.

Cada tribo ofereceu exatamente os mesmos presentes: "um prato de prata" e "uma tigela de prata", cada "cheio de farinha fina misturada com óleo", "uma panela de ouro cheia de incenso", um "touro" de um ano, "carneiro" , "e" cordeiro "(" para holocausto ")," bode "(" para oferta pelo pecado ")," dois bois "," cinco carneiros "," cinco bodes "," cinco cordeiros "(para" ofertas pacíficas ") Nenhuma tribo era superior ou inferior às outras neste aspecto. Cada um tinha o mesmo privilégio e

responsabilidade diante de Deus de adorá-Lo e servi-Lo.

Moisés registrou fielmente a apresentação de cada presente, embora o registro seja repetitivo e seja lido de forma redundante, provavelmente porque cada presente tinha igual valor diante de Deus (cf. Hb 6.10).

"O relato pode nos parecer repetitivo, mas esse tipo de fórmula era usado por pessoas no antigo mundo oriental para refletir uma alegria cada vez maior: veja quanto essas pessoas deram pelo seu altar!" [116]

"A passagem foi projetada para ser lida em voz alta de maneira lenta e imponente. À medida

que cada líder tribal e sua tribo eram mencionados, os membros dessa tribo teriam um prazer especial. Cada um sentiria: 'Estes foram os nossos presentes. Este era o nosso momento de dê ao Senhor. ' O capítulo 7 apresenta uma cena de pompa, pompa, cerimônia e ritual. " [117]

"O capítulo é um monumento ao prazer de Deus que se divertiu com a repetição - pois esses foram grandes presentes nos bons dias de seu relacionamento inicial com seu povo. Estes foram os dias de lua de mel do relacionamento conjugal do Senhor e de Israel (Ver Jr 2: 2-3.) Cada um dos presentes é saboreado, como apresentações por um amante

nos primeiros dias da bem-aventurança do casamento. " [118]

"O fato de que Deus anotou e registrou cada nome e cada dom indica Seu amor e interesse pelo crente individual. Ele conhece nossos nomes (João 10: 3) e os registrou individualmente em Seu registro celestial (Lucas 10:20; Fil. . 4: 3). Quando estivermos diante do Senhor, Ele nos verá individualmente, 'e então todo homem terá louvor de Deus' (1 Cor. 4: 5) e 'todo homem receberá sua própria recompensa de acordo com sua trabalho próprio '([1 Cor.] 3: 8). Ninguém será esquecido e ninguém se perderá na multidão ". [119]

"O capítulo 7 é tão longo ... porque Deus se *deleita* tanto nas *dádivas* amorosas de Seu povo para Si mesmo, que Ele deve notar *em detalhes* o doador e a dádiva em *cada* caso." [120]

O fato de Moisés "ouvir a voz de Deus (a) falando com ele" quando "entrou" no tabernáculo, do lugar santíssimo, de cima do propiciatório, indica a aceitação de Deus desses dons (v. 89). Eles tocaram Seu coração. Moisés, como representante da nação, e Deus, teve um relacionamento íntimo por causa desse sacrifício de adoração. Evidentemente, Moisés ouviu "uma (a) voz" falando com ele "de cima do

propiciatório ... entre os dois querubins" - e essa voz era de Deus!

"A oferta dos príncipes, então, foi a resposta espontânea de corações gratos à bondade e graça de Deus. Isso coloca a questão da liberalidade cristã em sua verdadeira perspectiva, e o princípio bíblico não é difícil de ver. Onde as pessoas estão conscientes da bênção de Deus em suas vidas, eles darão espontaneamente - e continuarão dando. As finanças na igreja estão diretamente relacionadas à fé e à consagração. " [121]

Observe a ordem moral evidenciada nos capítulos 6 e 7. Primeiro houve separação (6: 1-12), depois adoração (6: 13-21),

depois bênção (6: 22-27) e, então, serviço (cap. 7 ; cf. Hb 13: 12-16).

A iluminação das lâmpadas 8: 1-4

O acendimento e a queima contínua das "lâmpadas" no tabernáculo simbolizavam a consagração dos levitas, que deveriam representar a nação inteira como *luzes para o mundo* (vv. 1-4; cf. Is 42: 6). O sumo sacerdote estava encarregado do "candelabro" (cf. Ap 1: 20-3: 22).

A consagração dos levitas 8: 5-26

A consagração dos *sacerdotes* ocorrera anteriormente (cf. Lv 8). Naquela ocasião, as pessoas

apenas *olhavam* (Lv 8: 3-4). Agora Deus estava separando para Seu serviço *toda a tribo de Levi* ("os levitas"), que Ele havia tomado (substituindo como Sua "oferta de primícias") no lugar de todos os filhos primogênitos dos israelitas (vv. 16- 18). Desta vez, o povo *desempenhou um papel* , "impondo as mãos" sobre os levitas (v. 10). Os levitas ocupavam o lugar do povo como seus representantes próximos, enquanto os sacerdotes estavam mais perto de Deus e mais distantes do povo.

A consagração ("separação") acontecia depois que o sumo sacerdote acendia as lâmpadas (vv. 5-22). Primeiro os levitas "lavavam" (seus corpos e

"roupas" com "água purificadora") e aparavam seus cabelos (raspavam "todo o corpo"; hebr. '*Abar ta'ar' al*), para simbolizar e efetuar a limpeza, então o Os israelitas colocaram as mãos sobre eles, retratando a transferência de responsabilidade dos filhos primogênitos para eles (vv. 10, 12). Assim, os levitas se tornaram "sacrifícios vivos" a Deus (cf. Rom. 6:13; 12: 1-2). Raspar todo o corpo (v. 7) pode ter simbolizado um retorno à inocência. [122]

Somente os levitas entre as idades de "25" e "50 anos" podiam "prestar serviço" na tenda de reunião (vv. 23-26). Carregar o tabernáculo cada vez que a nação viajava era

uma tarefa para a qual havia qualificações mais rígidas (cf. 4:47), provavelmente por causa dos perigos relacionados com este serviço (cf. 4:15, 20). Conforme declarado anteriormente, os levitas deveriam ter entre 30 e 50 anos para carregar o tabernáculo (cf. 4: 3). Talvez os *cinco anos* de diferença entre a idade mínima dos levitas para *servir* no tabernáculo e para *carregar* o tabernáculo fossem um aprendizado. [123]

"A ênfase distinta desta seção é que os levitas, entretanto, não estão distantes da comunidade. Por meio da imposição das mãos, eles de certa forma representam o povo em geral e constituem uma oferta do povo.

Ao contrário dos sacerdotes, eles não recebem unção ou vestimentas especiais. Como leigos, eles lavam suas roupas para os ritos especiais. Eles são talvez uma espécie de ponte entre os sacerdotes e o povo. " [124]

Às vezes é dito que não há "aposentadoria" para servir ao Senhor - que "aposentadoria" não tem suporte bíblico. Mas, sob a Lei mosaica, os levitas foram *forçados* a "retirar-se" (lit. "retornar" [ao seu antigo modo de vida]) do serviço quando alcançaram a idade de 50 anos (v. 25). Sob a Nova Aliança, nenhuma aposentadoria forçada é ordenada. No entanto, por causa de necessidades físicas

ou outras necessidades legítimas, a pessoa pode ter que cortar seu serviço ou redirecionar suas energias para o serviço de Cristo. Nesse caso, não se deve sentir culpado ao "aposentar-se". O serviço sacerdotal requer o melhor que se pode dar.

O capítulo 8 trata de duas questões: lâmpadas e levitas. Tanto a colocação adequada das lâmpadas quanto a distinção dos levitas da comunidade são outros elementos na purificação da nação em preparação para a sagrada tarefa que Deus preparou para ela. ... Alguém pode sugerir que, como as lâmpadas deveriam ser devidamente focalizadas no pão

da Presença, os levitas deveriam ter sua postura adequada dentro da comunidade também? " [125]

"Podemos querer prosseguir com a jornada para a terra prometida. Mas esta atenção aos assuntos do santuário, sacerdotes, levitas e a vida de adoração do povo lembra o leitor de que a esperança e a confiança de Israel estão devidamente centradas na presença de Deus em seu meio. " [126]

A Páscoa no Sinai e instruções para uma Páscoa suplementar 9: 1-14

No primeiro aniversário da Páscoa no Egito, logo após os israelitas terem dedicado o

tabernáculo, eles observaram esta festa como uma festa memorial ("tempo determinado"), assim como Deus "ordenou" (v. 5). Essa primeira festa comemorativa da Páscoa ocorreu no primeiro mês do segundo ano após o Êxodo (v. 1). O censo do capítulo 1 ocorreu no segundo mês do mesmo ano (1: 1). Esse fato mostra que pelo menos esses dois eventos (censo e Páscoa), conforme descritos em Números, não estão em ordem cronológica.

Deus graciosamente deu uma ordenança, que as pessoas que eram "impuras" ou estavam em uma "viagem" quando o resto da nação celebrava a Páscoa, pudessem comê-la exatamente

um mês depois ("no segundo mês no décimo quarto dia ao crepúsculo" ; vv. 10-11). No entanto, para evitar a negligência na observância da Páscoa primária, em vista desta exceção, Deus prescreveu a *pena de morte* para quem não a cumprisse na hora preferida, *se pudesse*(v. 13). Este regulamento se aplicava igualmente aos estrangeiros ("estrangeiros") que viviam entre os israelitas, que se haviam identificado com a aliança abraâmica por meio da circuncisão (v. 14; cf. Êxodo 12: 48-49). A maioria dos homens já era circuncidada (cf. Js 5: 5). A Páscoa é o único feriado anual cuja negligência intencional era punível com a

pena de morte, o que reflete seu grande significado.

"O propósito de incluir este segmento da narrativa foi talvez mostrar que as leis de Deus não eram arbitrárias e irracionais. Os próprios israelitas até desempenharam um papel em sua formulação." [127]

A nuvem que cobre 9: 15-23

Chegara a hora de os israelitas retomarem sua jornada, agora que o povo havia celebrado a Páscoa. Tudo o que restou para os israelitas saberem (ou seja, aprender sobre seu conhecimento da vontade de Deus), era *como* Deus os conduziria. Moisés registrou a revelação de Deus sobre isso nesta seção.

A coluna de nuvem ("a nuvem") estava sobre ("cobriu") "o tabernáculo" (vv. 15-16). Aparentemente, não cobriu todo o acampamento de Israel. Deus pode ter escolhido uma "coluna de nuvem" para liderar Israel, a fim de ensinar: Sua origem celestial, soberania sobre Seu povo, proteção (do calor e do frio), provisão (abrigo) e presença (como no Monte Sinai) .

"Como o Tabernáculo, Canaã seria um ponto focal da residência de Yahweh entre os homens, o lugar onde Sua soberania encontraria expressão histórica por meio de Seu povo especialmente escolhido." [128]

A descrição comparativamente longa da direção de Deus de Israel com a nuvem ("em" ou "de acordo com o comando do SENHOR ," 7 vezes; vv. 17-23) indica a liderança soberana e propositada de Deus de Seu povo. Somente Deus, não Moisés ou qualquer outro homem, conduziria Seu povo à Terra Prometida. Os israelitas deveriam permanecer onde estavam acampados exatamente pelo tempo que Deus quisesse que permanecessem em cada acampamento. Suas experiências ao longo do caminho não foram acidentais, mas providenciais. Essa descrição também expressa a "emoção da ocasião". [129]

Uma maneira pela qual os israelitas descobriram como Deus os estava guiando foi olhando para a revelação de Si mesmo que Ele providenciou na nuvem. Ele não explicou Seus movimentos, mas o dever deles era seguir com fé.

"O escritor pretende mostrar que, neste ponto de sua caminhada com o Senhor, Israel foi obediente e seguiu a orientação do Senhor. A preocupação do escritor em fazer este ponto pode ser vista em sete vezes nesta breve narrativa, é dito que eles 'obedeciam ao mandamento do Senhor' e, portanto, viajavam quando a nuvem se levantava do tabernáculo e se movia

(9:18, 20, 23; cf. Êx 17: 1). " [130]

"Para nos ajudar hoje a determinar e fazer a vontade de Deus, temos o Espírito Santo dentro de nós (Rom. 8: 26-27; Atos 16: 6-7), a Palavra de Deus diante de nós (Salmo 119: 105), e o Salvador intercedente acima de nós, que providencialmente trabalha em nosso favor (Rom. 8: 28-34). " [131]

O capítulo termina com outra referência à obediência cuidadosa e exata dos israelitas às instruções de Yahweh ("eles guardaram o encargo do L ORD , de acordo com o comando do L ORD por meio de Moisés"), um tema importante neste livro.

3. A partida do Sinai ch. 10

As duas trombetas de prata 10: 1-10

Deus ordenou que os sacerdotes (filhos de Arão) anunciassem Seu movimento para o povo tocando "duas trombetas de prata", porque os israelitas não seriam capazes de observar a nuvem continuamente, ou talvez não pudessem vê-la de todas as partes do acampamento. Os toques das "trombetas", soadas para "convocar a [toda] congregação", alcançariam as tendas mais distantes do acampamento (cf. 1 Tes. 4: 16-17).

"Enquanto a nuvem em Números 9: 15-23 representa a

iniciativa divina na liderança, as trombetas constituem a resposta da liderança humana, uma vez que convoca a congregação para se reunir na tenda e sinaliza o momento de avanço para cada grupo tribal." [132]

"A julgar pelas muitas ilustrações das trombetas egípcias antigas (que aparecem em vários monumentos egípcios antigos) e as retratadas nas moedas da Judéia, a trombeta era um tubo curto e fino com uma boca alargada e, de acordo com Josefo (Ant. 3.291), pouco mais de trinta centímetros de comprimento. " [133]

Portanto, eles eram mais curtos do que aqueles que aparecem em um painel do Arco de Tito

que ainda existe em Roma. [134]

Os sacerdotes também usaram essas trombetas em tempos de "guerra" em Canaã. Eles os usaram para chamar as pessoas às armas e para lembrá-los de buscar a ajuda de Deus para que Ele os libertasse (v. 9). Eles também anunciaram as "festas" de Israel, e o "primeiro [dia] de cada novo mês (dos seus meses)", para lembrar o povo a se lembrar do seu Deus ("como uma lembrança de você diante do seu Deus"; v. 10).

"Mesmo quando as trombetas soassem, nunca deveria haver uma agitação desordenada do povo. O tom em toda esta seção é de disciplina e ordem. Deus é um Deus de ordem, e isso se

refletiria na conduta do Acampamento dos israelitas (ver 1 Cor. 14:40; Ef. 4.) " [135]

Neste capítulo, temos a primeira referência à *celebração da lua nova* ("primeiro de seus meses"; v. 10). O aparecimento da lua nova sinalizou o início de um novo mês. Os judeus viam o primeiro dia de cada novo mês como consagrado a Deus, de forma semelhante ao sábado (cf. Is 1:13). Eles marcaram esse novo começo com sacrifícios especiais (28: 11-15), sobre os quais os sacerdotes tocaram as trombetas de prata (v. 10; Sal. 81: 3). Na lua nova do sétimo mês, o toque das trombetas, o povo não trabalhou (Lv 23: 25-25; Nm 29:

1-6; 2 Reis 4:23). Na história posterior de Israel, os sacerdotes tocaram essas trombetas também em outras ocasiões festivas (Esdras 3:10; Ne. 12:35, 41; 1 Crônicas 15:24; 16: 6; 2 Crônicas 5:12; 7: 6; 29:27).

“A impressão que esta narrativa pretende dar é a de uma partida ordenada e obediente do Sinai. A imagem está muito longe da cena que Moisés viu quando ele retornou da montanha e encontrou a nação celebrando diante do bezerro de ouro: ' o povo estava descontrolado e Arão tinha deixado que saíssem do controle e se tornassem motivo de chacota para seus inimigos ”(Êx 32:25). Em outras

palavras, o autor está tentando marcar um ponto com esta narrativa. o incidente do bezerro de ouro, a Lei mosaica foi capaz de trazer ordem e obediência à nação. A lei, necessária pela desobediência do povo, estava tendo seus efeitos sobre eles. " [136]

Quando a nação deixou o Monte Sinai, as pessoas estavam espiritualmente mais fortes, tendo recebido a Lei e se comprometido a segui-la fielmente.

"O trabalho sagrado deve ser feito com santa alegria." [137]

Os primeiros 10 capítulos de Números contrastam com os próximos 10, que registram a

terrível regressão e fracasso de Israel.

A viagem de Sinai a Kadesh Barnea 10: 11-36

Os israelitas estiveram no Monte Sinai por quase um ano (Êxodo 19: 1; Números 10:11). Tudo o que Moisés registrou como ocorrendo entre Êxodo 19: 1 e Números 10:11 ocorreu durante aqueles doze meses.

Cole coletou os eventos datados mencionados durante as andanças no deserto: [138]

Calendário de eventos do Êxodo às planícies de Moabe				
Ano	**Mês**	**Dia**	**Evento**	**Referência**

1	1	14	Partida do egito	Exod. 12: 1-50
1	3	14	Chegada ao deserto do Sinai	Exod. 19: 1
2	1	1	Tabernáculo erguido	Exod. 40:17
2	1	1-12	Ofertas de dedicação da tribo apresentadas	Num. 7: 1-89
2	1	14-22	Páscoa judaica e pães ázimos celebrad	Num. 9: 1-14

			os	
2	2	1	Primeiro censo realizado	Num. 1: 1-46
2	2	14	Páscoa alternativa celebrada	Num. 9: 6-13
2	2	20	Partida do deserto do Sinai	Num. 10:11
2	2	23	Kibroth Hattaavah (codorniz)	Num. 10:33; 11h34
2			Espiões	Num. 13: 3,

			enviados de Kadesh	26
40	1		Miriam morreu em Kadesh	Num. 20: 1
40	5	1	Aaron morreu	Num. 20: 22-29; 33: 37-39
40	11	1	Moisés se dirigiu ao povo	Deut. 1: 3

Mesmo que o leste da Península do Sinai contenha vários oásis e algumas pastagens, eles não poderiam ter fornecido para os cerca de dois milhões de israelitas, para não mencionar

todos os seus animais, durante sua estada lá. Merrill acreditava que a população de Israel era de mais de dois milhões e meio. [139] Allen argumentou que era cerca de 250.000 a 300.000. [140] Como o texto das Escrituras indica e às vezes afirma, Deus supriu as necessidades de Seu povo - do Egito até Canaã - dando-lhes uma série ininterrupta de provisões miraculosas.

A viagem do Sinai a Cades, na fronteira sul de Canaã, era normalmente uma viagem de apenas 11 dias (Deuteronômio 1: 2). Os versículos 11 e 12 resumem toda a jornada do Sinai a Cades, que o escritor descreveu com mais detalhes em 10: 13-12: 16. O "deserto de

Parã" (v. 12) era uma área entre o Sinai e Cades.

"O Deserto do Parã é um grande planalto no nordeste do Sinai, ao sul do que mais tarde seria

chamado de Negev de Judá e a oeste da Arabá. Isso forma a porção mais meridional da Terra Prometida, a área presumida de preparação para o ataque à a própria terra. As principais linhas de ataque à terra de Canaã são do sudoeste, seguindo o Caminho do Mar do Egito, e do noroeste, seguindo o Caminho do Mar da Fenícia. Encenação de Israel para o ataque no Deserto de Parã foi uma estratégia brilhante. Dessa forma, eles evitariam as rotas fortificadas para o oeste, presumivelmente sob o controle do Egito. Essa linha incomum de ataque do sul atordoaria os habitantes da terra. Eles viriam como uma explosão de siroco de o deserto, e a terra seria

deles, sob a mão de Deus. "[141]

Os israelitas levantaram acampamento ("saíram") e começaram a marchar como o Senhor lhes ordenara (vv. 13-28; cf. cap. 2).

"Aqueles que se entregaram à direção da palavra de Deus e do Espírito seguem um curso constante, mesmo quando parecem estar confusos." [142]

O “tabernáculo” recebe atenção especial nesta descrição da ordem de marcha, por manter sua centralidade na nação.

"Um componente importante da promessa do pacto aos pais e à nação de Israel foi ... a herança e ocupação de uma terra. Esta terra era representativa de toda

a terra. Como o homem foi colocado no Jardim do Éden para mantê-lo e governá-lo, então Israel seria colocado em Canaã para mantê-lo e governá-lo como um feudo do Grande Rei. Por fim, quando os propósitos salvadores do Senhor tiverem sido cumpridos, toda a terra - na verdade, toda a criação - cairá sob o domínio da humanidade , que terá 'domínio sobre todas as coisas'. " [143]

Os versículos 29-32 registram um incidente que ocorreu antes de os israelitas deixarem o Sinai. Esta seção é um flashback de importância secundária para a partida do Sinai. "Hobab" tinha vindo viver ou visitar os israelitas no Sinai.

Ele era evidentemente cunhado de Moisés, [144] embora alguns estudiosos acreditem que Hobabe era do clã de Reuel. [145] Hobabe evidentemente concordou com a sugestão de Moisés de que ele agisse como um "batedor" ou "guia de trilha" para a nação (cf. Juízes 1:16). "Midian" não é o nome de um povo, mas de uma confederação de povos, um dos quais eram os quenitas (cf. Jz 1.16). [146]

"Moisés continuou a exortar Hobabe a se juntar a Israel. Em certo sentido, este é um ato de evangelismo. Hobabe não veio facilmente. Mas os textos bíblicos subsequentes indicam que ele veio. Como tal, ele é como Rute, que se junta a

Noemi a caminho do Terra da Promessa, deixando tudo para trás, com a promessa de algo pela frente que é mais valioso do que qualquer coisa deixada em casa. " [147]

"Aqueles que estão indo para a Canaã celestial devem convidar e encorajar todos os seus amigos a acompanhá-los." [148]

“Israel não precisava que Hobab lhes dissesse onde marchar ou quando acampar; Deus faria isso. Mas o conhecimento de Hobab sobre a terra os ajudaria a tomar outras decisões enquanto se moviam de um lugar para outro. Charles Spurgeon disse: 'Nós Devemos aprender com isso, eu acho, que embora sempre busquemos a orientação de Deus na

providência, podemos freqüentemente encontrar direção e orientação no uso de nosso próprio bom senso, nossa própria discrição com a qual o Senhor nos dotou '. Não 'nos estribamos' em nosso próprio entendimento (Pv 3: 5-6), mas também não o ignoramos. Deus quer que ajamos com inteligência, bem como com fé, e o cristão de mente espiritual sabe como usar os dois corações e mente em discernir a vontade de Deus (Rom. 12: 2). " [149]

Outros estudiosos acreditaram que Moisés errou ao estender esse convite.

"Quão logo vem a tentação de desviar o olhar da coluna guia de nuvem e fogo! Tal é a

fraqueza do coração humano. Professamos confiar em Deus e, então, olhar para o homem. Achamos mais fácil apoiar-nos em um frágil mortal a quem podemos ver, do que no próprio Senhor todo-poderoso a quem não podemos ver. " [150]

Embora Deus houvesse conduzido Israel com a nuvem, Hobabe também teria se mostrado útil, pois conhecia o deserto e poderia aconselhar Moisés a respeito de seu terreno, oásis e outras características. O nome do sogro de Moisés, normalmente "Jetro", é registrado como "Reuel" aqui (v. 29). Ele era o pai de Zípora (cf. Êxodo 2:18).

Os israelitas aparentemente carregaram "a arca ... na frente

de" toda a nação enquanto marchavam (v. 33). "A nuvem" estava evidentemente sobre ele ("eles", sobre os que carregavam a arca), mas não necessariamente sobre toda a nação (v. 34). A nuvem pairou sobre a arca e conduziu aqueles que a carregavam e toda a nação, enquanto os israelitas avançavam. Isso lembrou ao povo que Deus era seu Líder e que eles deveriam seguir Sua liderança.

“Ela [a arca] é algo como uma aliança de casamento: o sinal visível do vínculo entre o Senhor e seu povo”. [151]

As duas orações de Moisés, a primeira sempre que a nuvem se movia ("partiu"; v. 35), e a segunda sempre que ela parava ("veio descansar"; v. 36), nos

dão um vislumbre de seu ministério de intercessão por Israel . [152] Eles mostram sua preocupação orante pelas pessoas que ele era responsável por liderar. Os "inimigos" de Israel (v. 35) eram aqueles que poderiam tentar fazê-los voltar da Terra Prometida ao longo do caminho, bem como os cananeus contra os quais Israel lutaria na terra.

"O tema desta passagem é a gloriosa liderança de Israel por Yahweh quando o povo se afastou da Montanha de Deus para uma conquista imediata de Canaã. Não há nenhum sentido aqui da condenação iminente que aguarda a rebelião de Israel no deserto." [153]

B. A REBELIÃO E O JULGAMENTO DA GERAÇÃO INCRÉDULA, CAPS. 11-25

Esses capítulos explicam por que Israel falhou em entrar na Terra Prometida imediatamente e, subsequentemente, teve que passar os próximos 38 anos no deserto.

1. O ciclo de rebelião, expiação e morte, caps. 11-20

O final do capítulo 10 é o ponto alto do Livro de Números, espiritualmente falando. O início do capítulo 11 registra o início do declínio espiritual de Israel que resultou em Deus julgando a nação. Ele não apenas adiou o cumprimento de Sua promessa de trazê-la para a Terra Prometida, mas toda a geração

mais velha teve que morrer, enquanto vagava no deserto por 38 anos.

"Ao longo de Números 11-20, o povo de Deus se rebelou continuamente, e Deus puniu Israel com pragas e derrotas militares. Deus oferece sinais de perdão e compaixão, mas o povo em cada caso retoma seus caminhos rebeldes." [154]

"A lei descobriu o pecado, mas não pôde destruí-lo; deteve-o, mas não pôde vencê-lo." [155]

"Os capítulos 11-20 apresentam um registro sombrio de seus atos de ingratidão e dos julgamentos conseqüentes de Deus sobre seu povo ingrato. Dentro desses capítulos, há inúmeros exemplos de sua

graça contínua. O leitor desses textos se perde se ele ou ela se concentra exclusivamente em Deus ira ou nas constantes provocações à sua ira por seu povo errante. A característica mais impressionante neste texto é a misericórdia contínua de Deus contra a rebelião contínua e obstinada....

"Esses dez capítulos agora se equilibram e contrastam com os dez capítulos que apresentam o registro da preparação de Israel." [156]

"As reclamações que Israel faz a Deus no livro de Êxodo são tratadas como necessidades legítimas: o povo precisa de água (Êxodo 15: 22-26), o povo precisa de comida (Êxodo. 16) e o povo novamente precisa de

água (Êxodo 17: 1-7). Em cada caso, Deus leva as reclamações a sério e atende às necessidades dos israelitas transformando água amarga em água doce, fornecendo maná e codornizes para alimentação e fazendo com que a água flua de uma rocha .

"No livro de Números, entretanto, os israelitas levantam suas vozes reclamando de necessidades semelhantes, mas aqui as coisas acontecem de forma diferente. As reclamações são tratadas como atos de infidelidade. O choro dos israelitas desperta a ira e punição de Deus, o que é mitigado apenas pela intercessão agressiva de

Moisés. É instrutivo definir o material do Êxodo até a aliança do Sinai nos capítulos 15-19 ao lado do material dos Números paralelos após o Sinai nos capítulos 11-20 e observar as semelhanças, bem como as diferenças cruciais . Os dois conjuntos de textos pré-Sinai e pós-Sinai podem ser esboçados da seguinte forma:

"EXODUS - Antes do Sinai	**NÚMEROS - depois do Sinai**
A canção de louvor de Miriam - 15: 20-21	Miriam e Aaron rebeldes - 12
reclamação sobre água,	reclamação não

água amarga tornada doce, o L ORD cura - 15: 22-26	especificada - fogo furioso das mortes do L ORD - 11: 1-3
maná / codorna - 16	maná / codorna - 11: 4-15, 31-35
água da rocha - 17: 1-7	água da rocha - 20: 1-13
líderes nomeados para aliviar os fardos de Moisés - 18	líderes designados para aliviar os fardos de Moisés - 11: 16-30
Israel ataca Amaleque e é vitorioso - 17: 8-16	Israel ataca Amaleque e é derrotado - 14: 39-45 " [157]

“Antes do Sinai, Israel era como uma criança recém-adotada que ainda não conhecia as regras da casa. Deus, o Pai divino, se curvou para satisfazer as necessidades legítimas de um Israel imediatamente fora do Egito. Números, o povo de Israel conhece suas responsabilidades na lei e nos mandamentos. Israel deve assumir a responsabilidade e é responsável por seu relacionamento com Deus. " [158]

Outros eventos a caminho de Kadesh Barnea chs. 11-12

Esses capítulos são semelhantes a Êxodo 13: 17-19: 2, pois registram as

experiências de Israel no trânsito de um local para outro.

Um aviso do Senhor 11: 1-3

Os arqueólogos não determinaram a localização de "Taberah" (v. 3). Deve ter sido um local insignificante geograficamente, visto que Moisés não o incluiu na lista dos acampamentos de Israel no capítulo 33 (cf. 33: 16-17). Ou pode ter sido o mesmo lugar onde ocorreu o seguinte incidente: Kibroth-hattaavah. Era um ponto significativo espiritualmente, no entanto. Pouco depois de Israel deixar o Sinai, o povo começou a reclamar novamente.

"Um viajante moderno [*sic*] simpatizaria." [159]

"Há uma natureza cíclica nas rebeliões de Israel contra Deus; pessoas obstinadas tendem a repetir os pecados do passado. A primeira rebelião do povo redimido veio no terceiro dia de marcha em direção ao Monte de Deus após sua travessia milagrosa do Mar de Reeds (Êxodo 15: 22-24). Agora, três dias depois de sua marcha triunfal do Monte Sinai para Canaã, eles voltam ao comportamento de reclamação. O padrão de "três dias" em ambos os casos mostra semelhança de ações também como uma atitude destemperada e impaciente por parte do povo. " [160]

"Aqueles que murmuram sem causa logo recebem motivo para murmurar." [161]

Para avisá-los de que sua insatisfação poderia evoluir para uma rebelião mais séria, Deus enviou "fogo" "nos arredores do acampamento". Não está claro se o fogo (relâmpago?) Que Deus enviou realmente matou algumas pessoas, ou se apenas queimou algumas *coisas* como arbustos e tendas. Evidentemente, o povo reconheceu esse evento como um *aviso* de Deus, então eles "clamaram" a Moisés - cuja intercessão moveu Deus a reter mais disciplina. As pessoas batizaram o local de "Taberah"

("queima") em memória desse evento.

"No meio de sua ira, o Senhor se lembra da misericórdia. Este é um dos temas contínuos das Escrituras e é um truísmo particular no livro de Números." [162]

Esta é a terceira vez no Pentateuco que um evento como este aconteceu. Deus lutou com Jacó depois que ele se separou de seu sogro e antes de reentrar na Terra Prometida (Gênesis 31:55; 32: 22-32). Deus procurou matar Moisés depois que ele deixou o Sinai e se separou de seu sogro, e antes de ele se juntar aos israelitas (Êxodo 4: 24-26). Agora Deus enviou fogo do céu aos israelitas, depois que eles

deixaram o Sinai e o sogro de Moisés, e antes de entrarem na Terra Prometida. Cada incidente lançou um clima de mau presságio sobre os eventos e deu a entender que algo pior poderia ter acontecido em breve. Lembre-se do fogo do céu em Sodoma em Gênesis 19 e compare.

"Em Êxodo, Deus não pune Israel por suas murmurações; em Números, Ele o faz consistentemente. Só pode haver uma explicação para este estado de coisas. Os incidentes de Êxodo são pré-Sinai; aqueles de Números são pós-Sinai. Antes Israel aceitou o pacto, não era responsável por sua violação; na verdade, poderia alegar ignorância de suas

estipulações. No entanto, todos os incidentes de Números ocorrem depois que Israel deixou o Sinai - onde jurou fidelidade ao pacto e foi avisado do divino sanções por sua violação. " [163]

Provisão de maná de Deus e Seu Espírito 11: 4-35

A "ralé" ou "estrangeiros sem valor" (CEV, v. 4) ou "ralé" [164] eram os não israelitas que tinham saído do Egito com o povo de Deus (Êxodo 12:38). Não demorou muito para que *essas* pessoas em particular ficassem descontentes com as condições do deserto e reclamassem de sua dieta insípida de maná. A reclamação deles rapidamente

infectou os israelitas (v. 4). Esses descontentes desprezavam a provisão de maná de Deus para eles e ansiavam pelos sabores mais fortes que haviam saboreado no Egito. Eles falharam em dar ouvidos ao aviso que Deus deu em Taberah. Luis Palau acreditava que Deus *pretendia que* o maná fosse enfadonho, porque Ele nunca pretendeu que os israelitas ficassem no deserto. [165]

"Desprezar um alimento abundante e nutritivo que ocorre regularmente apenas porque é enfadonho é compreensivelmente humano - uma marca lamentável de nossa tendência à ingratidão." [166]

“Quantas vezes Cristo, o pão da vida, não basta para um coração que não está em comunhão com Deus! escravidão em que foi mantida. " [167]

Como crentes da era da igreja, devemos ter cuidado com os sabores fortes da comida interessante e estimulante - que o mundo tem a oferecer - e não beber muito dessas coisas. O excesso de participação nessas coisas pode nos deixar entediados e perder o interesse no que Deus providenciou para nosso alimento espiritual, o que pode parecer insosso e desagradável em comparação. A provisão de Deus para nossa nutrição e crescimento, nosso maná, é Sua Palavra escrita e

Sua Palavra encarnada, o Pão da Vida (cf. 1 Pedro 2: 2; João 6: 48-58).

"Eu descobri através dos meus anos como pastor que os verdadeiros criadores de problemas em qualquer igreja são a multidão mista. Eles são companheiros de viagem com o mundo e com o povo da igreja. Eles gostam de ter um banquete na igreja, mas não querem o Estudo bíblico. Eles não querem avançar na marcha, perto da arca de Deus; eles querem ficar bem atrás porque não têm certeza, mas o que eles podem querer voltar e voltar algum tempo. não estão muito claros sobre o que acreditam. Eles nunca ficam felizes quando os outros estão

tendo um momento real de bênção espiritual. Eles se sentem incomodados na igreja, mas também se sentem incomodados com o mundo. Eles simplesmente não parecem se encaixar. Eles são um pino quadrado em um buraco redondo e são os criadores de problemas. " [168]

"Não importa o que aconteça, quando você reunir um grupo grande o suficiente, você encontrará a ralé." [169]

Moisés deve ter se sentido preso no meio (vv. 10-15). Por um lado, o povo parecia amotinado e, por outro, Deus estava com raiva por causa de sua atitude (v. 10). O desconforto da viagem no deserto parece

tê- *lo* afetado também. Moisés falhou em buscar a Deus por Sua sabedoria e provisão. Então ele ficou frustrado. Essa frustração parece rastreável ao fato de Moisés ter assumido mais responsabilidade pelo povo do que Deus pretendia.

"Poucas coisas desanimam mais os servos de Deus do que pessoas os criticando injustamente e reclamando das bênçãos que o Senhor deu." [170]

O uso de Moisés da figura *materna* para descrever Deus ("concebeu ... deu à luz [deu à luz] ... carregue-os em seu seio como uma enfermeira", v. 12) é incomum, mas não único na Escritura (por exemplo, Êxodo.

4:22; Isa. 49:15; 66:13; Os. 11: 1; cf. 1 Tess. 2: 7). Normalmente, a Bíblia apresenta Deus como um *homem* , porque Ele se relaciona com as pessoas em papéis tradicionalmente masculinos, principalmente. No entanto, Ele também lida conosco de maneiras que são mais tipicamente *femininas* e, nesses casos, Ele se compara às mulheres.

Deus novamente se acomodou à fraqueza de Moisés (vv. 16-23; cf. Êxodo 4:14) e providenciou 70 homens para compartilhar a responsabilidade de Moisés de explicar a vontade de Deus ao povo. Ele fez isso para que suas reclamações não se transformassem em violência

de turba. O "Espírito" de Deus repousou sobre ("[estava] sobre", encheu, controlou) Moisés em uma medida especial (v. 17). Deus agora deu a esses anciãos Seu Espírito de maneira semelhante, e *com Ele* , a capacidade de *profetizar* (v. 25).

"Profetizar aqui não se refere a predição ou mesmo proclamação, mas a dar (em música ou discurso) louvor e expressões semelhantes sem treinamento prévio (veja a experiência comparável de Saul em 1 Sam. 10: 9-11)." [171]

Os estudantes da Bíblia estão divididos quanto a se esta provisão de ajudantes para Moisés foi uma coisa boa ou ruim. Alguns acreditam que foi

ruim, como quando o povo exigiu um rei nos dias de Samuel e o Senhor lhes deu Saul (1 Sam. 8-9). [172] Outros acreditam que não estava errado. Eu tendo a favorecer a segunda visão, porque o texto não dá nenhuma indicação de que isso fosse uma coisa ruim.

O descontentamento do povo com Deus e Sua vontade para com ele (v. 20) deu-lhes um quadro irreal de sua situação. Eles alegaram ter sido felizes no Egito (vv. 18, 20). Mas eles se esqueceram que haviam sido *escravos* .

"... nos tempos antigos, a carne era comida em Israel apenas em ocasiões especiais. No deserto, teria sido um luxo. Em qualquer caso, a ofensa da

demanda por carne era apenas parte da ofensa maior de romantizar a época em Egito, onde sempre houve abundância de peixes e vegetais frescos. Eles estavam dizendo que toda a chamada 'libertação' da escravidão acabou sendo uma grande decepção. " [173]

A graciosa provisão de "carne" de Deus foi uma bênção mista. Ele deu-lhes o que pediram, mas os manteve lá "por um mês inteiro" (v. 20), enviando-lhes uma superabundância de codornizes (uma interpretação possível é: "dois côvados (três pés) de *profundidade* " em todo o acampamento, v. 31, ênfase adicionada), e permitindo-lhes ficar muito doentes por causa

da carne ("uma praga muito severa", v. 33; Salmos 106: 15).

"Aqui emerge um princípio que é de perpétua aplicação e importância. É que há ocasiões em que Deus concede um pedido injustificado para que os homens possam aprender pela experiência a loucura de seus desejos." [174]

Essa punição não era vingativa, mas disciplinar, e destinava-se a ensinar as pessoas a aceitar o que Deus lhes enviou como o *melhor* para elas. Deus permitiu suas provações no deserto, para preparar a nação, ou seja, a geração mais jovem, para as adversidades que enfrentariam ao entrar na terra.

"O povo deveria ser destruído pela experiência porque desprezou o dom de Deus, glorificou sua permanência no Egito e caracterizou sua redenção da escravidão como um evento sem sentido." [175]

A promessa de Deus de fornecer carne levou a fé de Moisés ao seu limite ("Devem [bastantes] rebanhos e manadas ser abatidos ... ou todos os peixes do mar recolhidos ... para serem suficientes para eles? Vv. 21-22). Deus lembrou a Moisés que Seu "poder" era *ilimitado* . Até Moisés havia se esquecido temporariamente dos milagres no Egito.

O versículo 21 aparentemente apóia a visão de que havia

apenas cerca de 600.000 israelitas que deixaram o Egito no Êxodo, ao invés de talvez 2.000.000 ou mais. Êxodo 12:37 diz que havia “cerca de 600.000 homens a pé, além das crianças”. Provavelmente o versículo 21 deve então ser entendido como significando "600,00 [homens] a pé [mais mulheres, crianças e levitas]" (cf. 1:46). [176]

Evidentemente, a profecia dos anciãos foi uma ocorrência singular; aconteceu apenas nesta ocasião ("eles não o fizeram de novo", v. 25). Este incidente indica que a concessão do Espírito Santo por Deus naquela época foi *temporária* . O Espírito não havia estado anteriormente

sobre esses presbíteros. Além disso, era *seletivo* . O Espírito não estava "sobre" *todos* os israelitas da mesma forma que estava "sobre" esses anciãos. Compare isso com os nossos dias, quando o Espírito habita em *todos os crentes permanentemente* (João 14: 16-17; 16: 7, 13; Atos 2).

"Embora o Antigo Testamento não contenha uma teologia totalmente desenvolvida do Espírito Santo, ele revela o suficiente para mostrar que o Espírito era uma manifestação do próprio Deus e não meramente uma forma de se referir a algum atributo divino (ver, por exemplo, Gen . 1: 2; 6: 3; Êxodo 31: 3; Núm. 24: 2; Juí.

3:10; 1 Sam. 10: 6, 10; Isa. 11: 2; 42: 1; 61: 1) . " [177]

Não é surpreendente que os intérpretes judeus vejam esse "Espírito" como *o espírito humano de* Moisés, em vez do *Espírito Santo* . [178] Não temos nenhuma razão para acreditar que Deus *retirou* o Espírito dos anciãos, embora o texto não diga uma forma ou outra. Talvez apenas sua capacidade de profetizar tenha cessado (v. 25). [179] Esta habilidade foi um sinal divino para o povo que abafou seus espíritos rebeldes. Leon Wood refutou a visão de que profetizar envolvia declarações extáticas (falar em línguas). [180] E esta passagem não apóia tal visão. O profetizar

em vista provavelmente envolvia *louvar a Deus* (cf. 1 Crônicas 25: 1). [181] Não era Moisés o indispensável para Israel, mas o Espírito do Senhor.

O "ciúme" de Josué pela honra de Moisés na nação (vv. 28-29) é compreensível (cf. Marcos 9: 38-39), mas ele se preocupava mais com a honra de Moisés do que com o bem do povo.

"Não devemos estar ansiosos para condenar e silenciar aqueles que diferem de nós, como se eles não seguissem a Cristo porque não o seguem *conosco* , Marcos IX. 38. Devemos rejeitar aqueles a quem Cristo pertence, ou impedir qualquer um de fazendo o bem porque eles não

estão em tudo em nossa mente [(de acordo em tudo)]? " [182]

Moisés percebeu que Israel teria ficado melhor se Deus tivesse dado "todo o povo ... Seu Espírito" e o dom de profecia. Que demonstração da humildade de Moisés esta declaração de seus presentes (cf. João 3:26)! Deus *tem* , no entanto, dado *que todos os cristãos* Seu Espírito, e a capacidade de *louvá-Lo* . Deus pode ter incluído este incidente envolvendo Josué na narrativa por causa de seu papel posterior como líder de Israel. Ele pode ter incluído para enfatizar o valor do dom do Espírito Santo também, que Deus graciosamente deu ao

povo, mesmo em sua condição rebelde.

"Por trás dessas palavras [no v. 29] estava um mundo de fé. Vemos que Moisés entendeu que a questão não era para ele decidir, mas para Deus. Se necessário, Deus agiria em nome de seu servo." [183]

O "Espírito" (hebr. *Ruah*) de Yahweh ("o L ORD ") resolveu o problema da liderança (v. 29), e agora o "vento" (hebr. *Ruah*) de Yahweh resolveria o problema da alimentação (v. 31 ; cf. Salmos 105: 40). O vento soprava do sudeste (Salmos 78:26) e, aparentemente, trouxe codornizes do Golfo de Aqabah ("do mar"; vv. 31-34). Normalmente codornas

migraram para o nordeste, da África central, então a direção de onde essas codornizes vieram foi uma provisão incomum e sobrenatural do Senhor. [184]A NASB interpretou o versículo 31 como significando que as codornizes estavam a um metro de profundidade no solo, mas os tradutores da NIV entenderam que elas voaram cerca de um metro acima do solo. A última interpretação parece mais provável para mim. A doença do povo ("praga muito severa") foi um julgamento para sua ganância. Eles queriam algo para si que Deus não havia escolhido para eles. [185]

“Quando Deus realmente quer julgar as pessoas, Ele permite

que elas façam o que querem (Rom. 1:24, 26, 28)”. [186]

"Você pode pedir algum *presente* terreno - pode ser prosperidade mundana, pode ser riqueza, ou pode ser por algum outro presente - algum bem mais elevado, mas ainda um presente *terreno* - e porque você está muito empenhado nisso, Deus pode dar-lhe; Ele pode conceder-lhe *tudo o* que você deseja, e então a realização desse desejo pode se tornar uma armadilha terrível para você. e assim, enquanto suas orações foram atendidas, Deus enviou *magreza também* em sua alma [cf. Sl 106: 15]. " [187]

"O propósito central da narrativa parece ser mostrar a falha do cargo de Moisés como mediador para o povo [v. 14]. ... A liderança ideal do povo de Deus é mostrada no exemplo dos setenta anciãos. ... Em outras palavras , esta narrativa mostra que Moisés ansiava por um tipo de comunidade muito diferente daquela formada sob a Lei no Sinai. Ele ansiava por uma comunidade dirigida não por uma pessoa como ele, mas uma comunidade guiada pelo Espírito de Deus [v. 29; cf. Dt 30: 6].

"A visão expressa por Moisés nesta narrativa é precisamente a dos profetas israelitas posteriores em sua descrição da nova aliança [cf. Jr 31: 31-34;

Ezequiel 11:20; 36: 22-27; Joel 2: 28]. " [188]

Depois de seu mês em Kibroth-hattaavah ("Túmulos do Desejo"), o povo viajou para Hazeroth ("Compartimentos"), onde aconteceram os eventos registrados no próximo capítulo (cf. 12:16).

A rebelião de Miriam e Aaron ch. 12

Talvez tenha sido a exaltação de Deus a *Moisés* , indiretamente, ao conceder o dom de profecia aos anciãos, que provocou a inveja de Miriã e Aarão. Afinal, Deus estava lembrando o povo - e de uma maneira não pequena - da investidura especial de Moisés com o Espírito, quando

abençoou os anciãos com o Espírito.

"A singularidade de Moisés é o único tema deste capítulo." [189]

12: 1-3 Miriam foi a líder declarada neste incidente. A prioridade de seu nome sobre o de Aarão e o gênero feminino do verbo no texto hebraico traduzido como "falou" indicam isso (v. 1).

A mulher cuchita com quem Moisés se casou provavelmente não era Zípora (Êxodo 2:21). Zípora era de *Midiã* , que ficava na Arábia. Naquela época, *Cush* era um nome do Alto Egito (Etiópia).

"... a Septuaginta e a Vulgata traduzem 'Cusita' em Números 12: 1 como 'Etíope', a palavra

usada pelos gregos e romanos para se referir à região ao sul do Egito habitada por pessoas de pele negra." [190]

Merrill, no entanto, acreditava que "Cushite" descrevia pessoas que viviam na Arábia, e não apenas em "Cush propriamente dita", caso em que a esposa de Moisés aqui pode não ser realmente *negra* e pode ter sido Zípora. [191] Mas parece improvável que Miriã teria objetado, neste estágio final, que Moisés se casou com Zípora. Afinal, ele se casou com ela vários anos antes desse incidente.

A repetição da frase "porque ele se casou com uma mulher cuchita" (v. 1) parece implicar um casamento recente. Isso

explicaria melhor a objeção de Miriam naquele momento. Podemos supor, portanto, que Zípora *morreu* e que Moisés se *casou novamente* . Moisés escreveu no Salmo 90:10 que uma expectativa de vida normal era de cerca de 70 anos. Ele devia ter oitenta e poucos anos nessa época, então é muito possível que Zípora tivesse morrido de velhice, supondo que ela tivesse mais ou menos a mesma idade que ele.

Não há nenhuma razão textual para acreditar, entretanto, que Moisés foi casado com duas mulheres ao mesmo tempo, embora isso seja possível. Além disso, o casamento com um *cusita* estava dentro da

vontade de Deus. Deus apenas proibiu os israelitas de se casarem com os *cananeus* (Êxodo 34:16).

Evidentemente, Miriã e Arão sentiram que seus papéis principais em Israel, como *profetisa* (Êxodo 15:20) e *sumo sacerdote* respectivamente, estavam perdendo sua distinção, porque Deus deu a 70 anciãos o privilégio de mediar Sua palavra. Talvez Miriam tenha visto na nova esposa de Moisés uma ameaça ao seu próprio papel como a principal mulher em Israel. O casamento de Moisés com a mulher cusita pode não ter sido nada mais do que uma desculpa para o ciúme de Miriam. [192]

A declaração da humildade de Moisés ("o homem Moisés era muito humilde", v. 3) não foi uma afirmação *arrogante* do escritor, mas uma declaração inspirada de um fato. Não precisamos concluir que outro escritor o adicionou posteriormente, necessariamente, visto que é essencial para o argumento desta passagem. Porque embora seja altamente improvável que Moisés, que foi chamado de "o homem mais humilde da terra" aqui, tenha escrito isso sobre si mesmo, é possível que Deus o tenha instruído a inserir esta declaração. Que outro escritor o tenha adicionado mais tarde é uma possibilidade distinta, no entanto. É possível que - com

base na etimologia, uso e contexto - a leitura *imediata* da palavra hebraica usada aqui seja preferível. A palavra hebraica deve então ser traduzida como “miserável” ao invés de “manso”.[193]

"Os eventos descritos no capítulo 11 podem ter causado um grande estrago em Moisés. Este versículo pode ser uma descrição do sentimento absoluto de quebrantamento de Moisés quando ele experimentou a traição de seu irmão e irmã." [194]

"Às vezes, a grosseria de nossos amigos é uma prova maior de nossa mansidão do que a malícia de nossos inimigos." [195]

12: 4-9 O método comum de Deus de se comunicar com Seus profetas era dando-lhes "visões" e "sonhos" (v. 6). [196] Moisés foi um profeta especialmente privilegiado, no entanto, com quem Deus falou *diretamente* , sem visões ou sonhos ou qualquer outro intermediário extraordinário. O escritor de Hebreus observou a referência à fidelidade de Moisés no versículo 7 em Hebreus 3: 2 e 5.

"Ser chamado por Deus de um servo fiel ou de confiança é a maior honra que pode ser concedida a um filho de Deus, na verdade a qualquer ser humano [cf. Mt 25:21, 23]." [197]

Deus falou com Moisés como amigos conversam ("boca a

boca", v. 8; cf. Êxodo 33:11). Michael Fishbane sugeriu que Paulo tinha o versículo 8 em mente quando escreveu 1 Coríntios 13: 8. [198]

12: 10-15 O Senhor puniu Miriam por sua insatisfação com seu papel divinamente designado na nação. Ele a puniu com *lepra* , a doença que simbolizava especialmente o pecado (Lv 13-14). Frank Cross sugeriu que a punição de Miriam de pele *branca* como a neve, "leprosa", foi uma resposta divina ao preconceito dela contra sua cunhada negra. [199] Todos os israelitas provavelmente identificaram sua *auto-afirmação* sobre Moisés, atacando sua liderança,

como "pecado". Talvez Deus não tenha ferido Aarão porque seu envolvimento não foi tão grande.

"Sua língua suja (diz o bispo Hall) é punida com justiça com uma cara feia. Enquanto Moisés precisa de um véu para esconder sua glória, Miriam precisa de um para esconder sua vergonha." [200]

“Na presente narrativa, o sinal da liderança de Moisés foi a 'lepra de Miriam, que era branca como a neve' (Núm 12:10). Da mesma forma, um dos primeiros sinais dados para justificar a eleição de Moisés como líder de seu povo por Deus foi o sinal da 'lepra, branca como a neve' (Ex 4, 6). Nas narrativas iniciais que

tratam da obra de Moisés, o próprio Moisés duvidou de sua vocação e, conseqüentemente, tornou-se leproso. Aqui, porém, é Miriã quem duvida e assim torna-se leproso. Devemos também notar que o outro sinal dado para justificar o papel de Moisés na narrativa anterior foi a serpente que saiu da vara de Moisés (Êx 4: 3). Assim também aqui, quando a autoridade de Moisés é questionada posteriormente pelo povo no final de seu tempo no deserto (Núm 21: 5), Deus responde enviando serpentes contra eles (21: 6). "[201]

Explicando o versículo 12, Milgrom escreveu:

"Quando um feto que morreu no útero nasce, sua pele se

desprende, dando-lhe a aparência de um 'leproso'." [202]

Moisés intercedeu por Miriam ("VELHA ORDEM , cure-a, eu oro!") Ao pedido de Aarão. Ironicamente, Aarão queria ser como Moisés (v. 2), mas em vez de ser capaz de interceder diretamente com Deus como Moisés fez, Aarão teve que apelar a Moisés - que foi o único a interceder junto a Deus. [203] Deus novamente mostrou misericórdia. O L ORD removeu a lepra de Miriam, mas puniu sua rebeldia com a exclusão do acampamento "por sete dias" (Levítico 14: 8). *Cuspir na cara* (v. 14) era um ato de *desprezo* por alguém que

havia feito algo desprezível (cf. Deuteronômio 25: 9; Jó 17: 6; 30:10). O povo também sofreu como resultado da rebelião de Miriã e Arão: Deus interrompeu seu progresso em direção à Terra Prometida novamente (v. 15; cf. 11,20).

"Arão, ao ver o julgamento da lepra vir sobre sua irmã, implora misericórdia a Moisés. Há certamente em sua oração um reconhecimento implícito do tipo diferente de autoridade que Moisés tinha. Na verdade, ele está reconhecendo que Moisés possuía um poder de intercessão com Deus que ele mesmo não poderia exercer, daí seu apelo a seu irmão. " [204]

"O propósito deste capítulo, então, é justificar a liderança

divinamente dada a Moisés e deixar de lado qualquer sugestão adicional de que, por causa do estabelecimento de outras formas de autoridade, o tipo de liderança resumido em Moisés não era mais válido." [205]

"Numbers fornece um manual sobre o que os líderes devem e não devem fazer quando confrontados com a rebelião nas fileiras." [206]

12:16 De "Hazerote", Israel avançou pelo "deserto de Parã" e então Cades, na fronteira sul de Canaã.

Essas três falhas em se contentar com as provisões e planos de Deus - em Taberah, Kibroth-hattaavah e Hazeroth -

prepararam os israelitas para uma falha ainda mais séria em Cades (cf. Fp 4:11; Hb 13: 5-6) . Observe a notável semelhança no registro da primeira e da terceira dessas ocorrências. [207] Temos a impressão de que esta é "a mesma velha canção, outro verso."

A reclamação em Taberah (11: 1-3)	A reclamação na Hazeroth (12: 1-15)
O povo reclama (v. 1a).	Miriam e Aaron reclamam (vv. 1-2a).
Deus ouve, fumega e pune (v. 1b)	Deus ouve, fumega e pune (vv. 2b, 4-5, 9-

	10).
O povo apelou a Moisés (v. 2: a).	Aarão apela a Moisés (vv. 11-12).
Moisés intercede (v. 2b).	Moisés intercede (v. 13).
O apelo de Moisés foi respondido (v. 2b).	O apelo de Moisés foi respondido (v. 14).
A marcha está atrasada.	A marcha está atrasada (v. 15)

Ao lermos o registro das experiências dos israelitas depois que deixaram o Monte Sinai, podemos perguntar por

que Deus permitiu que eles experimentassem tantas dificuldades. Os motivos são vários: para ensiná-los a aceitar o que Ele enviou como melhor, para prepará-los para as adversidades da terra, para desenvolver o caráter neles e para treiná-los para depender dEle. Isso é muitas vezes por que Deus permite *-nos* , assim, a experiência de tantas dificuldades (cf. Heb. 12).

O fracasso dos chs de primeira geração. 13-14

Os eventos registrados nos capítulos 13 e 14 aconteceram enquanto Israel estava em Cades. Jacob Milgrom observou um arranjo literário quiástico desta seção: [208]

A expedição dos escuteiros (13: 1-24)

B O relatório dos escuteiros (13: 25-33)

C A resposta do povo (14: 1-10a)

Resposta de Deus (14: 10b-38)

A expedição do povo (14: 39-45)

O envio dos 12 espias para Canaã 13: 1-25

13: 1-2 Quando o povo chegou a Cades (v. 26), o Senhor disse-lhes para "subir" e "tomar posse (possuir)" a terra que Ele lhes havia prometido (Deuteronômio 1: 19-21) . Em vez de avançar para Canaã, o povo perguntou a Moisés se poderia enviar espiões antes deles. Fizeram isso "para que nos esquadrinhem a terra, e nos

tragam a palavra do caminho por onde devemos subir e das cidades por onde entraremos" (Deuteronômio 1:22). Moisés permitiu isso (Deuteronômio 1:23), mas apenas com a permissão de Deus (Números 13: 2). É evidente que os israelitas não estavam se *rebelando* contra Deus enviando os espias, mas também não estavam dando um passo à frente em ousada obediência com forte confiança em Deus, como deveriam ter feito.

“O nome Kadesh está associado à palavra hebraica [*kodesh*] que significa 'sagrado'. Se a história tivesse acontecido de forma diferente, esse nome teria sido associado a

lembranças positivas. Teria sido aqui que eles teriam se santificado para sua campanha de conquista da terra. " [209]

Por que Deus não levou Moisés a registrar aqui (vv. 1-3) o fato de que o envio dos espias foi ideia do povo (Deuteronômio 1:22)? A razão pode ser que este não foi o pecado que resultou no adiamento de Deus de sua entrada em Canaã. A reação deles ao relatório dos espiões causou esse resultado. A missão dos espias tinha algum valor genuíno para os israelitas (vv. 18-20), mas também abriu a possibilidade de temor e falha em obedecer a Deus.

13: 3-16 Os homens nomeados como "espiões" não eram os mesmos

"chefes" ou líderes dos príncipes tribais ("convocadores"; 1: 5-15; 7:12; et al.). Suas qualificações pessoais para esta missão podem ter sido a base para sua seleção.

"O nome [Josué, v. 16] descreve um papel especial que Moisés desejava que Josué tivesse quando o renomeou em Números 13:16. O nome anterior de Josué, Oséias, significa simplesmente 'ele salvou'. No nome Oséias, o pessoa ou deus que salva não é esclarecido. Moisés especificou o L ORD como a fonte de salvação ao renomear Josué. " [210]

A renomeação de Josué por Moisés pode ter sido um ato de adoção ritual. [211]

13: 17-20 O "Negev" (lit. "sul") era a área árida de terra ao sul de Canaã, que formava uma transição entre o deserto ao sul e os campos cultivados de Canaã ao norte. A precipitação média é de 20 a 30 centímetros por ano no Negev, tornando-o semi-árido. A "região montanhosa" (v. 17) se refere às seções mais montanhosas de Canaã em geral, aqui. Mais tarde, Moisés usou o termo mais especificamente, para parte do território que Deus deu às tribos de Efraim e Judá. A "época das primeiras uvas maduras" (v. 20) teria sido no

final de julho ou início de agosto.

13: 21-25 Os espias inspecionaram uma área muito grande.

"A localização exata deste Rehob [v. 21] é desconhecida, embora a região de Lebo Hamath sugira um local no sul do Líbano, como Beth Rehob perto de Tel Dan no flanco sul do Monte Hermon [cf. 34: 7-8 ; 1 Reis 8:65]. " [212]

Isso parece mais provável do que o fato de o Lebo-hamath mencionado estar a cerca de 50 milhas ao norte de Damasco, 100 milhas ao norte do Mar de Quinerete (Galiléia). [213]

Os "anaquitas" ("descendentes de Anaque", v. 22) eram uma

tribo de pessoas muito altas que viviam em Canaã (v. 33).

"Hebron" era uma grande cidade fortificada. Moisés deu ênfase especial aqui, porque foi

perto de Hebron que Deus prometeu dar a terra a Abraão (Gênesis 13: 14-18). De Hebron, Abraão partiu para derrotar uma coalizão de reis (Gênesis 14:13). A única propriedade que Abraão possuía em Canaã estava em Hebron, e lá ele e os outros patriarcas estavam enterrados. Os espias, é claro, conheciam esses fatos históricos, e as memórias desses eventos patriarcais deveriam ter fortalecido sua fé em Yahweh ao passarem por Hebron.

"Zoan" (v. 22) é outro nome para "Tanis", a capital do Egito, de onde os israelitas vieram. [214]

O "vale de Escol" aparentemente ficava ao norte

de Hebron, na rota de viagem para Jerusalém. [215] A palavra hebraica traduzida como "Eshcol" refere-se ao talo ou haste de alguma fruta ou flor. A partir disso, passou a significar um cacho inteiro ou "cacho" (de uvas). Um *enorme cacho de uvas* , carregado em uma vara por dois homens, há muito tempo é um símbolo da terra de Israel. Esta figura ilustra a grande produtividade agrícola da terra. Ainda é um símbolo popular do Israel moderno hoje e é o logotipo do Departamento de Turismo de Israel. Neste cacho de uvas, os israelitas tinham um penhor (pagamento inicial) de muitas outras coisas boas por vir (cf. Ef 1.13-14; 2Co 2.21-22; 5.5).

O relatório dos espias 13: 26-33

"Cades" também é chamado de "Cades-barnea" (32: 8; 34: 4) e "En-mishpat" (Gênesis 14: 7). é descrito como estando no deserto de Parã (v. 26) e no deserto de Zin (v. 21; 20: 1; 27:14; 33:36; Deut. 32:51). Evidentemente, ficava na extremidade sul do antigo deserto e na extremidade norte do último. Sua localização exata é debatida. [216]

Os espiões ("batedores" [217]) relataram que "a terra" era realmente tão fértil quanto eles tinham ouvido ("mana leite e mel", v. 27), "não obstante ..." (v. 28). Tudo o que os espias disseram, a partir desta palavra, foi

desnecessário. [218]
A comissão deles tinha sido ver a terra e relatar o que eles viram. Não era seu trabalho determinar se os israelitas poderiam vencer os cananeus. Deus havia prometido que daria a terra ao Seu povo.

"Séculos depois, quando os assírios inventaram a guerra de cerco, eles usaram maquinários massivos e um corpo de engenharia para subjugar cidades muradas; e mesmo assim, muitas vezes demorou anos. Do ponto de vista humano, Israel enfrentaria um inimigo formidável." [219]

Foi o "povo forte" e as "cidades fortificadas" em Canaã que desencorajaram os espias (v.

28). *Esses* "hititas" (v. 29) eram provavelmente refugiados que haviam entrado em Canaã vindos do império hitita na Anatólia (cf. Js 1.4; Juízes 1.26; 2Sm 11.3). [220] Como eles haviam desprezado as provisões e planos de Deus (caps. 11-12), os 10 espias agora não acreditavam nas promessas de Deus também, de que Ele entregaria a terra e seu povo em suas mãos. Eles contaram apenas com sua própria habilidade natural, e falharam em confiar na habilidade sobrenatural de Deus (v. 31).

"O que John Gardner disse sobre a arena política pode ser aplicado à arena espiritual e à caminhada de fé do cristão:

'Estamos continuamente diante de uma série de grandes oportunidades brilhantemente disfarçadas de problemas insolúveis.'" [221]

Os espiões descreveram o *maior e mais alto* dos anaquitas como "Nephilim" (v. 33).

Os Nephilim eram, "os semideuses que viveram na terra antes do dilúvio (Gn 6: 4)." [222]

A palavra "Nephilim" significa "fortes" ou "tiranos", não "pessoas de estatura gigantesca", embora venha a se referir a *gigantes sobre - humanos* . Esses homens eram guerreiros evidentemente violentos. Os

espias concluíram que os anaquitas eram parentes dos nefilins.

"O uso do termo *Nephilim* parece ser deliberadamente provocativo de medo, um termo não muito diferente do conceito de bicho-papão e duende." [223]

A rebelião do povo 14: 1-12

"A dúvida que levou à depressão, desânimo, descrença e desespero agora é vista como desobediente e desastrosa." [224]

14: 1-4 Deus tinha acabado de provar Seu poder sobrenatural aos israelitas - *três vezes* desde que a nação havia deixado o Sinai (caps. 11-12). Não havia desculpa *agora* para esta falha

em confiar que Ele os conduziria vitoriosamente a Canaã.

"A vontade de Deus nunca nos levará a um lugar onde a graça de Deus não possa prover para nós ou o poder de Deus nos proteja. Se nossa oração diária é 'seja feita a tua vontade', e se andarmos em obediência à vontade de Deus , então, do que reclamar? Um espírito de reclamação é evidência de um coração ingrato e de uma vontade não entregue. Por meio de nossas resmungos, ousamos dizer que sabemos mais do que Deus sobre o que é melhor para o Seu povo! " [225]

Sempre que escolhemos fazer algo que é contrário à vontade de Deus, dizemos, com efeito: "Quero voltar para o Egito".

14: 5-9 “Moisés e Aarão” tentaram persuadir o povo a entrar na terra (Deuteronômio 1: 29-31). Eles também "caíram com o rosto em terra na presença de todos ... a congregação", sugerindo que oraram pela nação nesta hora de rebelião (v. 5). Além disso, "Josué" e "Calebe" advertiram o povo contra o retorno (vv. 7-9). Eles identificaram corretamente as verdadeiras ações (e atitudes) da maioria israelita, como "rebelião" contra Deus e "temor" dos cananeus (v. 9). Eles lembravam o povo de que Deus "estava (está) com" eles (v. 9).

14: 10-12 Não obstante, a congregação rejeitou violentamente os apelos de

Calebe e Josué para confiar e obedecer a Deus (v. 10). O próprio Deus impediu o povo de apedrejar Calebe e Josué manifestando-se ("a glória do Senhor apareceu ... a todos"; v. 10).

"... a majestade de Deus brilhou diante dos olhos do povo em uma luz que repentinamente irrompeu do tabernáculo (veja em Ex. Xxv. 10)." [226]

Como fiel mediador, Moisés novamente intercedeu pelos desobedientes israelitas (vv. 13-19). Muitos pastores modernos teriam deixado seu povo, se eles reagissem como os israelitas fizeram aqui, mas esses líderes não o fizeram. Eles se humilharam e se comprometeram a suportar as

consequências da falta de fé de seus povos. Deus os recompensou por seu compromisso. Devemos deixar aqueles que são teimosos somente se Deus nos orientar claramente a fazê-lo.

O SENHOR declarou a raiz do fracasso de Israel claramente no versículo 11. O fracasso dos israelitas surgiu da *incredulidade* (cf. Hb 3.19). Eles falharam em acreditar que Deus lhes daria a terra de seus inimigos como Ele havia prometido.

"Como Faraó, eles estavam endurecendo seus corações e ignorando a ordem clara de Deus (cf. Sl 95: 7-8) ..." [227]

Freqüentemente, nas Escrituras, lemos sobre pessoas que perguntam a Deus: "Quanto tempo?" (por exemplo, Salmos 6: 3; 13: 1-2; 35:17; et al.). No entanto, aqui é Deus quem fez esta pergunta a Moisés (cf. Êxodo 16:28). Isso ilustra o relacionamento íntimo que Moisés e Deus tinham (12: 7-8).

A ação ameaçada de Deus, para exterminar ou "ferir" o povo, era uma possibilidade real, ou Ele estava apenas testando a reação de Moisés com esta oferta? Deus havia ameaçado uma punição semelhante no Sinai quando os israelitas fizeram o bezerro de ouro (Êxodo 32:10).

Se Ele realmente tivesse feito isso, Deus ainda poderia ter

cumprido Suas promessas a Abraão, destruindo e expropriando todos os outros israelitas vivos, e poupando apenas Moisés e seus descendentes. No entanto, Deus não poderia ter cumprido as promessas proféticas que Ele havia dado por meio de *Jacó* (Gênesis 49) - se tivesse feito isso. Deveria haver descendentes de *Judá* , de quem viria um "grande governante" (Gênesis 49:10), bem como algum futuro para as outras tribos.

Talvez Deus quisesse dizer que destruiria completamente aquela *geração mais velha* de israelitas imediatamente (eliminando-os de um só golpe, em vez de gradualmente; cf.

Êxodo 32:10). Deus também disse que daria a Moisés e seus descendentes um lugar muito maior na nação ("Eu farei de você uma nação maior e mais poderosa do que eles"). Talvez, se Deus tivesse cumprido esta oferta, outros povos teriam mais tarde considerado "Moisés" como o "pai da nação israelita".

"... esta passagem pretende mostrar que o povo não conseguiu herdar a Terra Prometida e, portanto, morreu no deserto sem herdar a bênção, não tanto por um ato específico de desobediência ou por medo das batalhas que estavam por vir, mas sim pela simples fato de sua

incredulidade. Eles falharam em confiar em Deus. " [228]

Esta seção do texto nos ensina lições importantes sobre *inadequação* e *adequação* . Os 10 espias, que não queriam que os israelitas entrassem na terra, *sentiram-se inadequados* (cf. João 15: 5). Nisso, eles estavam sendo realistas. No entanto, eles deveriam ter compensado seus sentimentos de inadequação pessoal, lembrando-se da *completa adequação* de Deus (cf. 2 Cor. 12: 9; Lucas 1:37; Mat. 19:26; Fp 4:13).

Deus estava ensinando aos israelitas uma lição básica da vida de fé, a saber, que o *verdadeiro poder* na vida do povo de *Deus* é

de *Deus* . Quando confiamos e obedecemos a Deus, Ele libera Seu poder por nosso intermédio. Nunca somos adequados em nós mesmos, mas Deus capacita os obedientes e confiantes. Jesus ensinou a Seus discípulos a mesma lição quando multiplicou os pães e os peixes - duas vezes.

A intercessão de Moisés pelo povo 14: 13-19

Moisés intercedeu novamente, assim como havia feito no Sinai (cf. Êxodo 32: 11-13). Moisés baseou seu apelo na reputação de Deus entre os egípcios (vv. 13-14) e as outras nações (vv. 15-16). Ele também citou a promessa de Deus de que Ele seria paciente ("vagaroso para

irar-se ... perdoando a iniqüidade"; vv. 17-18), e Seu amor leal a Israel ("a grandeza de sua benignidade"; v. 19). As palavras de Moisés mostraram-se eficazes (“O Senhor disse: 'Perdoei-os segundo a tua palavra [de Moisés]'”; v. 20). Este foi o teste de Deus para Moisés, e foi semelhante ao teste que Abraão enfrentou quando Deus lhe disse para sacrificar Isaque (Gênesis 22).

A punição de Deus sobre o povo 14: 20-38

O fato de que Deus concedeu ao povo "perdão", em resposta à intercessão de Moisés, é outra indicação de Sua graça (vv. 20-21).

"Aqui está uma nação inteira resgatada da ruína pela oração fervorosa eficaz de um homem justo [cf. Tiago 5:16]." [229]

O fracasso dos israelitas não frustraria o propósito de Deus de manifestar Sua "glória" por toda "a terra", por meio da descendência de Abraão (v. 21). Mesmo que a geração atual morresse no deserto, Caleb (e Josué, não mencionados aqui no v. 24, cf. v. 30) entrariam na Terra Prometida.

Embora alguns considerem o número "dez" como um número redondo, o texto registra "dez vezes" que os israelitas testaram a Deus (v. 22) reclamando:

1. No Mar Vermelho (Êxodo 14: 11-12)
2. Em Mara (Êxodo 15:23)
3. No deserto de Pecado (Êxodo 16: 2)
4. No deserto de Pecado (Êxodo 16:20)
5. No deserto de Pecado (Êxodo 16:27)
6. Em Refidim (Êxodo 17: 1-2)
7. No Horebe (Êxodo 32)
8. Em Taberah (Num. 11: 1-3)
9. Em Kibroth-hattaavah (Números 11: 4-34)
10. Em Cades (Números 14: 1-3)

Outra opinião, menos provável, é que o Senhor estava se referindo aos dez espias, não a dez casos históricos de

teste. [230] É digno de nota que no Egito, Deus enviou *10 pragas para edificar a fé* de Seu povo, mas no deserto, eles reclamaram contra Ele *10 vezes na incredulidade* . Evidentemente, a medida de sua iniqüidade atingiu sua capacidade plena, do ponto de vista de Deus, com esta décima rebelião (cf. Gn 15,16).

Porque a geração adulta falhou em confiar em Deus, Ele não derrotou seus inimigos. Portanto, Ele os instruiu a marchar para sudeste em direção ao Golfo de Aqabah, e *longe* dos "amalequitas" e dos "cananeus" (v. 25). Já que eles queriam voltar *para o Egito* , Deus os mandou de *volta* para

onde estavam. Como eles *temiam que* seus filhos *morressem em Canaã* , Deus *preservaria*essas mesmas crianças no deserto - e dar-lhes uma casa em Canaã ("eles conhecerão a terra que rejeitastes"; v. 31). Visto que os adultos rejeitaram Canaã, Deus a daria aos seus "filhos" (v. 31). Visto que eles temiam morrer em Canaã, Deus os deixaria morrer no deserto ("vossos cadáveres cairão neste deserto", vv. 32-33; cf. v. 2).

"Típico da ironia desta história, a punição deles é feita de acordo com o crime." [231]

“Quando o Senhor perguntou 'Quanto tempo?' [v. 27] ele quis dizer que este era o fim. A fórmula do juramento 'Como eu

vivo' [v. 28] era a negação mais forte que se pode imaginar. As coisas que ele disse a seguir iriam acontecer irrevogavelmente. Isso é o que está por trás dos versículos 28, 30 e 35. " [232]

"Melhor aceitar o primeiro 'Não' de Deus do que se conduzir a um lugar de disciplina, obtendo o que deseja." [233]

A Bíblia em nenhum lugar especifica uma idade específica de responsabilidade para as crianças. No entanto, o fato de que Deus julgou todos os israelitas com 20 anos ou mais, por esse pecado de *descrença* , parece significativo. Ele evidentemente considerava aqueles que viveram 20 anos como adultos responsáveis (v.

29). No judaísmo posterior, os meninos judeus se tornaram "filhos do pacto" em seu décimo terceiro aniversário. Isso é o que o *bar mitzvah* (literalmente "filho do dever") celebra.

A duração de 40 *anos* da punição foi baseada na duração de 40 *dias* da expedição pelos espiões (v. 34). Esses "40 anos" incluíam os dois anos já passados no deserto, uma vez que as reclamações caracterizavam o povo desde a primeira vez em que partiram do Egito - o que significa que *38 anos* de peregrinação ainda estavam por vir.

"O número redondo quarenta (v. 34) pode se referir a uma vida humana: geralmente falando, todos com mais de

vinte anos morreriam no deserto em um período de quarenta anos, porque muito poucas pessoas viviam além dos sessenta. é uma conexão curiosa entre os quarenta dias de preparação para uma entrada que não aconteceu e os quarenta anos de preparação incrível para uma entrada que aconteceria - mas apenas para uma nova geração. " [234]

"A queda de Israel em Cades é um lembrete para nós hoje de que é perigoso brincar com a vontade de Deus. Você pode acabar passando o resto da vida vagando por aí, apenas esperando para morrer." [235]

“Em Números, a desobediência freqüentemente resulta da descrença (cf. Hb 3: 7-19). Deus

usou o sofrimento para alertar seu povo sobre sua falta de fé, como pode ser visto em sua desobediência. Algum sofrimento permite que o povo de Deus se arrependa. " [236]

"Demorou apenas quarenta horas para tirar Israel do Egito; mas demorou quarenta anos para tirar o Egito de Israel!" [237]

Os 10 espias que trouxeram a "opinião majoritária" aparentemente "morreram" logo depois que Deus pronunciou sua sentença, como resultado de "uma praga" que Ele enviou (v. 37):

"Como uma evidência inequívoca de que a palavra de julgamento de Deus seria

literalmente cumprida, os espias, exceto Josué e Calebe, neste momento foram mortos por uma praga do Senhor." [238]

"Eu não gostaria de ser dogmático, mas falando de minha própria vida e observação dos assuntos nacionais, descobri que quase invariavelmente o relato da minoria é verdadeiro e o relato da maioria não. Gostamos tanto das maiorias, mas Deus é sempre trabalhando por meio de minorias dinâmicas. " [239]

A presunção do povo 14: 39-45

Tendo recebido sua sentença do Senhor, o povo então presunçosamente passou a

subir por conta própria para tomar a terra (vv. 40-42).

"Eles são como crianças que quebraram um vaso valioso e decidiram 'torná-lo melhor' colando-o de volta. O resultado de tal ação não se parece em nada com o original." [240]

Os israelitas se recusaram a aceitar a disciplina de Deus, assim como se recusaram a aceitar (acreditar) em Sua promessa. Assim, eles se rebelaram contra Ele novamente, embora Moisés soasse o aviso sinistro: "O SENHOR não estará com você" (v. 43). Eles tentaram obter Suas bênçãos sem Ele, o que é esforço humano e religião feita pelo homem sem Deus, uma forma de descrença.

Conseqüentemente, Deus permitiu que seus inimigos os derrotassem. A chave para o sucesso não seria seu poderio militar ou psicológico, mas sua confiança obediente em Deus.

Também é possível que nós, cristãos, deixemos de receber nossa recompensa completa, se deixarmos de continuar a confiar e obedecer a Deus (1Co 9: 24–10: 13; Hb 3: 12–4: 14). [241] Todo cristão genuíno acabará por ir para o céu, mas apenas "os fiéis" receberão todas as recompensas que Deus deseja que cada cristão possua. Deus dará ou reterá estes no "tribunal de Cristo" (1 Cor. 3: 11-15; 2 Cor. 5:10; et al.).

"A história da espionagem nos números 13-14 reúne uma série

de temas centrais na teologia do Antigo e do Novo Testamento. A história explora o pecado; a interação do perdão e do julgamento; a morte do velho e o nascimento de o novo; confiar no poder de Deus versus confiar em estimativas do poder e determinação humanos; e o poder de Deus sobre os 'gigantes' versus a graça de Deus sobre os 'pequeninos'. " [242]

"Seguindo o relato da falha do povo em acreditar em Deus nos capítulos 13 e 14, o escritor anexou um novo e bastante amplo conjunto de leis que tratam do sacrifício e do sacerdócio (15: 1-19: 22). Assim, como fez foi o caso em todas as partes anteriores do

Pentateuco, depois de um relato da descrença de Israel, mais leis são adicionadas dentro da narrativa [cf. Êxodo 32; Gal. 3: 19-23]. " [243]

"Infelizmente, devemos deixar de lado nossa confiança tão facilmente gerada no homem vão e caído, e nos voltar para Deus." [244]

Duas batalhas, esta e a batalha com os cananeus em 21: 1-3, enquadram a seguinte seção de leis e a disciplina do Senhor sobre os israelitas no deserto durante os próximos 38 anos. [245]

"O povo deixou de ser peregrino e tornou-se nômade." [246]

Leis proferidas durante os 38 anos de disciplina, chs. 15-19

Moisés registrou poucos eventos durante os anos de peregrinação de Israel pelo deserto, mas aqueles que ele preservou têm valor instrutivo. O mais importante entre eles é a rebelião do grupo de Corá contra Moisés e Arão, e a confirmação de Deus do sacerdócio Aarônico que se seguiu (caps. 16-18). O *deserto* era parte do treinamento necessário de Deus para os filhos de Seu povo redimido, mas as peregrinações não teriam sido necessárias se os israelitas tivessem crido e obedecido. No entanto, Deus

ainda usou esses anos para educar ainda mais Seu povo.

"Esses trinta e oito anos simplesmente marcam o tempo sem fazer história." [247]

A seção a seguir contém mais regulamentos que remetem a Cades e adiante em Canaã. Sua "revelação" é uma confirmação de que Deus não rejeitou Seu povo, mas os traria eventualmente para a Terra Prometida.

"O efeito das leis é muito parecido com um treinador revendo estratégias de jogo e fundamentos básicos que foram esquecidos após uma derrota esmagadora. É hora de parar e fazer um balanço, lembrar o que foi esquecido e receber

encorajamento diante do desespero. " [248]

Regulamentos relativos a ofertas e a pena por pecado desafiador 15: 1-31

"O capítulo 15 é outra coleção de textos destinados a preparar as pessoas para sua vida na terra. Portanto, este capítulo é promissor. Embora muita coisa tenha acontecido e os resultados sejam esmagadores para a população adulta envolvida; no entanto, há uma sentido no qual podemos dizer que nada aconteceu. Deus perdoou seu povo (14:20), a segunda geração entrará na terra (14:31), e os preparativos ainda precisam ser feitos para esse período após a Conquista e

a alcançar a 'normalidade' em Canaã.

"Parece que o pensamento de ligação entre os capítulos 14 e 15 é a frase em 15: 2: 'quando entrares na terra das tuas habitações que Eu te dou' (tradução pessoal)). a 14:31: 'Eu os trarei para desfrutar da terra que você rejeitou.' " [249]

"Para que não haja a noção equivocada de que as leis do Sinai, incluindo as leis das ofertas, foram revogadas ou substituídas, o Senhor citou explicitamente algumas delas novamente ..." [250]

O Senhor complementou e completou as leis do sacrifício que Ele havia dado anteriormente. Essas leis se

relacionam à vida na terra (vv. 1-2).

Existem realmente sete leis nesta perícope (vv. 3-5, 6-7, 8-16, 17-21, 22-26, 27-29 e 30-31). Os três primeiros estão intimamente relacionados e iremos considerá-los como uma lei. Também podemos combinar a quinta e a sexta leis e considerá-las uma, a que me referirei como a terceira.

5: 1-16 "A *primeira* dessas leis referia-se à conexão entre as ofertas de carne [farinha] e libações, de um lado, e os holocaustos e sacrifícios [pacíficos], do outro." [251]

Os israelitas deviam acompanhar cada oferta queimada e cada oferta pacífica

com uma oferta de farinha e uma oferta de bebida de vinho. As quantidades da refeição e do vinho variavam, e essas variações são claras no texto. Um efa custava cerca de meio alqueire e um him custava cerca de um galão. Visto que as uvas eram grandes e abundantes em Canaã (cf. 13:23), o vinho teria um papel significativo nas ofertas de Israel. A oferta de bebida expressou gratidão pelas *uvas* da terra. Os sacerdotes *serviram* bebidas; el es não os *beberam* .

O apóstolo Paulo falou de sua vida como "uma libação derramada" como um sacrifício "a Deus" (Fp 2:17; 2 Timóteo 4: 6).

15: 17-21 A *segunda* lei exigia a apresentação de "um bolo" feito com as "primícias" da terra a Deus. O ofertante deveria "erguê-lo" diante de Deus e depois entregá-lo ao sacerdote. Essa oferta expressou gratidão pelos *grãos* da terra.

15: 22-29 A *terceira* lei trata dos holocaustos e ofertas pelo pecado. Aqui, os pecados de *omissão* estão em vista, enquanto a lei em Levítico 4: 13-21 trata mais dos pecados de *comissão* . Em ambos os casos, a oferta pelo pecado cobria pecados cometidos "sem intenção". Essa lei também cobria
alguns pecados *deliberados* , se o pecador oferecesse confissão

pública, restituição total e uma oferta pelo pecado (Lv 6: 1-7).

15: 30-31 Essas ofertas não cobriam pecados cometidos em *desafio a* Deus. Nesses casos, o pecador provavelmente morreria ("essa pessoa será exterminada"; vv. 30-31). "Cortar" em outros lugares se refere à morte ou ao banimento da comunidade, o que foi uma espécie de morte. [252] Moisés registrou um caso envolvendo tal pecado na próxima seção.

O caso do transgressor do sábado 15: 32-36

Este incidente ilustra o destino de qualquer israelita ou estrangeiro em Israel que deliberadamente violou a lei da

observância do sábado. Ele esclarece o significado de "pecado desafiador", bem como o que significa ser "cortado do meio de seu povo" (vv. 30-31). A violação desta lei acarretou a pena de morte (Êxodo 31: 14-15; 35: 2). Era como o "pecado imperdoável" do Novo Testamento, pois não havia perdão para ele. [253] Deus revelou nesta ocasião que tal ofensor morreria por apedrejamento (cf. Lv 20: 2). Considerando que Moisés havia previamente registrado a penalidade (sendo "cortado"), ele não explicou o método de execução (v. 34). Outras ocasiões em que Moisés teve que pedir a orientação de Deus em casos difíceis aparecem em

9: 7-8; 27: 1-11; e Levítico 24: 10-23.

"O propósito dessas narrativas é mostrar que a vontade de Deus não é expressa de uma forma definitiva. No relacionamento contínuo de Israel com Deus, ele continuou a revelar sua vontade a eles, e eles continuaram a desempenhar um papel no processo." [254]

A observância do sábado era o sinal externo da aliança mosaica. Violar a lei do sábado *deliberadamente* equivalia a repudiar a soberania de Deus.

"Existem onze ofensas puníveis com apedrejamento de acordo com o Antigo Testamento: idolatria (Deuteronômio 17: 2-

7); incentivo à idolatria (Deuteronômio 13: 6-10); sacrifício de crianças (Levítico 20: 2-5); profecia em nome de outro deus (Deuteronômio 13: 1-5); adivinhação (Levítico 20:27); blasfêmia (Levítico 24: 15-16); quebra do sábado (aqui); assassinato por um boi (Êxodo . 21: 28-29); adultério (Deuteronômio 22:22 e segs.); Rebelião de um filho (Deuteronômio 21: 18 e segs.); Violação da proibição de Deus sobre a pilhagem devotada a ele (Josué 7:25). " [255]

"Quando o poeta alemão Heine disse em seu leito de morte: 'É claro que Deus vai me perdoar; esse é o seu trabalho', ele não entendeu nem o horror do

pecado nem o alto custo da graça de Deus." [256]

Lembretes visuais para cumprir a lei 15: 37-41

Talvez Deus tenha iniciado esta ordem em resposta ao incidente de quebra do sábado que acabamos de mencionar. Os israelitas deviam usar "borlas" nos *quatro* "cantos" de suas "vestes" externas superiores (Deuteronômio 22:12). O texto não explica o tamanho das borlas, mas fotos antigas de borlas em roupas que os antigos orientais usavam mostram que elas tinham cerca de quinze centímetros de comprimento.

"As borlas eram, na verdade, extensões da bainha, como

aprendemos com inúmeras ilustrações da arte do antigo Oriente Próximo.

"Para entender o significado da borla, devemos primeiro entender o significado da bainha. ... A bainha da vestimenta externa ou túnica representava uma importante declaração social. Geralmente era a parte mais ornamentada da vestimenta. E o mais importante, individual, mais elaborado e ornamentado era o bordado na bainha de seu manto externo. ...

"O significado da bainha e de ser cortada se reflete em um famoso episódio bíblico [a saber, quando Davi cortou a bainha do manto de Saul; 1 Sam. 24]. ...

"A exigência de um cordão azul ... nas borlas dá mais suporte à noção de que as borlas significavam nobreza porque a tinta azul usada para colorir os fios era extraordinariamente cara ...

"A Bíblia aparentemente presumia que mesmo o mais pobre israelita poderia pagar pelo menos quatro fios azuis, um para cada borla ... Assim, tecer um fio azul ... na borla aumenta seu simbolismo como uma marca de nobreza.

"A borla com um fio azul significava mais do que realeza ou nobreza, no entanto. Também significava o sacerdócio." [257]

O artigo citado também contém reproduções de fotos antigas do Oriente Próximo de pessoas usando roupas com borlas. O israelita devia prender a borla à vestimenta com um fio "azul" (ou "cordão"), ou deveria conter um fio azul. A cor azul, conforme observado em nosso estudo das coberturas do tabernáculo, provavelmente simbolizava a origem celestial e a realeza. Assim, aparentemente, Deus queria que o fio azul lembrasse aos israelitas sua sagrada vocação como "um reino de sacerdotes". Essas borlas lembravam aos israelitas sua posição privilegiada no mundo e seu nobre e sagrado chamado.

As "borlas" eram claramente uma ajuda visual para os israelitas e provavelmente produziam uma resposta condicionada nas mentes dos judeus piedosos (cf. Deuteronômio 6: 6-9). Eles não traziam à mente nenhum mandamento em particular, mas tinham o objetivo de lembrar ao observador que ele deveria observar *todas* as leis de Deus. O judeu era distinto em virtude de sua vocação, assim como a vestimenta que ele observava. Talvez, também, Deus escolheu a vestimenta *externa* porque os israelitas eram como *Sua vestimenta externa* , pela qual o mundo O reconheceu. Seu povo deveria ser um adorno para Ele (cf. Tito 2:10). Assim, Deus

especificou algo que alertaria Seu povo *antes* que pecassem; Ele não especificou apenas a punição *depois* *que* eles pecaram.

"Há uma seleção intencional por trás das coleções de leis encontradas em todo o Pentateuco. O propósito dessa seleção parece suficientemente claro. Ao ler essas leis, podemos ver prontamente que Deus se preocupa com cada detalhe da vida humana. Nada é muito pequeno ou sem importância. Tudo tem que ser disponibilizado e dedicado a ele. " [258]

Essa legislação é a base para o costume de usar um "talit" ou "xale de oração", que os judeus praticantes modernos ainda

usam. É também a base para a cor azul da "estrela" judaica na moderna bandeira do Estado de Israel.

A rebelião de Coré e seus seguidores 16: 1-40

“À medida que as leis aumentam e as restrições aumentam, as pessoas parecem menos dispostas ou menos capazes de segui-las. Nesse ponto da narrativa, vemos que toda a ordem do sacerdócio é aberta ao confronto direto. A Palavra de Deus revelada no Sinai, que no início parecia tão definitivo e autoritário, agora está sendo desafiado por todos os lados. " [259]

Cole descreveu os capítulos 16 a 19 como "o segundo ciclo de

rebelião", sendo o primeiro os capítulos 13 e 14. Considerando que a rebelião do povo nos capítulos 13 e 14 era contra o Senhor, por se recusar a acreditar Nele, a rebelião de Corá no capítulo 16 foi contra os líderes designados pelo Senhor: Moisés e Aarão. Os capítulos 17 a 19 relatam as consequências dessa rebelião.

"O segundo ciclo de rebelião enfoca questões do sacerdócio e as regras dos sacerdotes como líderes e mestres de Israel. ... O foco do ciclo é o desafio à liderança de Moisés e Aarão na comunidade israelita e a confirmação do divino nomeação do sacerdócio Aarônico. " [260]

"O tema de toda a *parashah* (caps. 16-18) é a invasão do Tabernáculo." [261]

"A sorte de Israel atingiu uma vazante baixa. Demoralizada pelo relato da maioria dos batedores e condenada por seu Deus a morrer no deserto, o povo está psicologicamente receptivo a apelos demagógicos para derrubar sua liderança e retornar ao Egito. Quatro rebeliões separadas estão aqui contidas registrado e fundido: os levitas contra Arão; Datã e Abirão contra Moisés; os chefes tribais contra Arão; e toda a comunidade contra Moisés e Arão. " [262]

"Em 16: 1-17: 28 (Eng. [17:] 13), três histórias ilustram a necessidade e a legitimidade do

sacerdócio Aarônico [isto é, 16: 1-35; 16: 36-50; e cap. 17]. Como houve desafios à liderança de Moisés nos capítulos 11-14, aqui há desafios para a de Aarão. " [263]

Não é possível determinar, pelo texto, *onde* ou *quando,* durante os 38 anos de peregrinação, ocorreu esse incidente. Essa história se conecta com a que a precede, no sentido de que Corá e seus companheiros não sacerdotais deixaram de apreciar seu chamado e ficaram descontentes. As borlas de suas vestes deveriam tê-los lembrado de sua alta vocação e privilégio. Não foi a "ralé" ou mesmo os israelitas comuns que instigaram essa rebelião,

mas alguns dos levitas (cf. 8: 5-26).

"Na verdade, Coré argumenta que se todo o Israel aspira à santidade usando uma mistura sacerdotal em suas vestes ... por que eles não deveriam ser elegíveis para o próprio sacerdócio?" [264]

16: 1-3 Os líderes desta rebelião eram "Corá" - um levita do ramo coatita da tribo e primo-irmão de Moisés e Arão (Êxodo 6:18) - e "Datã", "Abirão" e "On", que eram rubenitas. Talvez esses rubenitas se sentissem desprezados porque sua tribo havia perdido os direitos do primogênito e eles queriam um papel maior na nação. [265] Esses quatro homens ganharam o apoio de

"250" outros homens (talvez um número arredondado) de outras tribos, que eram "líderes" entre os israelitas.

Esses homens pretendiam derrubar a constituição que Deus havia legado a Israel e substituí-la por outra que lhes parecesse melhor. Este é um bom exemplo de pecado "arrogante" em Israel. Eles basearam sua ação na *verdade de* que toda a congregação era "santa" (Êxodo 19: 5-6). Eles erroneamente inferiram disso que todo israelita, portanto, tinha o direito de servir no sacerdócio. Eles falharam em apreciar o fato de que Deus escolheu *apenas* os *levitas*para um serviço sacerdotal especial, porque a nação como um todo

havia apostatado no Sinai (Êxodo 32). Eles também falharam em ver que a eleição divina para o serviço sacerdotal, que havia sido o privilégio de toda a nação, não constituía em si mesma qualificação para o serviço sacerdotal. Também dependia da obediência à aliança de Deus (Êxodo 19: 5). Para ser úteis a Deus, não devemos apenas ser obedientes, mas chamados. Chamar mais obediência é igual a utilidade. Todos os cristãos foram chamados (João 15). Somos os eleitos de Deus, Seus "sacerdotes" no mundo hoje (1 Pedro 2: 9).

Os rebeldes atribuíram a proeminência de Moisés e Aarão

na liderança de Israel à ambição pessoal, e não à obediência aos mandamentos de Deus. Nós também precisamos ter cuidado ao julgar os motivos dos servos de Deus. Josefo atribuiu o seguinte motivo a Corá:

"... se Deus tivesse determinado conceder essa honra [do sacerdócio] a alguém da tribo de Levi, eu sou mais digno disso do que ele [Arão]; eu mesmo sendo igual a Moisés pela minha família e superior a ele tanto na riqueza quanto na idade ... " [266]

16: 4-7 Moisés "prostrou-se com o rosto em terra" (v. 4) em grande aflição, e levou o assunto a Deus em oração (cf. 14: 5).

O teste para determinar o sacerdócio envolvia oferecer "incenso", porque esta era a responsabilidade *santíssima* dos sacerdotes, que também os aproximava mais de Deus. O L ORD já havia mostrado como Ele se sentia sobre aqueles que assumiram esse privilégio, no caso de Nadabe e Abiú (Lv 10: 1-3).

16: 8-14 Os rebeldes viram as experiências de Israel desde que deixou o Egito de uma forma puramente carnal e *natural* . Eles atribuíram essas provações a Moisés, pessoalmente, ao invés de seu Deus *sobrenatural* . Essa falha em perceber a vontade de Deus, como tal, os levou a considerar a liderança de

Moisés inadequada e inaceitável.

"Não era que Moisés estava errado ou que Arão estava errado. Aconteceu simplesmente que esses homens ímpios queriam suas posições.

"Sempre que alguém começa a enfatizar tanto 'meu ministério', ele corre o risco de calçar as sandálias de Coré." [267]

"No v. 10b, Moisés chega ao cerne da questão - não ficar satisfeito com a posição para a qual Deus o chamou, mas querendo mais por uma questão de poder e prestígio. É claro que o chamado dos levitas era para o ministério ou serviço do povo, não para poder e posição

sobre eles. Este mal-entendido está perto do cerne daquilo que torna a rebelião de Corá tão trágica: um mal-entendido do chamado de Deus quanto ao privilégio e não ao serviço. " [268]

16: 15-35 O método de Deus para julgar Coré, Datã e Abirão - sendo "engolido" pela "terra" - foi uma lição gráfica para o resto da nação que Deus "enterraria" aqueles que se rebelassem contra Sua vontade. O pecado sempre leva à morte (Rom. 6:23).

"Visto que Datã e Abirão se recusaram a 'subir' ('*alah* , vv. 12, 14), eles' descerão '(*yarad* , vv. 30, 33). Por reclamarem de que Deus havia' nos criado '(*ele*' *elitanu* , v. 12) do Egito

para 'que morramos (*le-hamitenu*) no deserto' (v 12), eles não 'morrerão (*yamutu*) como todos os homens' (v. 20), mas 'descerão vivo (*ve-yardu hayyim* , vv. 30, 33) no Sheol. '" [269]

É instrutivo que Deus julgou esses rebeldes da mesma forma que eles pecaram (cf. Gl 6: 7): Eles procuraram dividir o povo, então Deus os separou do resto dos israelitas, e então Deus dividiu a terra assim que os engoliu.

"Sheol, a morada dos mortos, é retratada imediatamente sob a superfície do solo ..." [270]

"A questão é que a rebelião contra aqueles que Yahweh escolheu é rebelião contra ele.

Isso não significa simplesmente que os líderes estão sempre certos. Diz que *se* o líder é nomeado por Deus, a rebelião contra a liderança é rebelião contra Deus." [271]

"A mesma glória que apareceu para instalar Aarão em seu cargo no início (Lev. Ix. 23) agora apareceu para confirmá-lo e confundir aqueles que se opõem a ele." [272]

Os "homens que pertenciam a Corá" (v. 32) eram aparentemente seus *seguidores* , visto que alguns, senão todos, de seus filhos não morreram com o pai (cf. 26:11, 58; 1 Crônicas 6: 18-22; 9:19). Deus destruiu "os 250" líderes com "fogo" que procedia de Si mesmo, como

Ele havia tratado com Nadabe e Abiú (Lv 10: 2). [273]

"As ruínas dos outros deveriam ser nossos avisos." [274]

16: 36-40 O L ORD criou outro recurso visual para lembrar aos israelitas que oferecer incenso era um ministério apenas dos sacerdotes. Os sacerdotes cobriram "o altar" de holocaustos com uma segunda camada ("revestimento") de "bronze", que eles martelaram dos "incensários" dos rebeldes (cf. Êxodo 27: 2). [275]

"Quando pensamos sobre a noção do 'santo', reconhecemos que as coisas são santificadas nas Escrituras, não porque as pessoas são santas, mas porque

as coisas são apresentadas ao Senhor, que é santo. Visto que esses homens ímpios apresentaram seus incensários para o Senhor, os incensários são santos, apesar da maldade dos próprios homens. " [276]

A rebelião de toda a congregação 16: 41-50

O julgamento de Deus sobre a companhia de Corá não persuadiu a congregação como um todo a se submeter à vontade de Deus por meio de Moisés e Aarão. Em vez disso, o povo acusou Moisés e Arão de matar ("causar a morte de") seus líderes (v. 41). Mas, ao contrário, Moisés foi responsável por Deus ter *poupado a nação* - por meio de sua intercessão - em várias

ocasiões. O fato de que o povo chamou a companhia de Corá de "o povo do Senhor " (v. 41) mostra como eles deixaram de apreciar o que realmente significava ser "Seu povo" (cf. 11:29; Juízes 5:11; 1 Sam. 2:24; 2 Sam. 1:12; 6:21; 2 Reis 9: 6; Eze. 36:20; Sof. 2:10).

"A única coisa que aprendemos com a história é que não aprendemos com a história, e isso inclui a história da igreja." [277]

Moisés e Arão "prostraram-se com o rosto em terra" quando ouviram a intenção de Deus de julgar toda a congregação com a morte ("para que eu possa consumi-los instantaneamente"; vv. 43, 45). Visto que o incenso simboliza a oração nas

Escrituras (cf. Êx 30: 8; Salmos 141: 2; Lucas 1:10; Ap 5: 8; 8: 3-4), Arão aparentemente se movia entre o povo ("correu para o meio "), intercedendo por eles (cf. a intercessão e intervenção de Cristo pelos pecadores). A "praga" (v. 46) foi obviamente um julgamento divino envolvendo *morte súbita* , mas Moisés não revelou mais do que isso. Um total de "14.700" pessoas "morreram" (v. 49).

Por que o próprio Moisés não intercedeu novamente aqui?

"Todos os motivos que ele tinha até então pleiteado, em sua intercessão repetida para que esta má congregação pudesse ser poupada, estavam agora esgotados. Ele não podia

arriscar sua vida pela nação, como em Horebe (Ex. Xxxii. 32), pela nação o rejeitou. Ele não podia [*sic*] mais apelo à honra de Jeová entre os pagãos, vendo que o Senhor, mesmo quando sentenciando a raça rebelde a cair no deserto, havia assegurado a ele que toda a terra deveria ser preenchida com a Sua glória (cap. xiv. 20 sqq.) Ainda menos poderia ele orar a Deus para que Ele não ficasse irado com todos por causa de um ou alguns pecadores, como no cap. xvi. 22, vendo que toda a congregação tinha participado com os rebeldes. Nesse estado de coisas, restava apenas uma maneira de evitar a ameaça de destruição de toda a nação, a saber, adotar os meios que o

próprio Senhor havia dado à Sua congregação, no ofício de sumo sacerdote, para limpar seus pecados, e recuperar a graça divina que eles perderam por causa do pecado, - viz. a oferta de incenso que incorporava a oração do sumo sacerdote,e a força e operação da qual não dependiam da sinceridade e fervor da fé subjetiva, mas tinham um fundamento firme e inamovível na força objetiva da designação divina. "[278]

Outra explicação é que o escritor não registrou a oração de intercessão de Moisés e a resposta de Deus, no texto, neste caso.

A confirmação do sumo sacerdócio de Aarão cap. 17

O fato de que Deus parou a praga, em resposta à ação expiatório de Aaron com o seu incensário (16: 47-48), deveria ter provado que Deus aceitou - *o* como o sumo sacerdote, e não os rebeldes. Deus deu o milagre da "vara que brotava", no capítulo 17, para causar uma impressão ainda maior no povo, a fim de desencorajar novas rebeliões (v. 5).

"A vara de um homem era o sinal de sua posição como governante na casa e na congregação; com um príncipe, a vara tornou-se um cetro [*sic*], a insígnia do governo (Gênesis xlix. 10)." [279]

Um líder de cada uma das 12 tribos trouxe uma vara. A palavra hebraica para "vara" ou

"cajado" , *metteh* , também significa "tribo".

"A amêndoa desabrocha cedo com flores brancas e seus frutos eram muito apreciados (Gênesis 43:11). O branco nas Escrituras simboliza pureza, santidade e o próprio Deus (por exemplo, Is. 1:18; Dn. 7: 9; Ap. 20 : 11). Jeremias associa a amêndoa... com vigiar... (Je. 1: 11-12). Todas essas qualidades foram personificadas por Arão e a tribo de Levi. Eles eram a tribo sagrada *por excelência* , que representava Israel perante Deus e Deus a Israel, e eles eram responsáveis por zelar pelo povo, instruindo-os nos estatutos do Senhor (Lv. 10:11). " [280]

A "vara" de Aaron *explodiu* em "botões", "flores" e "amêndoas maduras" - todos os três estágios de fecundidade - porque Deus lhe deu *poder* vital ("germinou ... gerou botões ... produziu flores e ... gerou amêndoas maduras")

"Esta foi certamente uma rapidez milagrosa; mas uma vara foi selecionada para o propósito daquela árvore que, em seu desenvolvimento natural, é a mais rápida de todas; e não apenas as flores aparecem nela de repente, mas os frutos se põem de *uma vez* , e aparece *mesmo quando as flores ainda estão na* árvore, botões, flores e amêndoas

juntas no mesmo galho, como nesta vara de Moisés. " [281]

Este milagre deve ter ajudado os israelitas a reconhecer que Deus havia escolhido a família *Aarônica* , porque Ele soberanamente escolheu conceder Sua vida divina a Aarão e seus filhos *pelo Seu Espírito* (ilustrado pela vara brotando). Moisés simbolizou essa outorga quando consagrou Aarão ao seu cargo e o ungiu com óleo.

"A mensagem era clara: assim como Deus podia fazer uma vara aparentemente morta dar frutos milagrosamente, ele também podia eleger uma linhagem de descendentes como qualquer outra e capacitá-

la a prestar serviço sacerdotal frutíferamente." [282]

"Os fundadores das religiões não-cristãs eram varas mortas, assim como os sistemas que elas originaram. Cristo é a vara que brotou e floresceu em vida e glória de ressurreição; e Sua ressurreição é a atestação Divina de que Ele é o único e verdadeiro Salvador -O padre dos homens. " [283]

Deus ordenou que os israelitas colocassem a vara de Arão "diante da arca (testemunho)", que continha as tábuas dos Dez Mandamentos, junto com a jarra de maná (cf. Êxodo 16: 33-34). Ele fez isso para ajudá-los a perceber que Sua escolha do sacerdócio Aarônico continuaria em Israel. Não há razão para

acreditar que os botões, flores e frutos permaneceram perpetuamente frescos. Eles provavelmente murcharam, e a vara provavelmente assumiu a condição que tinha antes do milagre. O fato de a vara estar lá *antes da arca* , em qualquer condição em que apareceu ao longo do tempo, testificaria aos israelitas que Deus havia escolhido Aarão e seus filhos como Seus sacerdotes.

O *terror* do povo (vv. 12-13) provavelmente surgiu como resultado dos milagres e julgamentos que se abateram sobre os israelitas após a rebelião de Corá. Deus havia vindicado Sua santidade, as pessoas perceberam sua pecaminosidade, e estavam

cheias de medo: "Eis que perecemos, ... estamos todos morrendo! Todo aquele que se aproxima [para adorar] ... deve morrer. Devemos perecer completamente?"

O serviço e a renda dos sacerdotes e levitas ch. 18

Uma explicação completa e abrangente dos deveres e receitas oficiais dos sacerdotes e levitas, no capítulo 18, segue apropriadamente a confirmação do sacerdócio de Arão no capítulo 17. Esta foi a resposta de Deus aos clamores amedrontados do povo em 17: 12-13.

"... o leitor moderno chega aos capítulos 18-19 com uma sensação de mau presságio; o

que, podemos nos perguntar, há nesses capítulos para mim? A resposta a essa pergunta é quíntupla:

"1. O leitor das Escrituras precisa ter conhecimento geral sobre as principais instituições do período bíblico apenas para que as Escrituras façam sentido.

"2. Nosso entendimento da verdadeira adoração a Deus começa com a sensação de que ele controla e dirige a verdadeira adoração; quem são os sacerdotes e como eles funcionam são suas principais preocupações. Isso significa que a adoração não é um jogo em que podemos inventar o regras enquanto jogamos.

"3. Um conhecimento geral do trabalho dos sacerdotes na Bíblia Hebraica dá muitos insights ao leitor moderno quanto aos interesses de Deus em nossa própria adoração. Freqüentemente, pensamos na adoração em termos do que gostamos e apreciamos. a marca; a adoração é principalmente para o prazer de Deus.

"4. Um conhecimento geral da obra dos sacerdotes no tempo do culto hebraico dá ao leitor cristão uma visão significativa da obra sacerdotal do Senhor Jesus Cristo. O livro de Hebreus tem uma orientação sacerdotal intensa em sua apresentação do Senhor Jesus Cristo. ,

sacerdote de Deus à maneira de Melquisedeque.

"5. Em contraste com os padrões altamente regulamentados e rígidos exigidos dos sacerdotes da economia hebraica, o crente no Senhor Jesus Cristo hoje tem um acesso direto a Deus por meio do Salvador que é quase inacreditável. Somos todos sacerdotes; nós pode chegar perto da presença do Senhor sem um intermediário. No entanto, nosso privilégio como sacerdotes crentes só pode ser realmente apreciado contra o pano de fundo dos sacerdotes no período bíblico. " [284]

18: 1-7 Deus evidentemente deu essas instruções "a Arão" (vv. 1, 8, 20). Esta é a única vez em

Números que Deus deu instruções direta e exclusivamente a Arão (cf. Lv 10: 8-11). Eles lidam com as linhas de fronteira entre: israelitas que não eram levitas, os levitas e os sacerdotes.

O ofício sacerdotal acarretava grande responsabilidade, bem como grande privilégio. Os sacerdotes "carregaram a culpa" pelo que *todos os israelitas* fizeram, bem como pelo que *eles próprios* fizeram. Os sacrifícios, é claro, cobriram essa culpa.

Deus "deu" os levitas aos sacerdotes como seus assistentes, para ajudá-los em certos aspectos do trabalho do santuário ("eles são um presente para vocês"; v.

6). "Estranhos", não sacerdotes e levitas não podiam se intrometer no ofício sacerdotal ou morreriam ("seriam condenados à morte"; v. 7).

“O estudo do uso *cúltico* de *qrb / ngs* demonstra que seu significado vai além de uma abordagem simples e física para as amplificações mais abstratas: 'ter acesso a', 'ser admitido a', 'ser associado a'. Em proibições ... significa 'invadir'. " [285]

"Uma frase-chave deste capítulo é 'Eu te dou' (18: 7; cf. vv. 12, 19, 26, etc.). Deus cuida dos Seus." [286]

18: 8-13 Deus deu a Arão essas instruções também (v. 8). Os

sacerdotes recebiam todas as "ofertas alçadas" (suas "porções" da comunhão e ofertas movidas) que os israelitas traziam ao tabernáculo. Esses eram todos "os santos dons" que o povo apresentava a Deus (vv. 8-9; cf. 5: 9). Eles incluíam partes da refeição, pecado e ofertas pela transgressão (vv. 9-10). A pele de alguns holocaustos passou a ser dos sacerdotes também, mas Moisés não mencionou isso, provavelmente porque seu valor era insignificante. Essas também eram chamadas de ofertas "santíssimas" (v. 9). O sacerdote também recebia uma porção do que o ofertante acenava perante o Senhor na oferta de paz (comunhão) (suas porções eram chamadas de

ofertas "alçadas"; v. 11) e os dons de "primícias" que o povo oferecia a cada ano (v. 12; cf.2 Cron. 31: 5; Neh. 10:36, 38).

18: 14-19 Tudo colocado sob a proibição (*herem* , "toda coisa devotada"; v. 14), e "o primogênito" de todo "homem ou animal" que o povo redimiu ou ofereceu ("cada primeira geração do útero de toda a carne "; vv. 15-18), eram ofertas" sagradas "(vv. 10, 19). [287] A "aliança eterna de sal" (v. 19) foi uma aliança indestrutível, semelhante ao sal em suas qualidades de duração e preservação (cf. 2 Crônicas 13: 5). Os antigos usavam sal no ritual de fazer alguns convênios no Oriente Próximo.

"Em uma refeição em que um pacto entre duas partes foi selado, as pessoas nos tempos antigos ocasionalmente usavam sal para representar a qualidade incorruptível, firme e duradoura do acordo." [288]

"O significado parece ter sido que o sal, com seu poder de fortalecer o alimento e mantê-lo longe da decomposição, simbolizava a veracidade inflexível daquela auto-entrega ao Senhor personificada no sacrifício, pelo qual toda impureza e hipocrisia eram repelidas." [289]

Deus deu aos sacerdotes cinco dons: seu ofício, um espírito de responsabilidade, ajudantes, todas as provisões para as

necessidades terrenas e Ele mesmo. [290]

18:20 Aarão, o sumo sacerdote, recebeu uma *porção especial* ("Eu [o SUD] sou a sua porção e a sua herança").

"Ainda mais do que a imagem do casamento, a da herança é bidirecional: se Israel é a herança de Yahweh, Yahweh também é a herança de Israel, em um sentido particular para os levitas (Núm. 18.20; Dt. 10.9; 18.2), em um sentido geral para o corpo dos fiéis (Sl. 16.5-6). " [291]

18: 21-24 Os *dízimos* dos israelitas tornaram-se possessão dos levitas ("todo o dízimo em Israel"; vv. 21-24; cf. Lv 27: 30-33). [292] Deus deu as

instruções para receber os dízimos a Moisés (v. 25).

18: 25-32 Os próprios levitas deviam dar "um dízimo do dízimo" (um décimo do dízimo do povo, equivalente a um centésimo do dízimo total dos israelitas), que eles recebiam do povo, aos sacerdotes. Esse "dízimo levita" deveria incluir "o melhor" das ofertas de dízimo que os outros israelitas davam a eles (vv. 30, 32).

"Ocasionalmente, encontrei pessoas no serviço cristão que não se dedicam à obra do Senhor porque se consideram isentos. 'Estamos servindo ao Senhor e tudo o que temos pertence a Ele', argumentam, mas seu argumento não. Os levitas estavam servindo a Deus

em tempo integral, mas pagavam o dízimo do que recebiam. " [293]

"Considerando que nos estados pagãos, onde havia uma casta sacerdotal hereditária, essa casta era geralmente rica e possuía uma firme posse do solo (no Egito, por exemplo; ver em Gênesis xlvii. 22), os levitas não receberam propriedade fundiária hereditária na terra de Israel, mas apenas cidades para habitar entre as outras tribos, com pasto para o gado (cap. xxxv.), porque Jeová, o Deus de Israel, seria sua herança. " [294]

Se os israelitas tivessem sido fiéis em seu dízimo, cada um dos levitas teria recebido cerca de *cinco vezes* mais do que o

israelita
médio *realmente* "dízimo" (cf. Gn 43:34). Infelizmente, os judeus não foram completamente obedientes a essas leis.

"O que dizer da exclusão de Moisés pelo escritor nesses assuntos que se relacionam tão intimamente com os deveres dos sacerdotes? Por que Moisés foi tão visivelmente deixado de fora de cena [até 18:25]? A resposta talvez esteja no autor desejo de nos dizer algo sobre o papel de Moisés como líder do povo de Deus. Seu papel não se limita ao trabalho de um sacerdote. Arão é mostrado aqui assumindo a maior parte dessa responsabilidade. Na visão do escritor, então, parece

que o papel de Moisés estava se tornando mais distinto do ofício de sacerdote. Assim, o escritor tenta mostrar que o papel de Moisés como mediador da aliança, já bem estabelecido ao longo dessas narrativas, não era apenas sacerdotal. Há uma preocupação a mostrar que ele também atuou no papel de profeta, bem como de rei,dois temas que serão desenvolvidos posteriormente no livro de Deuteronômio (Dt 18:15; 33: 5). Portanto, à medida que a imagem de Moisés se desenvolve dentro do Pentateuco, ela se parece mais com o futuro governante messiânico, que já é antecipado no Pentateuco como profeta, sacerdote e rei. "[295]

A lei da purificação da impureza da morte cap. 19

"A conclusão do segundo ciclo de rebelião [caps. 15-19], que enfocou a rebelião dos levitas sob Coré e os rubenitas, delineia ritos de purificação especiais relacionados com a morte." [296]

"Com tantas mortes e a poluição de cadáveres em seu meio, como os israelitas podem ser tornados limpos e puros?" [297]

Deus deu esta lei para que a nação pudesse manter a pureza enquanto a geração mais velha morria no deserto. Seu propósito não era remover o pecado em si, mas remover a impureza que a morte

representava por causa de sua conexão com o pecado. Foi especialmente apropriado que Deus deu esta lei depois da morte de aproximadamente 15.000 que morreram como resultado da rebelião de Corá (cap. 16). Provisões especiais para a limpeza eram necessárias em vista do grande número de cadáveres. O foco da narrativa agora muda do "clero" (sacerdotes no capítulo 17 e sacerdotes e levitas no capítulo 18) para os membros "leigos" da comunidade.

19: 1-10 Os israelitas deviam abater uma "novilha vermelha", depois queimá-la, a fim de coletar e armazenar suas cinzas, das quais usariam as cinzas necessárias para adicionar à

água de purificação, para torná-la mais ritualmente eficaz como agente de limpeza. Uma novilha é uma vaca jovem mais velha que um bezerro. O sacerdote o matava como oferta pelo pecado (vv. 9, 17). Provavelmente Deus exigiu uma mulher porque a mulher era a portadora da vida, e vida continuada é o que esse sacrifício proporcionou. O Senhor pode ter pretendido que a cor vermelha enfatizasse o pecado ou talvez a vitalidade da vida da novilha. Este é o único caso em que a cor da vítima foi especificada. O animal estava em plena força, nunca tendo carregado uma canga. É claro que não tinha defeito (v. 2).

Os israelitas deviam matar o animal *fora* do acampamento por causa de sua conexão com o pecado e a morte. O sumo sacerdote deveria observar a matança, certificando-se de que a pessoa responsável o fizesse corretamente. Este foi um sacrifício muito importante. A aspersão do sangue mostra que essa morte foi uma oferta pelo pecado. A novilha vermelha morreu pelo pecado da congregação, especificamente por sua contaminação pelo contato com cadáveres (v. 4).

Os ofertantes queimaram todas as ofertas pelo pecado de toda a congregação, incluindo esta, fora do acampamento (v. 5). Este proporcionou a purificação da contaminação da

morte que a nação havia contraído com a morte de seu povo. A novilha representava os israelitas que morreram em conseqüência do pecado.

A "madeira de cedro" não estava tão sujeita à decomposição como a maioria das outras madeiras e, portanto, representava a continuidade da vida. Também era aromático quando queimado e provavelmente era o cedro marrom comum ou o zimbro fenício. [298] "Hissopo" significava purificação da corrupção, e os sacerdotes o usavam para aplicar sangue, como no ritual da Páscoa. "Escarlate [lã]" simbolizava a forte energia vital conectada com o sangue (cf. Lv 14: 6).

Todos esses elementos combinados para significar tudo o que fortaleceu a vida. O responsável acrescentou esses elementos às cinzas da novilha enquanto a novilha estava queimando.

"A vermelhidão da vaca, a queima incomum do sangue do animal (v. 5) e o material carmesim ou vermelho adicionado ao fogo (v. 6) parecem significar sangue e sua poderosa capacidade de extrair impurezas e levar alguém do reino da morte (contato com um cadáver) para o reino da vida (um estado de limpeza e retorno ao acampamento). " [299]

O sacerdote coletava e guardava as cinzas da novilha

para o ritual de purificação. Ele os combinou com a água purificadora conforme necessário (v. 9) para a purificação de indivíduos impuros na nação. O sacrifício fortaleceu simbolicamente a vida dos israelitas vivos e removeu a impureza causada pelo contato com seus irmãos mortos. As "cinzas", que normalmente contaminam o limpo, neste caso purificam o impuro. Deus, que é soberano, tem autoridade para revogar o que é normal.

19: 11-22 Os versos 11-13 explicam as regras gerais para o uso desta água de purificação. Os versos 14-22 dão uma descrição mais específica da aplicação das regras gerais. Os versos 17-

19 registram a cerimônia de purificação.

"Os animais são limpos e impuros, não porque necessariamente irão ou não deixarão uma pessoa doente se forem usados como alimento; eles são limpos e impuros principalmente porque Deus desejou que seu povo vivesse em um mundo de discriminação (ver especialmente Lv 11 : 44-47). Podemos olhar para trás a partir de uma compreensão do século vinte de infecção e doença e observar: 'Quão gentil foi de Deus que alguns dos animais que ele declarou serem impuros para Israel sejam alimentos que podem ser transmissores de doenças . ' Mas a questão principal é a

distinção, a discriminação, a marcação daquilo que é diferente de outra coisa. " [300]

No entanto, não devemos descartar o cuidado de Deus pelo bem-estar físico de Seu povo, embora essa possa ter sido Sua razão secundária para legislar como Ele fez.

"Deus reconheceu que o período de incubação para a maioria das bactérias é de sete dias. Isso significa que, após a exposição a uma doença, uma pessoa saberá em sete dias se a doença foi contraída....

"... a provisão 'impura' de sete dias era prática para a maioria das doenças bacterianas agudas fatais naquele dia.

“A lavagem das mãos e a lavagem das roupas com secagem adequada foram prescritas em Números 19:19 ... O versículo 21 observa que 'todo aquele que tocar na água da purificação ficará impuro até a tarde'. Estas disposições reconhecem que não apenas a lavagem é importante para a limpeza mecânica de micróbios, mas a secagem ('até a noite') também é essencial. Os micróbios patogênicos podem viver na umidade que permanece na pele, morrendo quando a pele é finalmente seca. Além disso, Números 19 : 13, 18-21 refere-se à provisão de 'aspergir' a água, o que indica a necessidade de água corrente, não água estagnada. Novamente, este é um meio

mais eficaz de limpeza, embora mais complicado.

"Será que o israelita comum entendeu o significado deste padrão médico preventivo que Deus impôs? Sem dúvida, não. No entanto, Deus sabia e em Sua sabedoria cuidou de Seu povo." [301]

Esse sacrifício, então, representava uma espécie de oferta instantânea pelo pecado, porque proporcionava em suas cinzas a purificação daqueles que haviam se tornado cerimonialmente impuros pelo contato com um cadáver. [302] A pessoa impura que se recusasse a purificar-se sofreria a morte (vv. 13, 20). Recusar a limpeza era repudiar a revelação divina a respeito da

relação do pecado e da morte. Este sacrifício manteve os israelitas livres da contaminação que impediria sua comunhão com Deus (cf. 1 João 1: 7-9; Hb 9: 13-14). Jacob Milgrom acreditava que esta oferta exorcizava um demônio que veio com a contaminação de um cadáver. [303]

"Este capítulo fornece um remédio alternativo que marcou a gravidade da poluição causada pela morte, mas lidou com ela sem o custo e a inconveniência do sacrifício. Em vez disso, aqueles que entraram em contato com os mortos podem ser tratados com uma mistura de água que contém todos os ingredientes de uma oferta pelo pecado. " [304]

"A preocupação do escritor com o ritual da novilha vermelha neste ponto da narrativa ... encontra suas raízes nas primeiras narrativas do Gênesis, onde a própria morte é vista como a contaminação final da boa criação de Deus. Como tal, seu objetivo parece ser mostrar que, assim como no início, agora entre o povo da aliança de Deus, a morte é o arquiinimigo. " [305]

Este sacrifício é semelhante ao sacrifício de Cristo que limpa o cristão da contaminação que contraímos enquanto vivemos no mundo (1 João 1: 9).

A partida de Kadesh ch. 20

Aqui começa a quarta e última etapa da jornada dos israelitas do Egito à Terra Prometida.

1. Do Egito ao Sinai (Êxodo 12-19)
2. Do Sinai a Cades (Números 11-12)
3. Em Cades - 38 anos de peregrinação no deserto (Números 13-19)
4. De Cades à Transjordânia (Números 20-21)

Cada um dos dois primeiros segmentos começou com triunfo, mas terminou em tragédia. A terceira e a quarta começaram com tragédia, mas terminaram em triunfo.

"O terceiro ciclo de rebelião [caps. 20-25, os dois primeiros sendo 10: 11-15: 41 e 16: 1-19:

22] abrange uma ampla variedade de material com a estrutura mais enigmática de todos os sete ciclos no Livro dos Números [sendo os outros ciclos os caps. 1-6, 7-10: 10, 26-31 e 31-36, de acordo com a análise deste escritor]. O cenário histórico envolve uma série de movimentos desde o deserto de Zin até as fronteiras de Edom e nas planícies de Moabe, durante as quais há triunfos e tragédias, bem como vitórias e derrotas. " [306]

"O foco das narrativas nos caps. 13-19 tem sido o pecado do povo e os problemas causados por ele. Nos caps. 20-21, esse foco ainda está presente, com certeza (20: 2-13; 21: 4-9), mas está começando a mudar para

as vitórias dadas por Yahweh conforme o povo se aproxima de Canaã (21: 1-3, 21-35). Deve ser lembrado que essas vitórias foram dadas à velha geração que estava sob um sentença de morte no deserto. Um novo dia está chegando para os israelitas. " [307]

A rebelião de Moisés em Cades 20: 1-13

Finalmente, os israelitas partiram do "deserto de Zin" e de "Cades". Alguns comentaristas acreditam que os israelitas deixaram Cades, vagaram pelo deserto e então voltaram para Cades. Outros afirmaram que permaneceram em Kadesh por quase 40 anos.

"Não houve *duas* idas a Cades-Barnéia - uma no início dos trinta e oito anos de 'peregrinação' e a outra no final. Houve apenas uma vinda. O Tabernáculo e todos os relacionados a ele permaneceram em Cades-Barnéia durante todo o os trinta e oito anos, enquanto o povo se espalhava em bandos errantes pastando no campo aberto [cf. 33: 36-38; Deut. 1:46]. " [308]

"... o caminho do cristão inconsistente e vacilante está em um círculo cansado. Às vezes ele avança, e depois retrocede novamente, e assim os anos se passam, e lá está ele ainda em Kadesh, ainda sem paz, sem santa liberdade de espírito, sem alegria, pode ser,

como Israel, 'murmuração' ”. [309]

"Em contraste com a marcha do Sinai para Cades (10: 11-14: 45), que começou com bom humor e terminou em desastre, esta fase final da jornada no deserto [20: 1-22: 1] começa na escuridão e termina em júbilo. " [310]

"Miriam" foi uma pessoa significativa no drama do Exodus. O escritor registrou sua morte como tendo ocorrido no "primeiro mês", mas não deu o ano (v. 1). Este foi o quadragésimo ano, porque o próximo evento datado, a morte de Arão, ocorreu no primeiro dia do quinto mês do quadragésimo ano (cf. vv. 27-28; 33:38).

Este capítulo trata da morte dos líderes de Israel: a morte de Miriam abre o capítulo (v. 1), a sentença de morte de Moisés segue (vv. 2-13) e a morte de Arão conclui o capítulo (vv. 22-29).

"... Arão, representante do sacerdócio, não poderia conduzir Israel ao descanso prometido; nem poderia Miriã, representante dos profetas; nem poderia Moisés, representante da Lei. Isso foi reservado para Josué, que de uma maneira única era um tipo de nosso Salvador e Capitão celestial, o Senhor Jesus Cristo. " [311]

Cades não era apenas uma cidade, mas incluía uma grande área de deserto localizada na

orla do deserto de Zin. Deus havia julgado anteriormente a geração mais velha de israelitas por não crer nEle (cap. 14). Agora, Ele julgou Moisés pelo mesmo pecado ("vocês não creram em mim", v. 12). Neste capítulo, Miriam e Aaron foram julgados também, mas eles também morreram no deserto por seus pecados. Os líderes sucumbiram à mesma tentação que o povo.

"Deixar de cumprir as promessas de Deus foi o resultado da incredulidade. Neste ponto da narrativa, o escritor mostra que não foi o fracasso em guardar a lei que os levou à morte no deserto." [312]

Em resposta às reclamações e críticas da congregação (vv. 3-5), Moisés e Arão “prostraram-se” (v. 6), talvez por medo ou frustração ou em oração - ou os três.

Deus já havia instruído Moisés a "bater" na rocha para produzir água (Êxodo 17: 6). Agora, Ele disse a Moisés para "falar" com a rocha (v. 8). Por que a diferença? Pode ter sido simplesmente para testar a obediência de Moisés. Mas, em vista do simbolismo da "pedra", pode ter havido outro motivo. O apóstolo Paulo interpretou a "rocha" como Cristo, não que as rochas que Moisés feriu e falou não eram rochas reais e físicas, mas simbolizavam Cristo, que acompanhou os israelitas por

todas as peregrinações do deserto e proveu suas necessidades (1Co 10: 4). A "Rocha" (Cristo), tendo sido ferida uma vez, não precisava ser ferida novamente. Ele só precisava ser chamado para prover as necessidades contínuas de Seu povo. [313]

“Agora, se percebermos [*sic*] a posição de Israel no deserto, entenderemos que nada poderia parecer mais *improvável* do que a água sair de uma rocha *dura* ... Mas os pensamentos de Deus, irmãos, não são como os nossos. Exatamente o que para nós parece mais improvável, muitas vezes é exatamente o que Ele realiza, para tornar

conhecido Seu poder [cf. Cristo; 1Co 1:18]. " [314]

A raiz do pecado de Moisés em desobedecer a Deus (v. 11) foi a incredulidade (v. 12). Muito claramente, isso não foi uma falha em acreditar que Deus poderia ou iria fornecer água para o povo. Em vez disso, foi uma falha em acreditar que a simples obediência à ordem de Deus era a melhor (cf. Gênesis 4: 1-7). Nisso, Moisés agiu como a geração mais velha de israelitas havia agido repetidamente desde que deixaram o Egito. [315]

Moisés fez *mais do* que Deus lhe disse para fazer. Ele não acreditou que o caminho de Deus era o melhor e resolveu resolver o problema com as

próprias mãos. Seus motivos podem ter sido um ou mais dos seguintes: Ele pode ter desejado a maior glória de Deus. Ele pode ter ficado orgulhoso ou pode ter confiado em sua própria capacidade de fazer milagres. Sabemos que ele estava impaciente com as reclamações dos israelitas e se sentia frustrado por sua lentidão em aprender a mesma lição que Deus havia ensinado anteriormente (cf. Sl 106: 32-33). Em qualquer caso, ele falhou em aceitar a vontade de Deus da melhor maneira, e isso é descrença.

"Fé é a resposta correta à palavra de Deus, seja uma palavra de promessa ou uma palavra de comando." [316]

Em vez de falar "à rocha" (v. 8), Moisés falou *aos israelitas* ("a eles"; v. 10) "precipitadamente" (Salmo 106: 33; cf. Lv 5: 4). Ele bateu na rocha "duas vezes", evidentemente com a mesma vara com a qual fizera tantos milagres (v. 11), como se esse milagre exigisse seu próprio poder - em vez de simplesmente o poder de Deus. Ao fazer isso, ele falhou em "tratar (Deus) como santo"; ele deu ao povo a impressão de que Deus precisava dele para cuidar deles. Se Moisés tivesse simplesmente *falado* com a rocha, teria ficado mais claro para o povo que o milagre viera de Deus.

William Newell acreditava que a "vara" que Moisés usou era a

vara de Arão, não sua própria vara, visto que o versículo diz que a vara estava "antes do L ORD ", ou seja, antes do L ORD no tabernáculo (cf. 17: 7) . No entanto, 20:11 diz que a vara era a vara de Moisés. Newell passou a explicar como o uso da vara de Aaron teria quebrado a tipologia desse evento. [317] JN Darby comentou sobre o significado típico do que Moisés fez:

“Cristo precisa ter sido ferido, para que a água possa sair, em favor de Seu povo; mas não pode haver repetição desta ferida”. [318]

Uma interpretação é que o breve discurso de Moisés no versículo 10b, não o golpe na rocha, foi a transgressão

real. [319] O texto não parece confirmar isso. Evidentemente, Moisés, em sua frustração com o povo, pensava que ele era o realizador do milagre, e não apenas o instrumento de Deus. Este é um erro comum no ministério moderno, e ainda produz grande frustração: pensar que precisamos ser fabricantes ao invés de simplesmente distribuidores de bênçãos para outros. [320]

"A promessa era que, no momento em que a palavra fosse dita à rocha sem vida, o milagre ocorreria diante dos olhos de todas as pessoas e a água jorraria da rocha em quantidades suficientes para matar a sede do homem e dos animais. Isso era de Deus

intenção, uma mudança de atitude no caso de rebeliões anteriores: aqui a misericórdia venceu o julgamento. Aceitar esta bondade para com um povo pecador exigia ainda mais fé de Moisés (especialmente quando nos lembramos de Nm 16:15, em que lemos que ele pediu a Deus que se afastasse do povo que o acusou tão seriamente, mas falsamente.) O poder de Deus e a misericórdia de Deus - esses são os dois pontos focais que deveriam ser trazidos mais uma vez à atenção do povo. " [321]

Talvez houvesse uma medida de sacrilégio em *golpear* a rocha, uma vez que "rocha" era um símbolo de *Deus* (cf. Dt. 32: 4, 15, 18; Sal. 18: 2; 31: 3; 42:

9; 1 Coríntios 10: 4; et al.). No entanto, duvido que esse seja um fator significativo (cf. Êxodo 17: 6).

"Não foi Deus, mas Moisés que estava com raiva do povo. Portanto, o pronome *nós* [v.10] era uma forma de blasfêmia." [322]

A *raiva de* Moisés complicou sua descrença. Ele foi um servo fiel de Deus, exceto nesta ocasião. Se outra pessoa tivesse cometido este pecado, poderia não ter sido tão sério, mas foi muito sério, porque o *homem no cargo de Moisés* (como o profeta, sacerdote e rei do povo) o cometeu. Deus, portanto, encurtou o período de serviço (e vida) de Moisés como sua punição. Em última análise,

Moisés não traria a nação para a Terra Prometida (cf. 1 Sam. 13:14; 15:26). Os líderes do povo de Deus perdem sua capacidade de liderar quando deixam de confiar em Deus e, assim, impedem a manifestação do poder e da santidade de Deus.

Qual foi exatamente *o* pecado de Moisés, que o texto chama de "descrença"?

"Quando você conhece a vontade de Deus e se move deliberadamente em outra direção, isso é incredulidade, pura e simplesmente. Você está dizendo diante do Senhor: 'Não creio que o seu plano seja o melhor.'" [323]

“Aqueles que desobedecem não acreditam; e aqueles que não acreditam, desobedecem [cf. Hb 3: 18-19]”. [324]

"Julgando apenas pela passagem, a falta de fé de Moisés não parece ter consistido em golpear a rocha ou em suas palavras duras, mas antes está fora de alcance em algum lugar nas numerosas 'lacunas' da história. Devemos enfatizar que isso não é o resultado de uma deficiência na história. Pelo contrário, parece fazer parte do desenho da história. É justamente no momento de relatar a natureza de seu pecado que o autor abrevia a narrativa e passa para a fala divina (Num 20:12). Além disso, é apenas este discurso

divino que 'preenche a lacuna' com a palavra sobre a fé, dando à história um sentido muito maior do que suas próprias preocupações imediatas. ... A rebelião de Moisés e Aarão (..., 20:24), que parece em algum momento ter sido uma característica importante da narrativa,foi substituído pelo foco em sua infidelidade (..., 20:12). Tal interpretação elevou as ações de Moisés e Aarão na narrativa a um nível mais alto de reflexão teológica - a questão da fé versus obediência à lei. Suas ações resumem o lado negativo da mensagem de fé. Moisés e Arão, que ocupavam altos cargos perante a lei, não desfrutaram da dádiva de Deus da terra. Eles morreram no deserto porque

não acreditaram. "Eles morreram no deserto porque não acreditaram. "Eles morreram no deserto porque não acreditaram. "[325]

Para resumir, Moisés repreendeu duramente o povo (v. 10), assumiu o crédito pelo que Deus havia feito (v. 10), ressentiu-se dos israelitas (v. 10), perdeu a paciência (v. 11), desobedeceu a Deus (v. 11), não confiou no poder de Deus (v. 12), falhou em glorificar a Deus (v. 12) e se rebelou contra Deus (v. 24).

Arão também era culpado de "incredulidade" (v. 12), porque não impediu Moisés de pecar. Evidentemente, ele poderia ter feito isso, e Deus o puniu porque ele não o

fez. Ambos os homens tomaram inadequadamente o lugar de Deus como o centro das atenções.

"Meribá" ("Contenção") é o nome que os israelitas deram à água que saiu da rocha ("águas de Meribá"). É também o nome do local onde ocorreu o incidente (v. 13). O povo já havia chamado outro lugar de "Meribá" (Êxodo 17: 7), onde Deus proveu água de outra rocha (Horebe). O presente incidente sem dúvida trouxe o primeiro à memória.

Apesar da desobediência de Moisés, Deus ainda proveu para o povo dando-lhes água. Deus abençoa as pessoas até mesmo por meio de Seus servos desobedientes. Por exemplo,

algumas pessoas chegaram à fé em Cristo por meio da pregação de pregadores que nem mesmo acreditam na Bíblia. No entanto, a *graça* de *Deus* não deve nos levar a ter uma visão leve do pecado. Moisés experimentou severa disciplina por sua infidelidade a Deus. Ele perdeu parte de sua recompensa, mas não sua salvação (cf. 2 João 8).

"A lição é clara: a graça nunca é uma base para complacência ou presunção. Por nosso descuido, por nossa negligência pecaminosa, podemos pecar e afastar para sempre alguns dos privilégios de nosso chamado - não a salvação em si, mas nossas oportunidades de serviço, nossa possibilidade para utilidade, nossa

contribuição para os propósitos contínuos de Deus. " [326]

A resistência dos edomitas 20: 14-21

A coluna de nuvem conduzia os israelitas, mas aparentemente Moisés tinha motivos para acreditar que Deus os estava direcionando para o leste, para o território de Edom e de lá para o norte até a Transjordânia. Conseqüentemente, ele enviou mensageiros ao Rei de Edom, solicitando permissão para passar por sua terra (v. 14). No entanto, não há ordem de Deus para se aproximar de Edom mencionado no texto. Moisés pode ter agido por conta própria.

"Israel tentou invadir Canaã sem Deus em 14: 39-45; Moisés tentou passar por Edom sem conferenciar com Deus em 20: 14-21." [327]

Os edomitas eram "irmãos" de Israel (v. 14), no sentido de que eram descendentes de Esaú, irmão de Jacó (Israel). A "rodovia do rei" (vv. 17, 19) era uma via principal através de Edom que caravanas e exércitos, bem como cidadãos particulares, viajavam. Era uma rota comercial que ligava o Golfo de Aqabah à Síria. [328] Os israelitas não seguiram este caminho.

Moisés adotou uma abordagem irênica ao lidar com os edomitas, porque eles eram parentes dos israelitas. Eles não eram *cananeus* , a quem Deus ordenou que Seu povo atacasse e destruísse. No entanto, apesar do pedido pacífico de Moisés, os edomitas se recusaram a deixar

Israel passar. Essa atitude antagônica caracterizou a abordagem de Edom a Israel ao longo da história dessas duas nações e, finalmente, atraiu o julgamento de Deus sobre Edom (cf. Obad. 10-14).

"É trágico quando uma rixa familiar é mantida viva de geração em geração, envenenando corações e mentes e impedindo irmãos de ajudarem uns aos outros." [329]

Os israelitas permaneceram na área a oeste de Edom, temporariamente, e então passaram a circular ao redor de Edom, primeiro tomando um curso geral para sudeste em direção ao Golfo de Aqabah (cf. 21: 4).

"Uma leitura atenta dessas narrativas mostra que o padrão no relato da falha de Israel em crer (Núm 14) é repetido neste relato da descrença de Moisés. As reclamações do povo (14: 1-4; 20: 2-5) levam o Senhor a concluir que Israel (14:11) e Moisés (20:12) carecem de fé. Além disso, ambas as narrativas são seguidas por um relato da tentativa abortada de Israel de obter entrada imediata na Terra Prometida. No capítulo 14 , foi a derrota de Israel para os amalequitas (14: 40-45), e na passagem presente é a recusa de Edom em deixar Israel passar por sua terra (20: 14-21). Dessas várias maneiras, o autor parece interessado em mostrando as semelhanças entre a falta de fé de Israel e a

de Moisés. Ambos falharam em crer em Deus e, portanto, não puderam entrar na terra. " [330]

"... Acho que Moisés cometeu um erro aqui. Moisés deveria estar seguindo a nuvem. Ele não precisava se preocupar. Deus o estaria guiando e guiando. Em vez de pedir permissão a Edom para passar, ele deveria simplesmente ter seguiu a nuvem. Acho que a coluna de nuvem o teria levado de uma maneira que ele nunca teria que lutar contra Edom. Acredito que este é um caso de correr à frente do Senhor. Infelizmente, muitos de nós fazemos isso . " [331]

Mesmo que não haja menção da nuvem nesta perícope, isso não significa necessariamente que

Moisés não a estava seguindo. Outras vezes, quando os israelitas se mudavam de um lugar para outro, a nuvem não era mencionada (por exemplo, 33: 1-49; Êxodo 15:22, 27; 16: 1; 17: 1; 19: 1).

A morte de Arão e a sucessão de Eleazar 20: 22-29

O "Monte Hor" parece ter ficado na fronteira ocidental de Edom (v. 23). [332]

Aarão morreu no primeiro dia do quinto mês do quadragésimo ano de Israel (33: 37-38). Ele tinha 123 anos (33:39). Sua morte assinalou o fim da geração mais velha de israelitas. É, portanto, indiscutivelmente "a marca de

tempo mais importante em todo o livro de Números." [333] Antes de Arão morrer, Moisés removeu formalmente as vestes de sumo sacerdote de seu irmão e vestiu Eleazar, filho de Arão, com elas. Israel agora tinha um novo sumo sacerdote. Da mesma forma, antes de Moisés morrer, Deus instalou Josué como o novo líder de Israel (cf. Deuteronômio 34: 9).

"Como John Wesley costumava dizer, 'Deus enterra Seus trabalhadores, mas Sua obra continua.'" [334]

Deus não revelou *como* Aarão morreu. Sua desobediência a Deus em Meribá (contenção), perto de Cades, evidentemente levou a uma morte prematura

(v. 12). Arão parece ter sido um homem de vontade fraca, a quem o povo facilmente influenciou a comprometer sua obediência à palavra de Deus. No entanto, ele era um indivíduo extremamente importante por causa de seu ministério como porta-voz de Moisés, seu ofício de sumo sacerdote e seu papel como fundador do sacerdócio Aarônico. Suas grandes responsabilidades diante de Deus perdiam apenas para seus privilégios sob Deus.

"Assim termina o capítulo sombrio. Nele foi registrado a morte de uma profetisa, o pecado crítico de Moisés e Arão, a recusa da negociação, a morte de Arão e o luto do povo.

O capítulo enfatizou as limitações de homem - até mesmo os líderes de Deus! Agora com um foco mais brilhante na graça e glória de Deus, Números retoma sua história de avanço. " [335]

2. O clímax da rebelião, expiação e o fim da morte. 21-25

"Agora, no caráter variado de suas andanças, Israel é evidentemente um tipo da vida e experiência do cristão; e se for assim, irmãos, então podemos deduzir a partir dele, o que também é em muitos casos confirmado pela experiência, que está em o *início* e o *fim* da vida do cristão em que ocorrem os conflitos mais graves. " [336]

A destruição de Arad 21: 1-3

"Arad era uma grande cidade ao norte de Negeb, cerca de 17 milhas ... ao sul de Hebron." [337]

“Atharim” significa “espiões” (v. 1). Evidentemente, esta é a rota que os espias israelitas fizeram para Canaã.

Os cananeus ("o rei") de Arade tomaram a ofensiva ("lutaram") contra (atacaram) Israel. Talvez o tenham feito porque, 38 anos antes, os israelitas haviam sofrido uma derrota em Horma (que significa "Destruição"). "Hormah" era muito próximo de Arad. Os israelitas haviam experimentado essa derrota em sua primeira tentativa de entrar

na terra, logo depois que Deus os sentenciou a vagar no deserto por mais 38 anos (14:45).

"As tropas não eram assalariadas nos tempos antigos. Elas eram recompensadas apenas com o recebimento de uma parte do butim (ver capítulo 31). Dedicar *todo* o butim a Deus [v. 2] é um ato de abnegação destinado a ganhar o apoio de a divindade [ou como um ato de adoração de gratidão]. " [338]

"Assim como estar em Cades forma uma estrutura para as peregrinações no deserto, o mesmo ocorre em Horma. Depois dessa vitória em Horma, onde antes havia derrota, os

israelitas vencem regularmente (21: 21-35)." [339]

Esta foi a primeira vitória dos israelitas sobre os cananeus e, sem dúvida, foi uma grande construção de confiança para eles. Ele veio depois que os israelitas juraram obedecer a Deus completamente, exterminando esses cananeus em particular ("Eu [Israel] destruirei totalmente suas cidades", v. 2), se Ele lhes desse a vitória como havia prometido. Nesse voto, os israelitas estavam meramente prometendo obedecer a Deus, apenas no que já era esperado, o que Ele já havia ordenado que fizessem. A conquista de Canaã deve ter parecido mais certa

para os israelitas agora do que antes.

Essa narrativa é semelhante à que descreveu a vitória anterior de Israel sobre os amalequitas (Êxodo 17). Um relato da murmuração do povo devido à falta de água introduziu as duas histórias (Êxodo 17: 1-7; Números 20: 1-13). Em ambos os casos, um inimigo atacou os israelitas, mas Israel passou a derrotar cada um com a ajuda do Senhor trazida pela oração (Êxodo 17: 8-13; Números 21: 1-3). Talvez o escritor pretendesse que aprendêssemos com isso que era comum as nações descrentes serem hostis ao povo de Deus. Eles se opuseram a eles tanto no início quanto no

final de sua estada no deserto (cf. vv. 10-20). No entanto, Deus permitiu que os israelitas fossem vitoriosos em resposta às orações, apesar de sua indignidade.

A cobra de bronze 21: 4-9

Em seguida, os israelitas viajaram para o sudeste para contornar a fronteira sul de Edom. Eles tomaram "o caminho do Mar Vermelho" (v. 4), uma estrada para a cidade de Elath que ficava na ponta norte do Golfo de Aqabah. [340] Esta rota os levou através do Arabah. A "Arabá" era uma planície baixa que se estendia desde o norte do Mar de Quinerete (Galiléia), passando por esse Mar, o Vale do Jordão e o Mar Morto, ao sul

até o Golfo de Aqabah. Paredes de montanha íngremes limitam a Arabá ao sul do Mar Morto.

É, "... um deserto horrível, com solo arenoso solto e montes de granito e outras pedras, onde terríveis tempestades de areia às vezes surgem nas proximidades do Mar Vermelho. ..." [341]

É fácil entender por que os israelitas resmungaram novamente (vv. 4-5), embora esta seja a última menção de sua reclamação durante a marcha para a Terra Prometida. Este foi um erro muito sério, possivelmente o pior caso de reclamação dos israelitas, uma vez que envolvia desafio aberto ao próprio Senhor. Observe que eles se

rebelaram contra "Deus" (v. 5), ou seja, contra a autoridade divina. [342]

As "serpentes" que o Senhor enviou para disciplinar o povo eram "ígneas" - provavelmente porque sua mordida causou queimação intensa e / ou inflamação. [343] No entanto, cobras venenosas com manchas vermelhas em seus corpos ainda afligem os beduínos neste deserto. [344]

"O epíteto ígneo seria dado a eles por seu temperamento ígneo, cor e movimentos quando enfurecidos, ou pela dor ardente de sua mordida." [345]

As picadas de fogo das cobras eram uma metáfora adequada para a ira ardente de Deus que

queimava contra elas por sua rebeldia. A disciplina de Deus moveu os israelitas a confessar seus pecados e a pedir a intercessão de Moisés ("pecamos ... intercedei junto ao Senhor , para que Ele remova as serpentes"; v. 7; cf. 11: 2). Como de costume, isso se mostrou eficaz (v. 8).

"O pano de fundo da confissão anterior de Israel sobre seu pecado em Números 14 ajuda a explicar por que Deus simplesmente não se livra das serpentes imediatamente. Cada israelita individual precisa assumir a confissão de pecado e a necessidade da libertação de Deus a sério." [346]

A "serpente" que Deus disse a Moisés para fazer era

provavelmente cobre ou bronze (aparência " *ígnea* "), a fim de se assemelhar à cor das cobras reais. Não era uma cobra real, mas uma imagem, "... na qual a serpente de fogo foi endurecida, por assim dizer, em bronze morto, como um sinal de que o veneno mortal das serpentes de fogo foi vencido nesta serpente de bronze." [347] A palavra hebraica para "serpente", *nehash* , está intimamente relacionada à palavra hebraica traduzida como "bronze", *nehoshet* .

"Eu sugiro que a chave para o simbolismo deve ser buscada nos princípios gerais subjacentes aos sacrifícios e ritos purificatórios no Antigo Testamento. Animais são

mortos, para que os homens pecadores que merecem morrer possam viver. O sangue que polui quando é derramado pode ser usado para santificar e purificar homens e artigos. As cinzas de uma novilha morta purificam aqueles que sofrem com a impureza causada pela morte. Em todos esses rituais há uma inversão: normalmente substâncias ou ações poluentes podem, em um contexto ritual, ter o efeito oposto e servem para purificar. No caso da serpente de cobre, princípios semelhantes operam. Aqueles que estavam inflamados e morrendo pela picada de cobras vivas foram restaurados à vida por uma cobra morta de cor avermelhada. Pode ser que o cobre tenha sido escolhido não

apenas por sua tonalidade combinou com a inflamação causada pelas picadas,mas porque o vermelho é a cor que simboliza expiação e purificação. "[348]

Vemos uma inversão semelhante em alguns milagres de cura de Jesus. Em vez de se tornar impuro por tocar aqueles que eram impuros, o toque de Jesus os purificou. Em vez de tocar fisicamente o sacrifício substituto, como Deus normalmente exigia, "contato" *visual* (com a cobra de bronze) foi tudo o que foi necessário neste caso ("todo aquele que for mordido, ao olhar para ela, viverá"). Novamente, crer na promessa de Deus (v. 8) e

obediência à Sua palavra provou ser a chave para a libertação (v. 9).

Moisés construiu a cobra com material durável. Talvez isso simbolize o fato de que a provisão de Deus para a salvação é duradoura e não precisa ser repetida. Os israelitas preservaram essa serpente de metal e, mais tarde em sua história, ofereceram incenso a ela (2 Reis 18: 4). O rei Ezequias finalmente o quebrou e destruiu, visto que os israelitas o veneravam como uma relíquia sagrada.

Essa narrativa, como a anterior, também tem um paralelo anterior no Pentateuco, a saber, quando Moisés jogou seu cajado na presença do Faraó e ele se

tornou uma cobra (Êxodo 4: 3, 30). O contexto de ambos os incidentes foi a reclamação do povo.

"O propósito de tais paralelos é sublinhar os temas básicos do livro. Em ambas as narrativas, o escritor enfatiza a necessidade da resposta das pessoas de fé no sinal. Eles devem olhar para o sinal com fé antes de serem entregues." [349]

Jesus Cristo identificou a serpente de cobre como um *tipo* de *si mesmo* (João 3:14). Como Cristo foi "levantado", alguém levantou esta serpente da terra em um poste. Tanto Cristo quanto essa serpente eram completamente inofensivos enquanto estavam pendurados em suas varas.

Além disso, se uma pessoa mortalmente ferida quisesse ser libertada, ela só tinha que "olhar para (para)" a serpente ou para Cristo *com fé* , confiando na promessa de salvação de Deus (cf. Is 45:22). O resultado, em ambos os casos, foi a vitória sobre uma serpente. [350]

"Se alguma vez houvesse um par de tipos menos esperado, seria este. O maná foi um presente totalmente gracioso de Deus, contra o qual o povo se voltou com repulsa estomacal. As cobras eram um instrumento do julgamento de Deus por causa da ingratidão dos povos e espíritos rebeldes, mas foi uma cópia de metal de

uma cobra que se tornou o meio para sua libertação.

"O pão é uma imagem de Jesus; como o Pão do Céu, ele é o nutridor adequado de seu povo. A cobra de bronze é uma imagem de Jesus, que se tornou pecado por nós enquanto estava pendurado naquela árvore horrível. O maná tinha que ser comida. A cobra tinha que ser vista. Os mandamentos das Escrituras são para fazer. O maná não servia se deixado a apodrecer. A cobra de metal não serviria se ninguém olhasse para ela. O maná e a cobra são aspectos gêmeos da graça de Deus." [351]

A jornada em direção a Moabe 21: 10-20

A lista de pontos de parada que Moisés registrou aqui difere daquela em 33: 41-49. Aparentemente, nenhuma das listas está completa, mas ambas são seletivas. Os arqueólogos ainda não identificaram a maioria dos locais que Moisés mencionou aqui. A rota dos israelitas era em *torno de* Edom, no sentido anti-horário, até que chegaram ao Wadi Zered (v. 12). [352] Um "wadi" (árabe, hebr. *Nahal*) era um rio ou leito que ficava seco durante a maior parte do ano, mas se tornava uma torrente violenta durante a estação das chuvas. Os israelitas tomaram o "Caminho do Deserto", uma rota geralmente paralela, mas a leste da Rodovia do Rei (20:17, 19). O Zered fluía para o oeste,

na estação das chuvas, para a Arabá, perto da extremidade sul do Mar Morto. Constituiu a fronteira entre Edom e Moabe.

Movendo-se mais ao norte, por meio de Moabe, a nação cruzou o Wadi "Arnon", que deságua no lado leste do Mar Morto, quase no ponto médio do mar de norte a sul. O "Arnom" era a fronteira entre os moabitas e os amorreus (v. 13). Essa travessia levou Israel ao umbral da Terra Prometida.

Os amorreus eram, "... o mais poderoso de todas as tribos dos cananeus." [353]

Os "amorreus" controlavam a maior parte da Transjordânia. Abraham era de descendência

amorreia. [354] Aqui os israelitas receberam orientação de Deus para fazer guerra a Siom, um rei dos amorreus, e para possuir sua terra. Deus prometeu a eles que seriam vitoriosos (Deuteronômio 2: 24-25). Essa revelação encheu os israelitas de alegria e coragem.

O "Livro das Guerras do Senhor" (v. 14) era uma coleção de canções que comemoravam os atos gloriosos de Deus em favor dos israelitas. Aparentemente, Moisés (ou um de seus contemporâneos) escreveu ou editou. O fragmento de uma dessas canções, que o escritor incluiu aqui (vv. 14-15), descreve o Árnon. O fato de Moisés ter inserido essa estrofe reflete a alegria que os israelitas sentiram nessa ocasião.

Em "Cerveja" (lit. "Poço"), Deus providenciou água para o povo - mas desta vez instruindo-os a cavar poços (vv. 16-18). Esta foi outra ocasião de grande alegria, visto que

Deus *novamente* proveu para Seu povo necessitado.

Moisés mencionou vários outros locais que eram locais de acampamento onde eles pararam no caminho, antes que a nação se estabelecesse na cordilheira de montanhas "Pisgah". Esta área fica a leste do local onde o rio Jordão deságua no Mar Morto. A "terra devastada" (Heb. *Jeshimon*) é o deserto diretamente a nordeste do Mar Morto.

A derrota de Sihon por Israel 21: 21-32

Este relato se encaixa cronologicamente após 21:13. Ele registra duas grandes vitórias que Deus deu a Seu povo sobre dois dos poderosos

reis amorreus. Os israelitas conseguiram assumir o controle de uma grande área na Transjordânia quando derrotaram Sihon e Og.

"O termo amorreu tem vários significados no AT: cananeus em geral (por exemplo, Gênesis 15:16), habitantes da terra a oeste do Jordão (por exemplo, Josué 5: 1), habitantes das regiões de Judá (por exemplo, Js. 10: 5-6), habitantes do Negeb e da região a sudeste do Mar Morto (por exemplo, Gn 14: 7), e muitas vezes, como aqui, os habitantes do leste do Jordão sob o governo de Sihon e Og... " [355]

Moisés fez seu pedido pacífico de permissão para passar pelo território de Siom e entrar na

Terra Prometida (v. 22), percebendo que Siom não permitiria isso (cf. Dt. 2: 24-26). Compare o pedido de Moisés ao Faraó para deixar os israelitas irem, em Êxodo 5: 1 (cf. Êxodo 3:19).

"... isso foi feito simplesmente para deixar a decisão de seu destino em suas próprias mãos ..." [356]

Sihon então atacou Israel (v. 23), mas Israel derrotou seu exército (v. 24). Moisés teve muito pouco a ver com a aquisição de qualquer terra para Israel. [357] Esta vitória deu aos israelitas a posse de todo o território de Siom. Estendeu-se para o sul até o Árnon e para o norte até o Jaboque, que deságua no rio

Jordão vindo do leste, a meio caminho entre o mar de Quinerete (Galiléia) e o mar Morto. [358] Incluía "Jazer", uma cidade que os israelitas derrotaram (v. 32). As "aldeias" referidas (v. 25, lit. "filhas") eram aldeias não muradas em contraste com as cidades muradas ("mães"). [359]

Essa vitória sobre uma das mais poderosas cidades-estado cananéias, "Hesbom", inspirou poetas em Israel a escrever provérbios (v. 27) e a compor canções para comemorar a libertação de Deus (vv. 27-30).

"A convocação para vir a Hesbom e reconstruir esta cidade em ruínas [v. 27] não foi dirigida aos israelitas, mas aos amorreus conquistados, e deve

ser interpretada como irônica ..." [360]

"Chemosh" (v. 29) era a principal divindade moabita, e era semelhante ao deus amonita Moloque (cf. Juízes 11:24; 1 Reis 11: 7). [361] Ver Deuteronômio 2: 16-37 para outro relato desta vitória. John Van Seters argumentou que Números 21: 21-25 deriva da fusão de Deuteronômio 2: 26-37 e Juízes 11: 19-26. [362] John R. Bartlett rebateu que a passagem dos Números é a fonte dos outros dois relatos. [363]

A derrota de Israel de Og 21: 33-35

Hesbom era uma cidade, mas "Basã" era um *território* .

Bashan ficava ao norte de Yarmuk Wadi. Evidentemente, na época da conquista de Israel, "Og" controlava o território ao sul de Yarmuk, até o Jaboque, ou seja, a área conhecida como "Gileade". [364] Todo o domínio de Og ficava ao norte do Jaboque Wadi, e se estendia ao norte até o Monte Hermon, cerca de 60 milhas ao norte do mar de Chinnereth (Galiléia). A cidade de "Edrei" (v. 33) ficava perto da fronteira sul de Basã. Veja Deuteronômio 3: 1-17 para uma descrição mais completa dessa vitória.

Os israelitas mudaram seu acampamento do Monte Pisga (21:20), mais a oeste e um pouco ao norte, para as "planícies de Moabe" (22: 1),

entre Bete-Jesimote e Abel-Shittim (lit. "prado de acácia bosques "; 33:49). Este local ficava mais perto do rio Jordão e em frente a Jericó, que ficava cerca de cinco milhas a oeste do Jordão. As pessoas permaneceram neste local até cruzarem o Jordão sob a liderança de Josué (Josué 3: 1). Os eventos restantes que Moisés registrou em Números, e todos aqueles que ele escreveu em Deuteronômio, aconteceram aqui.

Essas vitórias deram aos israelitas a posse de todas as terras a leste do rio Jordão, a oeste da fronteira amonita, ao norte até o monte Hermon e ao sul até o Arnom. Os israelitas derrotaram todos os "amorreus"

que ocupavam esta área. Eles não lutaram contra os edomitas, moabitas ou amonitas, porém, por ordem de Deus - porque esses grupos de pessoas eram seus parentes. Eles não eram *cananeus* . Essa grande vitória sobre Ogue garantiu ainda mais aos israelitas que Deus também lhes daria a vitória completa do outro lado do Jordão (v. 34).

"Gigantes são apenas vermes diante do poder de Deus." [365]

As tentativas de Moabe de amaldiçoar Israel chs. 22-24

Esta seção do livro ilustra quão grande ameaça Israel se tornou, para os outros povos da área por onde eles passaram, em seu caminho para a Terra

Prometida. As tentativas fracassadas dos moabitas de frustrar o cumprimento da promessa de Deus de *dar a terra a Israel* , demonstrar Seu poder para vencer esses inimigos e Sua fidelidade (cf. Gn 12: 3).

"O posicionamento dos oráculos de Balaão na conclusão do terceiro ciclo da rebelião de Israel [caps. 20-25] apresenta uma imagem notável de Deus trabalhando em favor de seu povo, apesar de seu fracasso quase total em segui-lo fielmente. Deus o fará continue a revelar-se e a pronunciar bênçãos sobre seu povo, mesmo que o instrumento de bênção seja um especialista em

adivinhação pagão de reputação internacional. " [366]

"Assim como Hobabe, o midianita, se juntou a Deus para guiar Israel (19: 29-32), o profeta Balaão se juntou a Deus para abençoar Israel." [367]

O arranjo de Balak com Balaam cap. 22

22: 1-20 Moabe não havia atacado Israel enquanto o povo de Deus havia se movido para o norte ao longo da fronteira oriental de Moabe. Na verdade, os moabitas vendiam pão e água aos israelitas (Deuteronômio 2: 28-29). Os moabitas provavelmente contavam com Siom, que anteriormente havia derrotado Moabe, para "cuidar de" Israel também (21:26; cf.

Juízes 11:25). Quando Sihon perdeu sua batalha, Balak procurou outra ajuda. Ele se aliou a seus vizinhos do sudeste, os midianitas. Mas sua verdadeira estratégia consistia em buscar ajuda sobrenatural por meio de Balaão.

As vitórias de Israel sobre os dois poderosos reis amorreus encheram "Balaque", o "rei de Moabe", de medo ("Eis que um povo saiu do Egito ... eles cobrem a superfície da terra"; vv. 5-6). Ele se aliou a "Midiã" e "enviou mensageiros" a "Balaão", um famoso "mágico" (adivinho, mágico), para "amaldiçoar" os israelitas. A cidade de Baalam, "Pethor" (v. 5), era provavelmente a vila mesopotâmica de "Pitru",

localizada "perto do rio [Eufrates]" (cf. Deuteronômio 23: 4), 12 milhas ao sul de Carquemish. [368] Embora o fato de Balaque ter falado "aos anciãos de Midiã" (v. 4), e então "enviado mensageiros a Balaão" (v. 5), levou alguns intérpretes a concluir que Balaão era um midianita. [369]

"Acampando pacificamente no vale, os israelitas não tinham ideia de que Balaão estava tentando amaldiçoá-los para que os moabitas e midianitas pudessem derrotá-los. Este cenário nos lembra da advertência de Paulo em Efésios 6:12: 'Pois não lutamos contra a carne e sangue, mas contra principados, contra potestades, contra os governantes das

trevas deste mundo [idade], contra a maldade espiritual nas alturas [celestiais]. '" [370]

Balaão tem sido um problema para os estudantes da Bíblia. [371] Por um lado, parece ter sido um pagão, mas, por outro lado, há indícios de que pode ter sido um crente. Alguns comentaristas acreditam que ele era um *falso profeta* adorador de ídolos , a quem Deus compeliu contra sua vontade abençoar Israel. Outros afirmam que ele foi um *verdadeiro profeta* de Yahweh, que simplesmente caiu diante das tentações da ambição e do dinheiro. Josefo o chamou de "o maior dos profetas" [372] - mas se ele foi

um verdadeiro profeta ou um falso profeta ainda é discutível.

"Como personagem bíblico ... Balaão não parece ser nem peixe nem ave." [373]

“Ele era um pecador ou santo?

"Como diz o velho ditado, 'O Senhor pode desferir um golpe poderoso com uma vara torta' ..." [374]

O nome de Balaão provavelmente veio de uma raiz hebraica que significa "destruidor" ou "devorador". O nome de seu pai, "Beor", aparentemente veio de outra palavra que significa "queimar", "comer" ou "destruir". O nome do pai de Balaão (Beor) sugere que ele pode ter sido um feiticeiro e pode ter dado a

Balaão seus *poderes* , bem como seu *nome* no nascimento. No entanto, Balaão pode ter recebido seu nome mais tarde na vida, quando seus poderes com o mundo espiritual se tornaram conhecidos.

"Ele é uma espécie de pistoleiro alugado solto [um" canhão solto "], um mercenário, mas suas únicas armas são palavras que têm o poder de amaldiçoar ou abençoar." [375]

O Antigo Testamento nunca chama Balaão de profeta ou vidente, mas de "adivinho" ("adivinho"; Js 13:22). Este título nunca descreve os *verdadeiros* profetas de Yahweh em outro lugar. Deus proibiu a "adivinhação" em

Israel (Deuteronômio 18: 10-13), e os israelitas consideraram isso um pecado grave (1 Sam. 15:23; Ezequiel 13:23; 2 Reis 17:17) - bem como um sinal revelador de um falso profeta (Ezequiel 13: 9; 22:28; Jer. 14:14). Balaão costumava buscar "presságios" (24: 1) para compreender o futuro pela adivinhação.

"... Balaão é um adivinho, aquele que prediz o futuro, não um feiticeiro, alguém que pode alterar o futuro (por meio de maldições e bênçãos), como Balak o faz parecer." [376]

No entanto, de acordo com o texto,
Balaão *conheceu* Yahweh,
submeteu-se a Ele e recebeu revelações Dele (22: 8, 13, 18-

20, 38; 23: 5, 12, 16; 24: 1, 13). Há muitas indicações na narrativa de que Balaão temia genuinamente a Yahweh (o Senhor Deus de Israel). Ele parece ter simpatizado sinceramente com os israelitas e até mesmo os *elogiou* (23:10). Mas quando ele se referiu a Yahweh como "meu Deus" (v. 18), ele provavelmente estava afirmando ser um agente do "deus" de Israel da mesma forma que falava com outros deuses.

"Mas e o *caráter* de Balaão ? Ele é um paradoxo ambulante - um verdadeiro profeta e um falso profeta ao mesmo tempo. Ele é um verdadeiro profeta porque conhece o verdadeiro Deus, tem

uma fé real Nele, tem um relacionamento real com Ele, recebe comunicações reais Dele, transmite mensagens reais Dele. No entanto, ele é um falso profeta, pois também recorre ao uso de artes mágicas, é chamado de adivinho (Josué xiii. 22) e prostitui seu estranho dom profético para obter ganhos básicos . " [377]

"Mas para que não se pense que Balaão se tornou um crente fiel em Yahweh, Deus de Israel, basta olhar para os capítulos seguintes de Números e textos adicionais da Bíblia Hebraica e do Novo Testamento cristão. Apesar de sua aclamação de 'Yahweh meu Deus 'em 22:18 pode na superfície evidenciar

tal fé, a contínua saga de Balaão como o adivinho pagão revela o contrário. " [378]

O comportamento de Balaão é semelhante ao dos exorcistas judeus dos dias de Jesus, que expulsavam demônios em nome de Jesus, mas não o seguiam (Marcos 9: 38-39; Lucas 9:49). Ele também se assemelha a Simão Mago, que foi um *feiticeiro* antes de professar fé em Cristo e se submeter ao batismo. O fascínio de Simão pelos poderes sobrenaturais e o desejo de ganho pessoal o desviaram de seu compromisso cristão (Atos 8:13).

"Balaão é a contraparte pagã de Moisés, o homem de Deus. A recuperação dos textos

proféticos de Balaão em aramaico do século VI em Deir-'Allah na Jordânia mostra o quão famoso este homem era no antigo Oriente Próximo, mesmo séculos depois de sua morte." [379]

Além de Balaão, Deus também apareceu a outros não israelitas: Abimeleque (Gênesis 20: 3) e Labão (Gênesis 31:24).

Quer Balaão fosse um crente verdadeiro ou não, seu amor ao dinheiro o colocou em apuros (2 Pedro 2:15; Judas 11). Ele servia a lavé, mas também queria a recompensa que Balaque lhe oferecia. Na melhor das hipóteses, ele era "ambíguo" (cf. Tiago 1.8). Esta característica explica a instabilidade de seu caráter e

torna Balaão difícil de classificar com certeza (cf. Ló). Balaão morreu mais tarde na batalha dos israelitas com os midianitas (31: 8).

“Em 2 Pedro 2.15 lemos sobre 'o *caminho* de Balaão'. Em Judas 11, lemos sobre 'o *erro* de Balaão'. Em Apocalipse 2.14, lemos sobre 'a *doutrina* de Balaão'. O *caminho* de Balaão é a prostituição de um dom espiritual para ganho vil. O *erro* de Balaão é a ideia secreta de que a vontade de Deus pode ser contornada sob a cobertura de um respeito externo por Sua palavra. A *doutrina* de Balaão é o conselho para a ruína por sedução as pessoas que não podem ser amaldiçoadas com

permissão (ver Num. xxxi. 16). " [380]

A importância de Balaão em Números deve ser óbvia, em vista da quantidade de texto que Moisés dedicou a suas atividades (caps. 22-25). Seus oráculos são a peça central desta revelação. Deus anunciou por meio dessas revelações dadas a Balaão que Ele abençoaria Israel e que cumpriria Suas promessas aos patriarcas. A reafirmação dessas promessas foi especialmente apropriada neste momento da experiência de Israel.

"Aqui no final da velha geração, Deus afirma o que Deus instruiu os sacerdotes a fazerem no início do livro de Números:

'Assim abençoareis os israelitas' (Nm 6: 22-27)." [381]

A nação recebeu um lembrete de que Deus também lhes daria a terra de Canaã a oeste do Jordão, não apenas os territórios de Siom e Ogue. O fato de essas mensagens terem vindo por meio de um homem que não era israelita, mas que recebeu dinheiro *de seus inimigos* para amaldiçoar Israel, teria dado aos israelitas ainda mais confiança. Os oráculos, portanto, não apenas enfraqueceram a vontade dos inimigos de Israel em Moabe, Midiã e outras nações cananéias, mas também encorajaram os israelitas.

Balak achava que Balaão tinha o poder de trazer uma verdadeira maldição.

"Balak acreditava, em comum com todo o mundo antigo, no poder real e na operação das maldições, anátemas e encantamentos pronunciados por sacerdotes, adivinhos e *goetos* ." [382]

Esse poder era *real* , como fica claro na narrativa, embora o mundo pagão possa tê-lo distorcido.

"O costume de amaldiçoar um inimigo antes da batalha era muito difundido no mundo antigo. ..." [383]

"No antigo Oriente Próximo, acreditava-se que um inimigo podia ser combatido de duas

maneiras: com armas ou por meio de encantamentos e, se possível, por meio de uma combinação dos dois. Os encantamentos são baseados no conceito de que um povo e suas divindades constituem uma unidade; procuram forçar, por meio de vários tipos de magia, a divindade do inimigo a reter seu poder de seu povo. Assim, o inimigo ficará impotente e se tornará uma presa fácil para o oponente. Moabe não ouse usar o primeiro meio, pois Israel já provou ser superior em poder militar a Sihon, a quem Moabe foi forçado a reconhecer como seu superior no passado. Isso deixa apenas o segundo meio; eles devem encontrar o tipo de homem que o vale Eufrates-

Tigre é chamado de *baru* ("vidente").
O *baru*pertence à classe sacerdotal, e sua especialidade é 'ver' o que vai acontecer com base em fenômenos que escapam à pessoa comum, mas são encontrados, por exemplo, no fígado de um animal abatido ritualmente, ou na configuração de gotas de óleo sobre água, ou nas estrelas, ou na forma de nuvens. Acreditava-se
que tais *barus* eram capazes de influenciar a vontade dos deuses por causa de seu conhecimento secreto e misteriosas manipulações, e de forçar os deuses a fazer ou não fazer uma determinada coisa. " [384]

Se Balaão tivesse sido completamente fiel a Yahweh, ele não apenas teria enviado os mensageiros para casa, mas também *se recusado a recebê-los novamente* (vv. 7-14). Infelizmente, seu amor pela recompensa o levou a transigir mais tarde (cf. 2 Ped. 2:15; Judas 11).

"... desde a parte inicial da narrativa, quando ele encontra pela primeira vez o Deus verdadeiro em visões, e na narrativa humorística da viagem no burro, Balaão começa a aprender o que para ele foi uma lição estranha, bizarra, até mesmo incompreensível: encontro com o Deus da realidade foi fundamentalmente diferente de

qualquer coisa que ele já conheceu. " [385]

Vários tipos de adivinhação eram comuns no antigo Oriente Próximo:

1. "Extispicy" era o exame das entranhas de uma ovelha sacrificada por um especialista treinado para decifrar mensagens dos deuses. Os intrincados arranjos dos órgãos internos são o que os crentes nesta forma de adivinhação consideram um indicativo da revelação divina.
2. A "astrologia" estudou os arranjos da lua, do sol, dos meteoros, dos planetas e das estrelas fixas para descobrir o futuro. *Os eclipses* foram particularmente significativos.

3. "Augury" era o estudo da aparência, movimentos e comportamento dos pássaros. Os videntes acreditavam que a direção e o modo de voar dos pássaros eram reveladores.
4. "Kleromancia" era a adivinhação por *sorteio* . As várias configurações de objetos simbólicos, atores e áreas geraram uma resposta binária ("sim" ou "não") para uma determinada pergunta.
5. "Oneiromancia" era a revelação por sonhos, que continha comunicação verbal ou não verbal, supostamente de um deus. No último tipo, certas cores, animais ou atividades correspondiam a tipos de

infortúnio, felicidade ou sucesso.

Em todos os tipos de adivinhação, os adivinhos usavam truques para enganar e impressionar seus clientes. Freqüentemente, revestiam suas previsões com uma linguagem misteriosa e ambígua para encobrir possíveis erros. Os israelitas devotos deveriam rejeitar a adivinhação como forma de descobrir o resultado provável dos eventos e, em vez disso, confiar em Deus para tornar conhecido o que Ele queria que eles soubessem. [386]

A mente de Balaão aparentemente estava pensando na *recompensa* que os mensageiros de Balaque

haviam mencionado, visto que ele nomeou seu preço de uma maneira inteligente ("Embora Balaque me desse sua casa cheia de prata e ouro ..."; vv. 18-20). Ele não aceitaria uma grande quantia, mas quando seus visitantes ofereceram uma quantia maior do que o que ele mencionou seria inadequada, ele provavelmente reconsiderou ("Eu [Balak] realmente honrarei você ricamente, e farei tudo que você disser para eu ", em outras palavras:" Eu darei a você o quanto você quiser "(v. 17).

"Ele [Balaque] enviou novamente príncipes mais e mais honrados do que eles [os líderes que Balaque havia enviado anteriormente]; e eles

disseram-lhe [Balaão]: Que nada, peço-te, te impeça de vir a mim [vv. 14 -15]. Este é um costume muito antigo e muito comum. Tudo é feito por mediação [cf. Lucas 7: 3]. " [387]

Deus evidentemente permitiu que Balaão fosse com os mensageiros porque Ele pretendia abençoar Israel (v. 20). Da mesma forma, Deus deu aos israelitas Saul como seu primeiro rei, porque eles o exigiram, e Ele usou sua desobediência para ensiná-los e, por fim, abençoá-los. Deus havia anteriormente proibido Balaão de ir com os mensageiros de Balaque (v. 12), porque Ele não teria permitido que Balaão amaldiçoasse Israel.

O versículo 12 contém a vontade *diretiva* de Deus, e o versículo 20, a *permissiva*vontade de Deus. A mudança foi devido a Deus ceder ao desejo de Balaão, mas apenas dentro de Seu plano e propósito soberano. Compare a rendição de Deus com as orações de intercessão de Moisés e a distribuição de carne de Deus aos israelitas. A permissão do versículo 20 constituiu um teste para Balaão, no qual ele falhou. Balaão conhecia a vontade de Deus (v. 12), mas Deus lhe deu permissão para obedecer ou desobedecer (v. 20).

"Deus muitas vezes desiste dos homens para seguir o impulso de suas próprias

concupiscências; mas não há aprovação em deixá-los agir de acordo com a inspiração de seus próprios corações ímpios (Josué [*sic* João] 13:27)." [388]

"Deus freqüentemente castiga as pessoas, não frustrando todos os seus desejos, não colocando-as em uma posição na qual não possam fazer o que querem, mas concedendo-lhes os desejos de seus corações, dando-lhes seu próprio caminho." [389]

Estranhamente, Balaão estava ciente de que deveria ser *obediente* ao revelar a mensagem de Deus - seja para o bem ou para o mal ("só farás a palavra que eu te falo", v. 20). Essa convicção aparentemente veio a ele como

resultado da mudança da permissão de Deus. Deus parece ter ensinado Balaão, por estas duas palavras ("Não vá" e "[R] ise e vá"; vv. 12, 20), que Ele é o Deus verdadeiro, que é flexível, mas todo-poderoso. Balaão estava aprendendo que Yahweh não era como os espíritos inferiores com os quais ele havia lidado anteriormente.

"A história de Balaão é, portanto, um exemplo da loucura de tentar destruir a bênção eterna do povo do Senhor." [390]

"Como Deus às vezes nega as orações de seu povo em amor, às vezes ele concede os desejos dos ímpios na ira." [391]

22: 21-41 Balaão era sensível ao mundo espiritual, é claro, o que era consistente com sua profissão. Portanto, ou ele não sentiu a presença do "[A] ngel do L ORD " ou sua ganância o cegou para a presença do Anjo. Provavelmente "Deus estava zangado" com Balaão (v. 22) porque ele decidiu ir e amaldiçoar Israel. O anjo havia "desembainhado" sua "espada" (v. 23), símbolo da ira de Deus contra Balaão, por agir como ele estava agindo (cf. Gn 3:24; Êxodo 12:12). Deus finalmente chamou a atenção de Balaão ao falar por meio da jumenta (v. 28; cf. 1 Cor. 1:27). Então Balaão viu o anjo e "curvou-se" em submissão diante dEle ("curvou-se completamente até o chão"; v. 31).

"... até mesmo uma besta é mais capaz de discernir as coisas do mundo superior do que um homem cego por desejos pecaminosos." [392]

Esperançosamente, Balaão apreciou o contraste entre sua própria falta de visão e a habilidade de seu burro de discernir a vontade de Deus, e aprendeu um pouco de humildade com o evento.

"Vemos o profeta Balaão como um vidente cego, vendo menos do que o animal mudo. ... A longa sombra de Moisés cai nas páginas da história de Balaão, embora Moisés nunca tenha sido citado. Moisés falou cara a cara com Deus (ver cap. . 12); Balaão nem mesmo sabe que

Deus está perto - mas sua jumenta sabe! " [393]

Por que Balaão respondeu ao seu jumento como se fosse uma conversa normal (v. 29)? Talvez os espíritos tenham falado com ele por meio de animais anteriormente (cf. Gn 3: 1, 4). [394] Talvez o burro o exasperou a ponto de ele responder antes de perceber o que estava fazendo.

"Os atos e palavras do burro antecipam os problemas que Balaão está prestes a enfrentar. O asno foi preso três vezes entre a espada do anjo e a vara de Balaão. Em breve Balaão se verá preso entre as exigências de Balaque e as proibições de Deus. Por meio de seu terceiro encontro com Deus, Balaão foi

lembrado de que Deus empunha uma espada e que a desobediência significa morte. Por isso, ele segue seu caminho totalmente comprometido em declarar as palavras de Deus, em vez de se submeter aos desejos de Balaque (35). [395]

“O Senhor diz a Balaão para continuar sua jornada, mas 'fale apenas o que eu te digo' (v. 35). Este é o ponto principal de todo o capítulo: Balaão, o pagão mântico, não será capaz de falar maldições como havia planejado . Em vez disso, ele seria o mais surpreso de todos; ele seria o instrumento mais notável de Deus na bênção de seu povo, Israel. " [396]

"Como em 22:20, Deus disse a Balaão para ir. Ele não ficou,

portanto, zangado porque o profeta foi, mas por causa de seu motivo para ir." [397]

"Por que o anjo de Deus com a espada desembainhada de repente coloca um obstáculo diante de um profeta que está obedecendo à ordem de Deus para sair em uma missão? O motivo não é realmente único na Bíblia [cf. Gn 31: 1; 32: 22-32; Êxodo 4:24; Js 5:13].... Esses encontros enigmáticos sugerem que um indivíduo chamado para ser um instrumento da obra de Deus no mundo permanece sob a vigilância, controle e julgamento de Deus. O favor de Deus não pode simplesmente Deus retém o direito de lutar até mesmo contra aqueles

designados por Deus, se Deus assim o desejar. Assim, Balaão se junta a uma ilustre tripulação de grandes líderes israelitas, Jacó, Moisés e Josué, em seu encontro com um anjo divino com uma espada desembainhada em pé em seu caminho. " [398]

"Balaão será lembrado de que a vida de um profeta de Deus é como montar um jumento. A capacidade pessoal de Balaão de dirigir o curso da história e ver o que está por vir é mínima, menos do que o animal em que ele monta. Para que Balaão não tenha nenhum pensando que ele pode acabar com Deus, o anjo ensina a Balaão que ele deve abandonar sua própria iniciativa em amaldiçoar ou

abençoar Israel e permitir que Deus o use como Deus achar melhor. " [399]

"Nosso Criador não nos põe a sete chaves. Ele não amarra nossas mãos. Ele não nos deixa coxos ou cegos para nos tornar obedientes. Ele nos fez à sua imagem. Ele nos dotou de livre arbítrio. Ele fez não pretende que sejamos tantos troncos e pedras em Suas mãos. Sim, certamente, Ele diz; escolha por si mesmo. O que você mais gostaria? Onde está o seu tesouro? Bem, você é o seu próprio mestre. Você está inteiramente neste assunto em suas próprias mãos. " [400]

Alguns intérpretes antigos e modernos apontaram as semelhanças e diferenças entre

as histórias da jumenta de Balaão nesta perícope e a amarração de Isaque por Abraão (Gênesis 22: 1-19). [401] As histórias aparecem de forma inversa, como um reflexo em um espelho. Deus, por meio de Moisés, pode ter sutilmente contrastado Balaão com Abraão, a fim de colocar Balaão em uma posição ruim e glorificar Abraão.

Balak ficou um pouco chateado com Balaão por atrasar sua chegada. Ele presumiu que a hesitação de Balaão se devia a dúvidas quanto à capacidade de Balak de pagá-lo ("Não posso mesmo honrá-lo?"; V. 37). Os "bois e ovelhas" de Balaque (v. 40) foram provavelmente

"sacrificados" para garantir o favor dos deuses de Balaque.

"As peças dadas a Balaão presumivelmente incluiriam os fígados; pois, como um adivinho *baru* , Balaão era um especialista em adivinhação do fígado." [402]

Balak presumiu que Balaão seria mais suscetível a receber poder sobrenatural, e que "isso" (seu poder de amaldiçoar Israel) seria mais eficaz se ele tivesse os israelitas à vista. É por isso que ele levou Balaão aos "lugares altos de Baal", de onde pôde ver partes do acampamento israelita.

"Para lançar um feitiço sobre um povo, era necessário ser

capaz de vê-lo, mesmo que apenas em parte." [403]

Nenhum dos locais mencionados é identificável com certeza, mas todos estavam ao redor da área onde Israel estava acampado.

O versículo 41 contém uma das primeiras referências à *adoração de Baal* no Antigo Testamento ("os altos de Baal").

"Israel lutou com Baal e seus adoradores do início ao fim de sua história nacional. A adoração de Baal era o mais sério desafio e ameaça à adoração de Yahweh de todas as religiões pagãs no antigo Oriente Próximo. Isso era verdade devido a algumas semelhanças e algumas

grandes diferenças existiam entre Baal e Yahweh. " [404]

Os sete oráculos de Balaão, chs. 23-24

"Os capítulos 23 e 24 são dois dos capítulos mais brilhantes do livro de Números. Dezenas de coisas maravilhosas são ditas sobre Israel, principalmente proféticas. Os pecados sombrios do passado foram esquecidos; apenas a feliz libertação do Egito foi citada." [405]

23: 1-12 Balaão ofereceu "sete ... holocaustos" a Deus em "sete" altares separados. Tanto os pagãos quanto os israelitas consideravam "sete" como um número divino e completo, com base nos sete dias da criação e nos sete dias da semana. Os

pagãos geralmente ofereciam sacrifícios em ocasiões importantes, assim como os israelitas, para garantir o favor e a ajuda divina.

"O elemento mais impressionante da seção introdutória está nas palavras 'Deus se encontrou com ele' (v. 4) e 'o Senhor colocou uma mensagem na boca de Balaão' (v. 5). Apesar das ações pagãs e desagradáveis deste homem ímpio, o Senhor se digna a se encontrar com ele e falar por meio dele. Isso é absolutamente notável. Muitas vezes dizemos que Deus nunca usará um vaso impuro. Isso não é totalmente correto. Deus pode usar qualquer vaso que desejar; a questão diz respeito o que

acontece com um vaso impuro quando Deus acaba de usá-lo para seus propósitos. " [406]

"Aram" (v. 7) é a Mesopotâmia, a terra entre os rios Tigre e Eufrates no norte da Síria (cf. Paddan-aram em Gênesis 28: 2; et al.). Israel "não foi ... contado entre (contado, incluído ou listado com) as nações" (v. 9) por causa de sua vocação divina na terra que o diferenciava de todos os outros povos.

Israel havia aumentado em número como Deus havia prometido a Abraão. Os israelitas eram tão *numerosos* quanto "pó" da perspectiva de Balaão (v. 10; cf. Gn 13:16). A "quarta parte de Israel" se refere ao quarto do

acampamento que estava mais próximo de Balaão conforme ele profetizou. Ele não conseguia nem contar o quarto da nação que estava mais próximo dele. Esta é outra indicação, além do número de homens israelitas contados em cada tribo, que a população de Israel era grande naquela época.

"O relato da primeira tentativa de Faraó [de suprimir a bênção de Deus sobre Israel no Egito] (Êx 1: 11-14) pretende mostrar que 'quanto mais eram oprimidos, mais se multiplicavam e se espalhavam' (Êx 1:12) (...) Em seu primeiro oráculo, Balaão enfocou precisamente este ponto: 'Como posso amaldiçoar aqueles a quem Deus não

amaldiçoou?' (Núm 22 [*sic* 23]: 8), e concluiu enfatizando o crescimento fenomenal do povo de Deus: 'Quem pode contar o pó de Jacó ou numerar a quarta parte de Israel?' (22 [*sic* , 23]: 10). " [407]

“... Há muitos que desejam morrer a morte dos justos [v. 10], mas não se esforçam para viver a vida dos justos”. [408]

Balak ficou desapontado e zangado porque esperava que Balaão controlasse os deuses. Balaão reconheceu que o Deus de Israel ("o SENHOR ") o controlava. Balak concluiu que o *local* não era condizente com seu propósito, então ele levou Balaão para outro lugar, na esperança de que os "espíritos" fossem mais favoráveis lá.

Este primeiro oráculo não era tão específico como os seguintes, mas revelou que Yahweh estava apoiando Israel em vez de Moabe. O cumprimento da promessa de multiplicar a *semente* de Abraão se destaca neste oráculo (v. 10).

23: 13-26 Um novo local proporcionou uma visão melhor de Israel, embora a nação inteira ainda não estivesse em vista ("você verá apenas o extremo deles e não todos"). Balak repetiu o mesmo ritual de sacrifício.

Deus não muda Seus propósitos finais ou volta atrás em Suas promessas solenes ("Deus não é um homem para que minta ... Ele não fará isso bom?"). Ele,

entretanto, responde às palavras e ações das pessoas *ajustando* Seus planos (cf. Êxodo 32: 9-14; Jon. 3:10). É somente pelos propósitos maiores de Deus que Ele não se "arrepende" (v. 19). [409] O ponto é que Deus não é inconstante. Ninguém pode induzi-Lo a amaldiçoar aqueles a quem escolheu abençoar.

"Balaão está constantemente mudando, prevaricando, equivocando, mudando - ele mesmo é o principal exemplo da distinção entre Deus e o homem." [410]

"Pode ser interessante notar que os planos do Faraó foram frustrados pelo aparente engano das parteiras hebraicas e que no segundo oráculo de

Balaão ele afirma: 'Deus não é um homem, para que minta' (Núm 23:19)." [411]

Deus "não observou infortúnio [iniqüidade] em Jacó" a ponto de amaldiçoar em vez de abençoar a nação (v. 21). Obviamente, Israel *pecou* , mas seus pecados não foram suficientes para mudar o propósito final de Deus de abençoá-la.

"Somente na família é abordada a pecaminosidade do povo. Visto que Yahweh o Rei está no meio deles, eles são invencíveis de ataques externos." [412]

Israel seria vitorioso na batalha, bem como desfrutaria das bênçãos de Deus ("... [beberá] o sangue dos mortos"; v. 24; cf.

Gn 49: 9-11; Miquéias 5: 8-9). Isso era o oposto do que Balak queria ouvir. Ninguém pode amaldiçoar alguém a quem Deus abençoou.

"Aqui [no versículo 23] está uma admissão tácita de que a magia funciona, mas que Israel não precisa dela." [413]

Visto que as "maldições" de Balaão acabaram sendo "bênçãos", Balaque instruiu Balaão a não dizer nada em vez de continuar a profetizar ("Não os amaldiçoe nem os abençoe de forma alguma").

Este oráculo, como o primeiro, começou com uma crítica à suposição teológica de Balak de que as pessoas podem manipular Deus. Nesse oráculo,

Balaão via Israel como "abençoado" e Deus como seu "[K] ing" caminhando entre Seu povo (vv. 20-21). O Êxodo foi o exemplo supremo do cuidado de Deus por Israel ("Ele os tira do Egito", v. 22). O futuro de Israel seria brilhante, assim como seu passado havia sido (vv. 23-24). Balaão também aludiu à posse da *terra* por Israel, conforme Deus havia prometido a Abraão (v. 26). [414]

23: 27-24: 14 Ainda esperançoso, Balaque levou Balaão a um terceiro local, este de onde ele podia ver todo o acampamento israelita ("Balaão ... viu Israel acampando tribo por tribo", 24: 2). Novamente ele ofereceu sacrifícios como antes.

Balaão aprendeu que Deus *abençoaria* Israel, embora Balaque não o tivesse feito. Conseqüentemente, desta vez ele não "buscou" indicações da vontade de Deus em "presságios", como havia feito anteriormente (v. 1). Ele simplesmente proclamou a mensagem que o Espírito Santo havia revelado a ele ("o Espírito de Deus desceu sobre ele"; v. 2). Balaão pretendia que suas palavras iniciais (vv. 3-4) impressionassem Balaque que "o Deus Todo-Poderoso" havia inspirado seu oráculo.

A frase "caindo, mas com os olhos descobertos" (encontrada também no v. 16), "... geralmente foi interpretada como descrevendo o estado

particular em que o profeta-vidente recebeu suas revelações (por exemplo, que ele estava em um profético transe ou sono ... ou estava caindo de medo, ou na presença avassaladora do espírito de profecia ...). " [415]

No artigo que acabamos de citar, o autor passa a sugerir a tradução "olho (s) aparado (s) ou descascado (s)" (vv. 4, 16), que é possível gramaticalmente.

Balaão retratou Israel como um homem carregando dois "baldes" transbordando de "água" (v. 7). *A água* era a fonte de refrigério físico e bênção no quente e árido Oriente Próximo. A semente de Israel gozaria das mais ricas bênçãos (ou

seja, *cresceria* - como "jardins", "aloés" e "cedros" - "junto a [muitas] águas").

"Em uma reversão irônica do mal intencionado pela ordem do Faraó de lançar a semente de Abraão no rio, o terceiro oráculo de Balaão usa os jardins bem regados que se estendem ao longo das margens de um rio para falar da abundância da semente de Israel. ' Uma leitura literal da observação de Balaão em Números 24: 7 é 'Sua semente está nas águas abundantes' ... Assim, o que antes era o meio pretendido para a destruição da semente prometida, ou seja, as 'águas abundantes', agora se tornou o imagem poética da fidelidade

de Deus à sua promessa. " [416]

"Agague" (v. 7) era o título dos reis dos amalequitas, ou o nome de vários reis amalequitas, ou talvez um nome dinástico (cf. Abimeleque em Gênesis 20: 1-2; 26: 1; e Jabin em Josué 11: 1; Juízes 4: 2). Balaão pode ter usado "Agag" aqui como a personificação dos inimigos de Israel. O Rei Saul mais tarde derrotou outro "Agague", mas desobedientemente poupou sua vida (1 Sam. 15: 8).

"Está claro em Números 23:24 que Balaão está falando sobre o povo de Israel e o êxodo do Egito. Em 24: 8, no entanto, Balaão repete a mesma linha e a aplica, usando formas

singulares, ao rei que ele apresentou em 24: 7: 'Deus o tirou [singular] do Egito; ele tem a força de um boi selvagem.'

"O propósito do escritor parece ser ver o reinado do futuro rei em termos tirados dos grandes atos de salvação de Deus no passado. O futuro será como o passado. O que Deus fez por Israel no passado é visto como um tipo do que ele fará por eles no futuro, quando enviar seu rei prometido. " [417]

"Parece haver uma dupla profecia aqui [isto é, de Davi e Cristo], pois durante o reinado de Jesus Cristo sobre o prometido reino messiânico, a terra de Israel se tornará como o Jardim do Éden (Is 35)." [418]

"O clímax impressionante está na bênção de Deus sobre todos os que abençoam Israel [v. 9; cf. v. 17; Gênesis 12: 3; 27:29; 49: 9]. Isso, é claro, nos leva de volta ao a promessa original de Deus a Abrão. A ironia não pode passar despercebida por Balaão ou por qualquer um que ouve suas palavras. Em suas ações, ele traz uma maldição sobre sua própria cabeça, ao mesmo tempo em que fala uma bênção! " [419]

Balaque mandou Balaão para casa sem pagamento ("o Senhor o impediu de honrar"), porque ele falhou em produzir a maldição que Balaque o contratou para entregar.

Este oráculo é ainda mais forte do que os dois anteriores. Como Balaão havia aludido a outros aspectos das promessas abraâmicas anteriormente (23:10, 24), aqui o aspecto da *bênção* conclui este oráculo (v. 9; cf. Gn 12: 3; 27:29).

"Como o Faraó antes dele, Balaque também fez três tentativas para impedir a bênção de Deus para Israel (23: 1-12, 13-26; 23: 27-24: 9), e cada tentativa foi transformada em uma bênção (23: 11- 12, 25-26; 24: 10-11). " [420]

24: 15-19 Antes de Balaão partir, ele deu a Balak mais quatro revelações de Deus. Eles lidaram com o futuro de Israel, Moabe e outros vizinhos de

Israel. Eram profecias inteiramente futurísticas. Cada um começava com a frase "pegou seu discurso e disse". Ao todo, Balaão fez sete discursos que Moisés registrou no texto.

O quarto oráculo tratou de Israel, Moabe e Edom. Balaão parecia sentir que o que ele previu aconteceria em um futuro distante: "Eu o vejo, *mas não agora* ..." (v. 17). Saul e Davi cumpriram parcialmente essas profecias. No entanto, intérpretes judeus e cristãos os viram como olhando para além da monarquia primitiva - para o *Messias* - tanto no primeiro como no segundo advento.

A "estrela" (v. 17) era um símbolo comum para um rei na

literatura bíblica e não bíblica do antigo Oriente Próximo (cf. Isa. 14:12; Ez. 32: 7; Ap. 22:16). [421] Esta identificação encontra apoio na referência ao "cetro" na próxima linha (cf. Gen. 49:10; Am 1: 5, 8; Sl. 45: 6). Alguém pode se perguntar se não pode ter sido essa profecia específica que estava nas mentes dos três homens sábios, que vieram do *próprio país* de *Balaão* para Belém, para procurar o prometido Rei dos Judeus (Mt 2: 1-2).

"Se ... compararmos a profecia de Balaão sobre a estrela ... e o cetro ... com a predição do patriarca Jacó, do cetro que não deveria se afastar de Judá, até que viesse *Siló* , a quem as nações obedeceriam (Gen. xlix.

10), é fácil observar que Balaão não apenas predisse com mais clareza a atitude de Israel para com as nações do mundo e a vitória do reino de Deus sobre todos os reinos hostis do mundo, mas que também proclamou o Portador da Paz esperada por Jacó no final dos dias seria um governante poderoso, cujo cetro se quebraria em pedaços e destruiria todos os inimigos da nação de Deus. " [422]

A maioria dos intérpretes judeus identificou a "estrela" com Davi ou o Messias. [423]

"Os filhos de Sheth" (v. 17) é provavelmente melhor traduzido como "os filhos do tumulto", ou seja, os inimigos de Israel.

"Uma implicação interessante dos paralelos apresentados aqui entre o relato do nascimento de Moisés em Êxodo 2 e o anúncio da 'estrela' surgindo da família de Jacó em Números 24 é que Moisés, portanto, parece ser retratado nessas narrativas como um protótipo da 'estrela de Jacob'. Tal visão de Moisés é consistente com o fato de que em outras partes do Pentateuco Moisés é apresentado como uma figura do rei vindouro (Dt 33: 5) e profeta (Dt 18 e 34). Isso também é consistente com o fato de que bíblico posterior os escritores freqüentemente viam em Moisés uma imagem do futuro Messias (por exemplo, Os 2: 2 [?]). " [424]

"Seir" (v. 18) é outro nome para "Edom". O Monte Seir era a principal característica geográfica de Edom. Deus a princípio ordenou a Israel que não travasse guerra com Edom, porque os edomitas eram seus "parentes". Com o passar do tempo, porém, os edomitas tornaram-se amargos antagonistas dos israelitas. Deus os puniu por essa inimizade, começando no reinado de Davi e depois disso (2 Sam. 8:14; 1 Reis 11: 15-16; 1 Crô. 18: 12-13). Nos anos que se seguiram ao reinado de Davi, Edom foi alternadamente sujeito aos reis de Israel ou livre. Edom atacou Israel várias vezes, mas John Hyrcanus acabou conquistando-a em 129 aC Depois disso, Edom deixou

de existir como nação. Os edomitas viveram entre os judeus até que Tito, o romano, destruiu a nação judaica em 70 DC. Os gregos chamavam os edomitas de "idumeus". Herodes, o Grande, era um idumeu.Ele tentou matar o bebê Messias, assim como Faraó tentou matar o bebê Moisés (Mt 2: 1-12).[425]

24:20 Este oráculo lida com os "amalequitas", que viviam no sul de Canaã e na península do Sinai, e eram inimigos implacáveis de Israel (cf. Êxodo 17: 8-16; Números 14: 43-45; Juízes 6 : 3, 33; et al.). Saul e Davi derrotaram os amalequitas (1 Sam. 15:20; 30:17), mas esta nação finalmente sofreu destruição completa no tempo

do Rei Ezequias - em cumprimento desta profecia (1 Crô. 4:43).

24: 21-22 Os "quenitas", que eram idênticos a, ou pelo menos um segmento dos midianitas, eram vizinhos de Israel ao sudoeste do Mar Morto (cf. 10:29; Juízes 1:16; 1 Sam. 15: 6; 27:10; 30:29). Os "assuritas" que viviam no norte do Sinai (Gênesis 25: 3, 18; 2 Sam. 2: 9) e os assírios acabaram por derrotá-los.

"O termo quenita refere-se aos errantes 'ferreiros', especialmente os latoeiros do vale rico em cobre da Arabá. Sua presença entre o povo de Israel se encaixa com a feitura da serpente de bronze (Nm 21:

8, 9) e o trabalho de metal do Tabernáculo. " [426]

"Assur" pode se referir aos quenitas ou midianitas, ou a ambas as nações. Outra possibilidade é que "Asshur" se refere a uma tribo árabe que vivia perto dos quenitas (cf. Gn 25: 3). [427] Provavelmente Balaão estava profetizando sobre o futuro grande Império Assírio.

“Não se sabe ao certo por que os quenitas estão sendo atacados aqui, exceto que é possível que tenham se associado aos midianitas que estão sob o flagelo de Israel (Nm 31). A menção da Assíria também é uma surpresa, pois sua ascensão ao poder no antigo Oriente Próximo estava a

séculos de distância dos dias de Balaão; ainda assim, a Assíria era conhecida como uma cidade-estado poderosa, mesmo nos dias de Abraão. " [428]

Esses três últimos oráculos são um dos primeiros exemplos do gênero "oráculos contra nações estrangeiras", que é tão proeminente nos profetas escritores.

24: 23-25 O oráculo profético final trata da derrubada de outros poderes do mundo antigo. "Kittim" refere-se a "Chipre", como representante das potências ocidentais (os filisteus, gregos, romanos e outros em várias épocas). "Assur" aqui provavelmente se refere aos semitas orientais,

incluindo os assírios, ou possivelmente os assurins (Gênesis 25: 3, 18; Salmos 83: 9). "Eber" inclui os semitas ocidentais descendentes de Eber (Gn 10:21) que se estabeleceram em Canaã, excluindo os israelitas. Assim, o versículo 24 é uma profecia muito ampla que abrange milhares de anos, predizendo a destruição final desses semitas pelas potências ocidentais. O cumprimento final aguarda o período da Tribulação e o segundo advento do Messias.

Balaão voltou para "seu lugar", talvez em Amon ou Mesopotâmia (31: 8, 16; Deut. 23: 4). [429]

Em resumo, os três primeiros oráculos foram uma

reconfirmação das promessas abraâmicas a Israel e um testemunho de seu cumprimento parcial até agora na história de Israel: Oráculo 1 - promessa-semente (23:10); Oráculo 2 - promessa de terra (23:24); Oráculo 3 - promessa de bênção (24: 9).

Em cada caso, a alusão à promessa conclui esses oráculos. O escritor mostrou que a promessa de Deus de abençoar as nações que abençoaram os descendentes de Abraão e amaldiçoar aqueles que os amaldiçoaram era confiável. A chave para a prosperidade futura das nações vizinhas de Israel era o tratamento que dispensavam ao povo escolhido de Deus.

Do quarto ao sétimo oráculos diferem dos outros, pois olhavam mais longe nos corredores do tempo. Estes profetizaram o sucesso de Israel nos anos seguintes, culminando na glória final de Israel sob o reinado de seu grande Messias.

"Não apenas as narrativas de Balaão desempenham um papel importante no desenvolvimento dos temas do pacto abraâmico, mas também servem como uma *inclusão* às narrativas do Êxodo-deserto. Ou seja, as narrativas de Balaão reafirmam os temas centrais dessas narrativas em sua conclusão de uma forma paralela à afirmação desses temas em seu início.

"A história de Balaão, que se encontra no final da estada de

Israel no deserto, é paralela a muitos dos eventos e idéias da história do Faraó no início do livro de Êxodo." [430]

Os escritores do Novo Testamento se referiram a Balaão três vezes, e todas as vezes em conexão com apostasia. 2 Pedro 2: 15-16 refere-se ao "*caminho* de Balaão", que é a avareza. Judas 11 fala do "*erro* de Balaão", que é pensar que se pode pecar impunemente. Apocalipse 2:14 se refere ao "*ensino* de Balaão", que é um compromisso com o mundo.

"Os oráculos apontam para um tempo futuro de bem-estar, força, vitória e esperança. Mas essa visão elevada e exaltada desmorona para a velha

geração, pois no próximo capítulo ela retorna imediatamente ao caminho da rebelião e desobediência." [431]

A rebelião final de Israel e o fim da geração mais velha ch. 25

Este capítulo contém uma das grandes falhas de Israel que se seguiram a uma de suas grandes bênçãos. Compare a entrega da Lei Mosaica e a confecção do bezerro de ouro, a consagração de Arão e o fracasso de seus filhos, etc. Freqüentemente, somos mais vulneráveis ao fracasso depois de termos experimentado um grande sucesso. Enquanto Deus se preparava para abençoar Seu povo, eles se preparavam para desobedecê-Lo.

"Então agora chegamos à rebelião final de Israel no deserto. O tempo é o fim do período de quarenta anos de sua experiência no deserto. O lugar é a área de preparação para a conquista da terra de Canaã. A questão é que da apostasia do Senhor pela participação nos rituais religiosos cananeus degradados e sexualmente centrados na adoração de Baal - aquilo que se tornaria a ruína da experiência de Israel na terra. Este capítulo é um fim e um começo. Ele marca o fim da primeira geração ; também aponta para o início de uma nova série de atos iníquos que finalmente levarão à punição de Israel. ... Mas este capítulo é único no registro da experiência

de Israel em sua mudança do Sinai para Moabe - descreve seu envolvimento em a adoração de outra divindade [cf. Êxodo 32]. " [432]

"O capítulo é colocado entre os oráculos de Balaão e o segundo censo por razões teológicas e literárias. Em relação aos oráculos de Balaão, mostra que, mesmo enquanto Deus estava abençoando Israel através de Balaão nas alturas de Peor, abaixo nas planícies de Moabe Israel estava mostrando seu caráter fraco e pecaminoso. O paralelo entre este incidente e o da Torá no Sinai e do bezerro de ouro (Êxodo 20-32) é óbvio. " [433]

"Os paralelos significativos entre o bezerro de ouro e as

histórias de Baal Peor sugerem que a velha geração de israelitas fez pouco ou nenhum progresso em seu compromisso com a aliança de Deus. Eles terminaram onde começaram - adorando outros deuses e quebrando o primeiro e mais fundamental dos Dez mandamentos: "Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20: 2). O único vislumbre de esperança na história de Baal Peor é o sacerdote Finéias, neto do antigo sumo sacerdote Arão. Enquanto Arão havia sido um líder em desviar os israelitas na adoração do bezerro de ouro (Êxodo 32: 1-5, 25, 35), seu neto Finéias é um líder em defender os mandamentos de Deus e em impedir a

desobediência entre os israelitas (Núm. . 25: 6-13). " [434]

25: 1-5 Os moabitas e midianitas foram parceiros na sedução espiritual e sexual dos israelitas. Ironicamente, os midianitas, entre os quais Moisés encontrou refúgio do Faraó, e de quem ele tirou sua esposa, tornaram-se um dos instigadores da maior apostasia religiosa de Israel desde que ela deixou o Sinai. O plano de amaldiçoar Israel havia falhado, então agora esses inimigos empreenderam uma segunda abordagem que foi bem-sucedida. Compare os três planos de Faraó para suprimir os israelitas no Egito (Êxodo 1). Nos capítulos 22 a 24, os

moabitas assumiram a liderança na derrubada de Israel, enquanto os midianitas desempenharam um papel menor, mas, neste capítulo, os midianitas assumiram a liderança, com os moabitas apoiando-os. Os moabitas seduziram os israelitas à idolatria. Balaão os aconselhou a se casarem com os israelitas (31:16). Os príncipes midianitas lideraram essa trama."Cozbi" (v. 15) era filha de um príncipe midianita. A adoração dos deuses de Moabe envolvia "prostituição sagrada" e sacrifícios alimentares oferecidos aos mortos (Salmo 106: 28).

"O culto [Baal Peor] supunha que a fertilidade das pessoas,

gado e safras dependia da ligação sexual de um deus e de uma deusa. Ao imitar essa união dos deuses, homens e mulheres buscariam induzir os deuses para garantir uma medida maior de fertilidade. Essas práticas de culto eram comuns em todas as nações ao redor dos israelitas. " [435]

Essa violação do cerne da Aliança Mosaica, que exigia fidelidade total e exclusiva a Yahweh, resultou em uma praga que matou "24.000" pessoas (v. 9; cf. Êxodo 32:35). Para parar a praga, Deus ordenou a expiação sacrificando os líderes de Israel. Visto que toda a nação pecou, Deus executou punição sobre seus líderes, que defendiam o povo, e deveriam

ter restringido sua apostasia. Os juízes de Israel cumpriram esta ordem (v. 5).

"Assim como os animais e pássaros foram cortados ao meio na cerimônia da aliança no início da história de Israel (Gn 15:10), os corpos desses rebeldes deveriam ser desmembrados e exibidos em um símbolo terrível do julgamento divino.

"O capítulo 25 é o nadir do Livro de Números. É pior até do que os pecados dos capítulos 12 a 14. Aqui está o grande pecado no final da estrada." [436]

"... não é o suficiente para nós ter uma lei externa ou ideal, por mais elevado e puro que seja. O que precisamos é de uma

mudança interna para derrubar a perversidade inata de nossa natureza decaída!" [437]

25: 6-9 A situação piorou quando "Zinri" ("um dos filhos de Israel"; cf. v. 9) "trouxe" Cozbi para o acampamento. Até agora, o pecado ocorrera nos campos moabita e midianita. Evidentemente, Zinri desprezava a aliança, o tabernáculo, Moisés, os sacerdotes e o julgamento de Deus sobre os líderes de Israel - incluindo seu pai (v. 14). Ele levou Cozbi para "a tenda" e lá teve relações sexuais com ela. Eles fizeram isso de acordo com o costume de adoração a Baal. Uma visão é que Zinri levou Cozbi para o *tabernáculo* ("à vista de toda a congregação";

cf. v. 6). Mas ele provavelmente a levou para sua própria tenda ("para seus parentes") depois de entrar no acampamento, passando pela "porta da tenda (tabernáculo)",à vista de todos.

"O raro termo *qubba* , que significa 'tenda abobadada', designa o quarto de dormir onde Phinehas os pegou em flagrante (Delitzsch)." [438]

Devemos ver o ato de Finéias como *um julgamento divino* (ou pena capital) sobre a atitude e ação de Zinri e Cozbi, não como um "assassinato". Ele os matou "no ato" da relação sexual, cravando sua lança em ambos os corpos (lit. "barrigas" ou "órgãos genitais" [439]). Assim, "Finéias" (um nome egípcio que significa "o de pele escura"), o

filho do sumo sacerdote, "fez expiação" por esse pecado (v. 13).

"A questão é que, ao aderir aos frenesi sexuais das festas sacrificais de Baal, o homem e sua parceira sacerdotisa agora agem para transformar a adoração ao Senhor no tipo de rituais sexuais que eram o modo de Canaã. Se esse ultraje não fosse sido interrompidos, nunca poderia ter havido adoração verdadeira no Santo Lugar novamente.Eles estavam fazendo o lugar de entrada em um bordel, a entrada do encontro de Deus e o homem em um local de encontro.

"Podemos observar que, embora os padres sempre tenham sido homens em Israel,

os padres podiam ser mulheres nas religiões pagãs que cercavam Israel. Na verdade, as religiões sexualmente centradas em Canaã teriam atendido às mulheres em seu sacerdócio. As mulheres sacerdotais eram tão intimamente ligadas para os ultrajes sexuais da adoração de Baal e Asherah, que a própria noção de uma mulher [*sic*] sacerdote evocava imagens de adoração sexual. Talvez esta seja a principal razão de Israel não ter mulheres sacerdotes. " [440]

"Em meio ao tempo de apostasia, o escritor aponta para ... a necessidade de novas formas de liderança. ... Nesta narrativa, Moisés é notavelmente ineficaz em face

de uma transgressão flagrante (v. 6). O dia foi salvo, porém, por a ação decisiva de um da próxima geração de sacerdotes, Finéias, o neto de Aarão. " [441]

25: 10-13 Os sacerdotes deveriam representar Deus para o povo. Isso é exatamente o que Finéias fez nesta ocasião. Ele executou a ira de Deus contra o pecado punindo os pecadores; esta "ira desviou [de Deus]". Ao fazer isso, ele *expiou* o pecado ao representar Israel perante Deus e *restaurou* a aliança. Deus o recompensou prometendo que seus "descendentes" gozariam de "paz" e ocupariam o ofício de sumo sacerdote *para sempre* ("aliança do sacerdócio perpétuo"; cf. Sl 106,30-31). Eles fizeram isso (cf. Juízes

20:28), com exceção de uma curta interrupção nos dias de Eli. Os romanos finalmente quebraram o sacerdócio israelita.

Essa *eterna* "aliança de paz" garantiu uma posição privilegiada de serviço a Deus, a Finéias e seus descendentes. Ele encontrará a realização final quando os descendentes de Finéias, por meio do ramo de Zadoque da família de Finéias, servirem a Deus no sistema milenar de adoração, oferecendo sacrifícios memoriais no templo. [442]

25: 14-18 Este incidente, como os outros em que Israel se afastou de Deus, mostra a pecaminosidade inveterada dos humanos - mesmo quando Deus

os abençoa grandemente! Também demonstra a santidade de Deus, a seriedade do pecado na maneira como destrói totalmente a comunhão com Deus e a necessidade da expiação pelo sangue para restaurar pecadores à comunhão com Deus.

"Este capítulo é uma seção fundamental na teologia da Torá." [443]

II. PERSPECTIVAS DA GERAÇÃO MAIS JOVEM NA TERRA CHS. 26-36

O tema do restante de Números são os preparativos para a ocupação da Terra Prometida. O foco do livro agora muda da geração mais velha e incrédula

de israelitas, condenada a morrer no deserto, para a geração mais jovem que entraria na Terra Prometida. Pode-se dizer que a história contada em Êxodo por meio de Josué é "Um Conto de Duas Gerações". A transição de uma geração para a próxima ocorre aqui em Números.

"A transição entre os capítulos 25 e 26 nos lembra da transição do capítulo 14 para o capítulo 15, pois em ambos o Senhor passou do julgamento à misericórdia, do castigo à promessa." [444]

"Os paralelos e contrastes entre esta narrativa e o livro de Rute sugerem que ambos os textos estão lidando com ideias semelhantes. Na verdade, a

imagem de Rute fornece um excelente contra-exemplo àquele dos homens de Israel neste episódio. Rute, a moabita, casou-se com uma O homem israelita abandonou os deuses de sua nação para seguir o Senhor. Por isso, ela recebeu uma herança em Israel. Nesse aspecto, ela também é como as filhas de Zelofeade nos próximos capítulos de Números, que também ganharam uma herança entre os homens de Israel (Núm 27: 1-11). " [445]

A. Preparativos para entrar na Terra Prometida pelos CHS leste. 26-32

A primeira seção desta segunda parte do livro registra a preparação graciosa de Deus da

geração mais jovem para sua entrada em sua herança.

1. O segundo censo ch. 26

Antes de ir para a batalha contra os midianitas, como Deus havia ordenado (25:18), o Senhor instruiu Moisés a fazer outro censo dos israelitas.

"Moisés não contou o povo, mas quando Deus o ordenou. Davi em seu tempo o fez sem uma ordem e pagou caro por isso [cf. 2 Sam. 24; 1 Crônicas 21: 1-17]." [446]

Evidentemente, os 24.000 que morreram na recente praga (25: 9) foram os últimos da geração que se recusou a entrar na terra 38 anos antes. Apenas Caleb, Josué e Moisés permaneceram da geração mais velha (vv. 64-

65). Leon Wood calculou que, se 1.200.000 da geração mais velha morressem em 38 anos, haveria uma média de 85 funerais por dia no deserto. [447] Claro, em algumas ocasiões, muitos mais morreram de uma vez, devido a julgamentos divinos, como o descrito em 25: 9.

Tribo	Primeiro censo	Segundo censo	Diferença
Reuben	46.500	43.730	-2.770
Simeon	59.300	22.200	-37.100
Gad	46.650	40.500	-6.150
Judá	74.600	76.500	+1.900
Issacar	54.400	64.300	+9.900
Zebulu	57.400	60.500	+3.100

n			
Efraim	40.500	32.500	-8.000
Manassés	32.200	52.700	+20.500
Benjamin	35.400	45.600	+10.200
Dan	62.700	64.400	+1.700
Asher	41.500	53.400	+11.900
Naftali	53.400	45.400	-8.000
Totais	**603.550**	**601.730**	**-1.820**

Moisés contou novamente os homens com 20 anos de idade ou mais, em todas as tribos exceto Levi, como no censo feito pouco antes de Israel partir do Sinai (caps. 1–4). O

objetivo principal deste censo era militar, ou seja, organizar a nação para suas batalhas com os cananeus, bem como com os midianitas. No entanto, um segundo propósito importante era determinar o tamanho de cada tribo, para que Moisés pudesse alocar o território na Terra Prometida proporcionalmente (vv. 53-54). Essa lista também teve valor histórico para as gerações posteriores, permitindo-lhes rastrear suas genealogias. Observe que esta é uma lista de famílias ou clãs, não apenas indivíduos, em contraste com o primeiro censo. Isso tem o efeito de dar esperança de que, apesar das falhas do passado, Deus preservaria Seu povo escolhido. A preservação da

nação é um monumento a Deus 's fidelidade às Suas promessas a respeito de Israel.

"... Suas promessas feitas aos patriarcas podem ser adiadas pelo pecado humano, mas não podem ser frustradas no final das contas." [448]

Segue uma tabela com os tamanhos das 12 tribos quando Moisés fez os dois censos:

Zinri era um simeonita (25:14). Talvez o grande número de Simeonitas que morreram resultou de seus parentes se unirem a ele em sua apostasia no capítulo 25.

"No início dos quarenta anos, o número é de cerca de 600.000; e novamente, no final dos

quarenta anos, o número é 600.000. Eles não avançam mais durante todo o período." [449]

Moisés também contou os levitas machos de um mês de idade ou mais (vv. 57-62).

Tribo	**Primeiro censo**	**Segundo censo**	**Diferença**
Levi	22.000	23.000	+1.000

Provavelmente, havia apenas cerca de 13.000 homens com 20 anos ou mais em Levi. Isso tornaria essa tribo a menor de longe.

26: 1-51 O escritor registrou os números de cada tribo nesses

versículos. Ele também incluiu notas históricas relembrando os *pecados* de Coré, Datã e Abirão (vv. 9-11), bem como os de Er e Onã (v. 19). Provavelmente ele os incluiu para lembrar os israelitas desses pecados, para que não os repetissem no futuro.

Uma comparação dos censos demonstra que Deus ainda poderia cumprir Suas promessas aos patriarcas, embora as falhas dos israelitas tivessem adiado seu cumprimento (cf. 14:18). Esta é uma das revelações mais importantes do Livro dos Números.

"A demora do homem não significa a derrota de Deus.

Maior do que a falha do homem é a fidelidade de Deus." [450]

"É absolutamente notável que o número total permaneceu quase inalterado, embora as pessoas tenham vivido nas condições mais difíceis por um período de trinta e oito anos. ... A fidelidade de Deus ao seu povo é grandiosamente celebrada com este capítulo triunfante do censo!" [451]

26: 52-56 Moisés distribuiu ("dividiu") a terra para (para) cada tribo de acordo com sua população (*grupos* "maiores" e "menores"). O lançamento de “sortes”, mais tarde, determinou a *localização* de cada herança tribal (terra) em Canaã (26:54; Josué 13: 7-33).

26: 57-62 Aqui Moisés registrou o censo dos levitas. Moisés e Arão eram *coatitas* ("Koate" sendo seu avô, e pai de Amram; Êxodo 6: 18-20). Os nomes de seus pais eram "Amram" (pai) e "Joquebede" (mãe, v. 59).

"Alguns sugerem que Amrão e Joquebede foram progenitores, mas não pai e mãe de Moisés. Eles dizem que a genealogia de Coate, Amram e Moisés é muito curta para que houvesse 8.600 coatitas (3:27, 28) nos dias de Moisés. de um mês para cima. No entanto, se o pai de Moisés teve filhos de outras esposas e seus tios cada um teve filhos de várias esposas, todas as quais começaram outra geração (Moisés tinha oitenta anos antes de deixar o Egito), então 8.600

primos de Moisés idade, junto com primos de segundo e terceiro grau até aqueles com um mês de idade, não seria um número absurdo de se esperar. " [452]

26: 63-65 O capítulo termina com um testemunho da fidelidade de Deus e da confiabilidade de Suas palavras. Todos, exceto "Caleb" e "Josué", morreram no deserto, assim como Ele havia prometido. Deus preservou fielmente a nação e a traria para a terra, assim como Ele havia garantido aos patriarcas. No entanto, Ele julgou a geração incrédula.

Este capítulo olha *para trás* , ao longo dos últimos 38 anos, e *avança* até a entrada em Canaã.

2. Disposições e comandos a serem observados na preparação para entrar na terra chs. 27-30

"Assim como os censos dos capítulos 1, 3 e 4 levaram a uma enxurrada de preparativos para a partida do Sinai, o segundo censos do capítulo 26 levou aos preparativos para a partida das planícies de Moabe e a entrada na terra de Canaã . " [453]

A herança das mulheres na terra 27: 1-11

O escritor provavelmente incluiu este incidente no texto, porque resultou em uma definição adicional das leis que regem a herança na terra em uma situação comum. Mostra

também a fé dessas mulheres, as "filhas de Zelophehad". Eles acreditavam que Deus os traria para a terra. Além disso, revela a justiça e a compaixão de Deus em Sua provisão para essas mulheres, cujo pai havia morrido no deserto. Os capítulos 27 e 36, ambos os quais se referem a essas mulheres, formam uma moldura em torno desta seção de Números que trata da nova geração.

"Essas mulheres ousadas que apresentam seu caso a Moisés em Números 27 fornecem um modelo para a nova geração. As mulheres desafiam sua tradição de herança exclusivamente masculina apelando para o que consideram os próprios valores

mais fundamentais da tradição, ou seja, a distribuição justa de terra e manter a integridade de todas as tribos. As cinco filhas de Zelophehad fornecem um exemplo construtivo de como a segunda geração pode seguir em frente em sua jornada com Deus enquanto honra as tradições das gerações anteriores. " [454]

"Essas mulheres são modelos de ousadia alimentados pela esperança, modelos de defesa alimentados por uma preocupação com a comunidade mais ampla e modelos de fidelidade alimentados por um relacionamento dinâmico com sua tradição e com seu Deus." [455]

Normalmente, quando um pai morria, seus *filhos* dividiam sua propriedade, com o mais velho recebendo uma porção dobrada. *As filhas* não receberam herança antes desse evento, a não ser o dote. O "dote" foi um presente substancial que seu pai lhes deu quando se casaram. O termo "dote" também se refere ao presente que o noivo deu ao sogro quando ele se casou com a filha.

Observe que, depois que Moisés ouviu a reclamação das mulheres, ele "apresentou o caso ao L ORD " (v. 5). Esta é outra marca da liderança espiritual de Moisés.

Deus decretou agora que em Israel, quando um homem não

tivesse filhos, suas filhas dividiriam sua propriedade (v. 8). Se ele não tivesse filhos nem filhas, irmãos ou tios, então o "parente mais próximo" do pai receberia sua herança (vv. 9-11). Mais tarde (cap. 36), o Senhor colocou uma restrição sobre as filhas que herdaram a propriedade de seu pai. Eles tiveram que se casar dentro de sua própria tribo, a fim de manter a herança *dentro dessa tribo* , assim como teria permanecido se o pai tivesse filhos.

Esta passagem é interessante, porque mostra como a jurisprudência se desenvolveu em Israel. Quando surgia uma situação não coberta pelas leis existentes, como esta, as

pessoas envolvidas procuravam Moisés e o sumo sacerdote - que então perguntavam a Deus. Então Deus revelaria o que as pessoas deveriam fazer. Essa revelação se tornaria subsequentemente precedente para casos semelhantes que poderiam surgir mais tarde.

Sucessor de Moisés 27: 12-23

Outra preparação para entrar em Canaã envolveu nomear um novo líder para ocupar o lugar de Moisés.

Deus predisse que Moisés morreria sem entrar na terra ("Quando você a tiver visto [a Terra Prometida do 'monte de Abarim'], você também será

reunido ao seu povo"; cf. 20: 1-13). O L ORD graciosamente permitiu que Seu servo visse a Terra Prometida do Monte Nebo (Deuteronômio 32: 48-52). "Nebo" era uma das montanhas da cordilheira "Abarim", que se estende ao norte e ao sul, logo a leste do rio Jordão e do mar Morto, no território de Moabe. "Pisgah" (21:20; Deuteronômio 3:27; 34: 1) é o nome da parte norte desta cordilheira. As planícies de Moabe descem das montanhas Abarim em direção ao rio Jordão.

A reação de Moisés ao anúncio de Deus sobre sua morte foi admirável. Ele não entrou em pânico como o rei Saul (1 Sam. 28:20), nem mesmo orou por mais alguns anos como o rei

Ezequias (2 Reis 20: 1-3). Em vez disso, ele orou pelo *bem - estar de Israel* , a nação que lhe causou tanto sofrimento! Muitos líderes preferem escolher seu próprio sucessor, mas Moisés pediu a Deus que fizesse essa escolha crucial em seu caso. Ao fazer isso, ele deu testemunho prático de sua aceitação da soberania de Yahweh sobre Israel.

“Josué” era uma escolha provável, visto que ele havia servido a Moisés e trabalhado próximo a ele por anos. Mais importante ainda, como um dos dois espiões leais, ele era um homem de fé ("um homem em quem está o Espírito"). Moisés "impôs as mãos sobre ele" (v.

18), atribuindo simbolicamente sua "autoridade" a ele (v. 20).

"Este espírito não era algo que agora veio sobre Josué, ou era temporário (como a vinda do espírito sobre os anciãos em 11:17, 25-26); ele já existia em Josué e foi a base da escolha de Deus para ele . Deut. 34: 9 aplica a frase 'cheio do espírito de Sabedoria' a Josué, confirmando o pensamento aqui. " [456]

Josué serviu como líder associado de Israel, com e sob Moisés, desde esse tempo até a morte de Moisés (v. 20). Quando Josué mais tarde começou sua liderança *única* , ele agia de maneira diferente de Moisés. Considerando que Deus havia dado instruções a

Moisés para Israel "face a face", Josué normalmente receberia sua orientação divina por meio do sumo sacerdote - que a obteria usando o "Urim [e Tumim]". [457] Só raramente o Senhor falava diretamente a Josué. Deus lida com pessoas diferentes de maneiras diferentes, e Ele lida com pessoas de maneiras diferentes em diferentes momentos da história.

Os conflitos pela liderança de Israel ocorreram com frequência na história posterior do Reino do Norte, após a divisão entre Judá e Israel. Moisés previu sabiamente os problemas que poderiam surgir, caso Deus o removesse antes que o Senhor tivesse

identificado seu sucessor. Portanto, ele intercedeu novamente, e novamente Deus concedeu seu pedido identificando Josué neste momento. Assim, Moisés "comissionou" Josué como seu sucessor, na presença do sumo sacerdote Eleazar e de toda a congregação (v. 23). Esta ação de Moisés foi extremamente importante, porque evitou incontáveis problemas para Israel que poderiam ter surgido quando Moisés morreu.

"Deus, em resposta à sua oração [de Moisés], nomeia-o um sucessor, mesmo Josué, que há muito se havia sinalizado por sua *coragem* em lutar contra Amaleque, sua *humildade* em ministrar a Moisés e

sua *fé* e *sinceridade* em testemunhar contra os relatório dos espiões do mal. " [458]

"Embora possa parecer uma calúnia perpétua sobre sua família, primeiro ordenar Eleazar sumo sacerdote, e depois Josué, um de outra tribo, governante principal, enquanto seus próprios filhos não tinham preferência alguma, mas foram deixados na categoria de levitas comuns , este foi um exemplo de abnegação e submissão à vontade de Deus que foi mais a sua glória [de Moisés] do que o maior avanço de sua família poderia ter sido. " [459]

"A representação de Moisés passando sua autoridade (esplendor ou majestade) para Josué e a recepção do Espírito

por Josué é visivelmente semelhante à transição do ofício profético de Elias para Eliseu em 2 Reis 2: 7-15. Parece que o escritor do livro de Reis trabalhou intencionalmente alguns desses temas em sua narrativa para fazer a comparação ... O tipo de liderança exibida por Moisés e Josué é o mesmo de Elias e Eliseu. É uma liderança que é guiada pelos Espírito de Deus. " [460]

Assim como Moisés garantiu o compromisso dos israelitas com Yahweh no Monte Sinai, Elias mais tarde o reviveu durante a pior apostasia de Israel. Esses dois grandes líderes, assim como seus sucessores imediatos, Josué e Eliseu,

também tinham o dom de realizar milagres.

Comandos relativos às ofertas chs. 28-29

Outro passo, na preparação para entrar em Canaã, envolveu o estabelecimento de um sistema, de forma organizada, para regular todos os sacrifícios que Deus exigia que os sacerdotes oferecessem por toda a nação durante um ano. Essas ofertas mantinham comunhão com Deus. Nos primeiros capítulos de Números, a ênfase estava na ordem *espacial* do acampamento no deserto. Para a nova geração, a ênfase está na ordem *temporal* da nação na terra (cf. Gn 1). Números 28 e 29 contêm uma lista do número

mínimo de sacrifícios, a cada ano, que os sacerdotes deviam oferecer pela nação como um todo. *Indivíduos* , é claro, podiam trazer e trouxeram outros sacrifícios além desses.

"A verdadeira chave para a conquista bem-sucedida de Canaã e uma vida feliz dentro de suas fronteiras foi a *comunhão contínua com Deus* . Por isso, Deus, neste momento, apresentou à nova geração por meio de Moisés um conjunto finalizado e completo de regulamentos para as ofertas, a maioria dos que já havia sido dado no Sinai. Sua observância encorajaria uma adoração íntima de Deus pelo povo na terra (cf. Êxodo 23: 14-

17; 29: 38-42; 31: 12-17; Lv 23; Núm. 25: 1-12). " [461]

"Como nós, os leitores modernos de Números, pensamos escrituristicamente, esta ênfase esmagadora na adoração sacrificial tem uma intenção: fazer com que cada leitor pense na enormidade da ofensa de nosso pecado contra a santidade de Deus, levando assim o pecador arrependido a ao pé da cruz. Todos os sacrifícios - seja de manhã ou à noite, de sábado ou de lua nova - têm seu significado final na morte em que o Salvador morreu. Além de sua morte, esses sacrifícios foram apenas a matança de animais e a queima de sua carne com cerimônias de acompanhamento. Depois de

sua morte, sacrifícios como esses são redundantes - na verdade, ofensivos - pois eles sugeririam que algo era necessário além da morte do Salvador. Mas antes de sua morte, esses sacrifícios foram os próprios meios que Deus deu a seus pessoas apaixonadas para ajudá-los a enfrentar a enormidade de seus pecados,a realidade da necessidade deles por sua graça, e - de alguma forma misteriosa - para apontá-los para a cruz vindoura do Salvador Jesus. "[462]

O arranjo em que Moisés listou os sacrifícios aqui é por sua frequência: diário (28: 3-8), semanal (28: 9-10), mensal (28: 11-15) e anual, em ordem cronológica, seguindo o

Calendário hebraico (28: 16-29: 38). "Ofertas de comida" e "ofertas de bebida" acompanhavam todas as "ofertas queimadas".

"Neste ciclo de períodos sagrados, regulado como era pelo número sete, e sempre se expandindo em círculos cada vez maiores, estava incorporada toda a revolução de festivais recorrentes anualmente, estabelecidos para comemorar as poderosas obras do Senhor para a preservação e inspiração de Seu povo. " [463]

O gráfico abaixo indica o que os sacerdotes ofereciam em cada dia especial. [464] Observe a proeminência do número sete.

	Ocasião	Dia	Oferta queimada			Oferta pelo pecado	Referência
			Touro	RAM	Cordeiro	Cabra	
UMA.	Diário	Todos os dias			2		28:3-8
B.	Semanalmente	Todos os sáb			2 + A		28:9-10

		ados					
C.	Por mês	Primeiro de cada novo mês (lua nova)	2	1	7 + 1A		28:11-15 (cf. 10:10; 1 Sam. 20:5, 25, 29)
D.	Páscoa Judaica	14º do 1º mês			1 + A		28:16

E.	Pão Ázimo	15 a 21 do primeiro mês			B		28: 17-25
		1º dia	2	1	7 + 1 A		
		2º dia	2	1	7 + 1 A		
		3º dia	2	1	7 + 1 A		
		4º dia	2	1	7 + 1 A		
		5º dia	2	1	7 + 1 A		
		6º	2	1	7 + 1		

		dia			A		
		7º dia	2	1	7 A	+ 1	
F.	Primícias	4º do 3º mês	2	1	7 A	+ 1	28: 26-31
G.	Trombetas	1º do 7º mês	1 + C	1 + C	7 A + C	+ 1	29: 1-6
H.	Expiação	10º de 7º mês	1	1	7 A	+ 2	29: 7-11
E U.	Tabernáculos	15 a 22			B		29: 12-

do 7º mês					38
1º dia	13	2	14 + A	1	
2º dia	12	2	14 + A	1	
3º dia	11	2	14 + A	1	
4º dia	10	2	14 + A	1	
5º dia	9	2	14 + A	1	
6º	8	2	14	1	

dia			+ A	
7º dia	7	2	14 + A	1
8º dia	1	1	7 + A	1

"Totalmente à parte dos sacrifícios que o povo trazia em seu próprio culto pessoal e do grande número de cordeiros mortos na Páscoa, a cada ano os sacerdotes ofereciam 113 novilhos, 32 carneiros e 1.086 cordeiros!" [465]

Cada dia (todo) deveria ser um "dia de adoração" para os israelitas. Eles ofereceram sacrifícios *diariamente* para que isso acontecesse: um dia de

adoração. O "sábado" era um dia especial de adoração. Foi um *dia de descanso* para todos, exceto os sacerdotes, para os quais esse dia significou um serviço adicional.

"A oferta diária do Tabernáculo de dois cordeiros com alguns litros de óleo, farinha e vinho não é nada comparada com (por exemplo) a oferta *diária* de 5.500 pães, 54 bolos, 204 jarras de cerveja, até 50 gansos, um boi e uma variedade de outros itens, todos regularmente apresentados em qualquer um dos dois templos Ramesside que acabamos de mencionar [no oeste de Tebas, no século XIII aC]. " [466]

"Todos os anos, no futuro, os sacerdotes terão que sacrificar

113 touros, 32 carneiros e 1086 cordeiros e oferecer mais de uma tonelada de farinha e mil garrafas de azeite e vinho." [467]

Comandos relativos aos votos ch. 30

O último capítulo de Levítico (cap. 27) contém instruções sobre como os israelitas deviam fazer os votos sob a Lei mosaica. Em contraste, este capítulo trata de quando e em que circunstâncias eles poderiam *anular os* votos e quando eles deveriam permanecer em vigor.

"A razão para a natureza das leis pentateucais pode ser que os israelitas *presumiram* , com grande parte da cultura ao seu

redor, que os votos eram uma expressão legítima de devoção ao (s) deus (es) de alguém, portanto, apenas ordenanças específicas que governam os votos foram vistas como necessário." [468]

Talvez Moisés tenha incluído esta seção no contexto de assuntos que tratam dos preparativos para entrar em Canaã porque, em tempos de *guerra* , as pessoas tendem a fazer mais votos. Isso é especialmente verdadeiro para os soldados, suas esposas e filhos. Além disso, os votos são uma espécie de oferta a Deus, portanto, comentá-los aqui é apropriado, em vista da discussão anterior sobre as ofertas (caps. 28-29). Uma festa

era o momento ideal para cumprir um voto, pois era para ser declarado ao sacerdote no tabernáculo.

"Votos" eram promessas voluntárias de fazer ou não coisas específicas - se Deus faria ou não outra coisa. Alguns votos foram oferecidos para expressar gratidão quando Deus fez algo especial. Os votos geralmente envolviam jejum ou abstenção de outras coisas lícitas, ou dar a Deus algum presente ou oferta especial.

Moisés explicou os princípios básicos que governam os votos primeiro (v. 2): era um "juramento obrigatório"; não deve "ser violado"; deve ser cumprido ("ele fará conforme tudo o que sai de sua boca"). Os

israelitas deviam levar a sério suas promessas a Deus e não quebrá-las (cf. Ec 5: 4-5). Essa é a preocupação central dessas leis. Em seguida, siga quatro casos, alguns dos quais constituíram uma exceção a esta regra. Outros não.

Uma menina ou jovem, vivendo sob a autoridade de seu pai, tinha a responsabilidade de *obedecer a* seu pai, que era mais importante do que sua responsabilidade de manter um voto auto-imposto (vv. 3-5). Uma mulher que se casasse com um marido *depois de fazer* um voto, deveria colocar a importância de sua submissão ao marido acima de seu voto (vv. 6-8). Nenhuma outra pessoa poderia cancelar o voto

de uma viúva ou divorciada, porque ela era diretamente responsável perante Deus, não perante seu pai ou marido (v. 9). Uma mulher que fez um voto depois de se casar estava principalmente sob a autoridade de seu marido, e secundariamente sob a autoridade dos termos de seu voto (vv. 10-12). Visto que o voto de uma mulher podia obrigar seu pai ou marido, ele tinha o direito de anular um voto que ela fizera (vv. 5, 8).

Outra regra segue (vv 13-15.): Um marido poderia anular o voto de sua esposa imediatamente, logo após ele se tornou ciente disso, mas se ele não anulou quando ele *primeiro* se tornou ciente

disso, ele permaneceria em vigor.

"A suposta culpabilidade de Adão em Gênesis 3 pode derivar do princípio por trás desta lei. Em 3: 6, a esposa de Adão toma uma decisão precipitada em sua presença: 'Ela tirou da árvore e comeu e deu a seu marido que estava com dela.' Em vista dessa passagem em Números, o silêncio de Adão na narrativa o torna culpado pela ação de sua esposa. " [469]

Esta seção esclarece o importante princípio de que não se deve considerar as obrigações religiosas auto-impostas mais importantes do que os deveres dados por Deus. Às vezes, uma criança

piedosa fará um voto insensato a Deus. Mais tarde na vida, ele pode perceber que o voto está na verdade o impedindo de obedecer ao Senhor. Nesses casos, a obediência deve triunfar sobre o cumprimento de um voto.

"A questão de fazer um voto ou fazer uma promessa era levada muito a sério em Israel. Se o alicerce da fé era a confiabilidade inabalável de Deus, não é de se admirar que um prêmio foi colocado em ser fiel às promessas em geral." [470]

3. Represália contra os midianitas e o assentamento das tribos da Transjordânia, chs. 31-32

A última campanha de Moisés, cap. 31

O escritor agora registrou o cumprimento das instruções de Deus a Moisés para que Israel destruísse os midianitas (25: 16-18). Nesse relato, o resultado da batalha recebe mais atenção do que a própria batalha. Evidentemente, Deus incluiu este capítulo aqui por duas razões, pelo menos. Ele registra a vitória de Israel sobre um de seus inimigos e explica a maneira como ela conduziu a guerra e como lidou com os despojos da guerra. Esses procedimentos forneceram um precedente para os israelitas em suas futuras batalhas com os cananeus. Esta seção fornece mais informações sobre

os preparativos de Deus para os israelitas entrarem na terra.

Os guerreiros não eram uma classe privilegiada em Israel, como eram nas nações que cercavam Israel. Deus via a guerra como uma necessidade terrível, não algo a glorificar. As lendas antigas glorificavam a guerra e os guerreiros. Deus glorifica os pacificadores (cf. Mt 5: 9).

31: 1-24 A "vingança" que Israel deveria tomar (v. 2) era pela sedução espiritual e sexual que os midianitas levaram os moabitas a praticar com eles. Isso resultou na derrota do povo de Deus (cap. 25). Seus inimigos atraíram Israel para longe de seu verdadeiro marido, Yahweh.

Moisés não nos deu o nome do líder militar de Israel nesta batalha. No entanto, "Finéias", o filho do sumo sacerdote, é a pessoa proeminente no registro (v. 6). Este fenômeno aponta para a natureza da batalha como sendo principalmente para propósitos espirituais. (O pai de Finéias, Eleazar, evidentemente não foi à batalha para que ele, o sumo sacerdote, não se contaminasse pelo contato com cadáveres.) Israel não aniquilou os midianitas simplesmente porque eram seus inimigos políticos e militares. Ela o fez principalmente porque era o instrumento de julgamento de Deus pelos pecados espirituais dos midianitas (idolatria,

prostituição sagrada, etc.). Esta foi uma "guerra santa".

"A batalha ... teve o caráter de uma execução, na forma de uma *proibição* . A proibição foi uma instituição religiosa exercida por um tempo em Israel, bem como entre alguns de seus vizinhos semitas que colocaram pessoas julgadas hostis à divindade sob uma sentença de destruição. " [471]

“O comando na guerra santa para matar mulheres e crianças parece nos tempos modernos uma coisa terrível de se ter feito (e foi), e algo que eles não deveriam ter feito. Mas essa crítica não consegue entender a situação no mundo antigo. Toda a vida no mundo antigo foi guerra tribal, necessitando de

guerra. O julgamento de Deus é derramado sobre grupos inteiros de pessoas que agem com abandono moral e em busca pecaminosa. " [472]

"É importante ver que a guerra santa é retratada como apenas uma medida temporária na Bíblia, confinada à época da conquista de Canaã. Nenhum texto posterior dos profetas ou de qualquer outro lugar exortou Israel a iniciar uma guerra santa novamente. A guerra santa como um ato de violência não fornece um paradigma contínuo para as ações do povo de Deus. " [473]

Os israelitas "mataram todo homem" midianita (v. 7), mas lemos nas Escrituras sobre a existência dos

midianitas *depois* dessa batalha (Juízes 6—8; 1 Reis 11:18; Isa. 60: 8). Talvez Moisés quisesse apenas dizer que eles mataram todos os midianitas *que encontraram* . [474] Outro escritor explicou este problema da seguinte forma:

"Os midianitas eram uma confederação maior de tribos, associada a vários grupos menores, como os ismaelitas (Gn 37:28; Juízes 8:22, 24), os moabitas (Núm. 22: 4, 7), os amalequitas (Juízes 6: 3, 33) e Efá (Gn 25: 4; Is. 60: 6). Eles vagaram pelas terras áridas do Sinai, do Negebe e da Transjordânia. Aqui são os Midianitas associados a Moabe que são escolhidos fora por

vingança (8, 16; cf. capítulos 22 e 25), não o grupo todo. " [475]

Entre os homens mortos estavam "Zur" e "Balaão" (v. 8). Zur foi provavelmente o pai de Cozbi (cf. 25:15).

Queimar as cidades de um inimigo e levar os despojos e seres vivos cativos, principalmente mulheres e crianças, tornou-se o procedimento padrão nas guerras de Israel com os cananeus (vv. 10-11). Os soldados "trouxeram" o que haviam capturado aos líderes da congregação, Moisés e Eleazar, em vez de se apropriarem pessoalmente dessas coisas (v. 12). A quantidade de saque obtido nesta batalha foi enorme e, sem

dúvida, encorajou os israelitas ao anteciparem futuras batalhas na Terra Prometida.

Normalmente Israel poupava as mulheres inimigas na batalha, visto que os israelitas as viam como menos responsáveis pela guerra do que os homens. No entanto, neste caso, as mulheres midianitas ativamente solicitaram aos israelitas a idolatria por meio de sua prostituição. Portanto, Deus ordenou que Seu povo poupasse apenas mulheres virgens ("meninas que não conheceram o homem intimamente") nesta batalha. Eles trouxeram essas virgens para a congregação israelita e, no devido tempo, a

maioria delas se casou com homens israelitas.

"Parece que é essencial para a própria existência de uma nova comunidade emergente que a disciplina seja dura e rigorosa." [476]

Os guerreiros israelitas deviam se submeter aos ritos de purificação ("purificar-se"), assim como os prisioneiros ("seus cativos"), pois haviam contraído a impureza ritual pelo contato com cadáveres. Eles também purificaram todo o *butim* tomado como despojo de guerra. Os objetos que não eram combustíveis passaram "pelo fogo" ("ouro", "prata", "bronze", "ferro", "estanho", "chumbo"), e os demais ("toda vestimenta" e "todo artigo de

couro, "" pelo de cabra "ou" madeira ") eles lavavam" com água ". Essas leis lembravam aos israelitas que - mesmo na vitória sobre o inimigo - a *morte* é uma terrível interrupção da criação de Deus.

"... este é o único exemplo de fogo sendo necessário para a purificação na Bíblia e, portanto, é altamente único.

"O fogo, uma forma mais intensa de purificação, é escolhido de acordo com a contaminação de cadáveres, uma forma mais intensa de impureza." [477]

"O discurso de Moisés nos versos 19-20 baseia-se solidamente nas prescrições de Num xix, desviando-se apenas

em relação a como eles se aplicam à situação de guerra particular. Se Moisés tivesse continuado com os versos 22-23, teria parecido que ele estava inventando os novos regulamentos do nada. Consequentemente, Eleazer começa a falar, prefaciando suas observações com a declaração 'este é o decreto da prescrição ritual que o Senhor ordenou a Moisés', mostrando que o que ele está prestes a dizer não está em fato novo, mas na verdade parte da revelação original dada a Moisés. Do ponto de vista literário, fazer Eleazar falar permite que a lei de Num. xix seja corrigida ou esclarecida sem levantar a suspeita de invenção humana. " [478]

31: 25-54 Os "guerreiros" dividiram o butim igualmente com os israelitas não combatentes que permaneceram no acampamento. Os soldados não eram uma classe privilegiada, nem recebiam uma recompensa especial por suas ações. Eles ("os homens de guerra") simplesmente serviam uma função, e os israelitas civis ("os filhos de Israel") serviam a outra, no cumprimento da vontade de Deus (cf. 1 Sam. 30: 24-25). Da parte dos guerreiros, "um em 500" foi para os sacerdotes ("para Eleazar ... para o L ORD "), e da parte da congregação "um em cada 50" foi "para os levitas" (cf. 18: 26).

As "32 virgens (pessoas)" que os sacerdotes receberam (v.

40), provavelmente se tornaram servas no tabernáculo (cf. Êxodo 38: 8; 1 Sam. 2:22).

Nenhum soldado israelita morreu nesta batalha ("nenhum de nós está faltando"; v. 49). Deus deu ao Seu povo uma vitória completa, perfeita e *absoluta* ! Esse registro incomum faz sentido, em parte porque os midianitas não eram um povo guerreiro. Eles eram *nômades* e normalmente seguiam em frente quando encontravam problemas. Aparentemente, eles não estavam prontos para se defender dos ataques israelitas. No entanto, há uma razão mais importante para o sucesso de Israel:

"Há uma linha clara que vai de Números 31: 1-24 à conquista de Jericó, de acordo com Josué 6 e 7. Pois, de fato, aquela cidade não caiu por violência militar, mas pela força da fé obediente de Israel. E a mesma coisa é verdade quanto à conquista de Midiã descrita em Juízes 7: não foi o poderio militar do bando de Gideão que foi decisivo, mas sim o poder da fé. Em todos os três casos, as histórias têm sobre eles algo não natural, algo irreal, algo exagerado e em todos os três foi a obediência à ordem de Deus que mudou a maré. " [479]

Os agradecidos "oficiais" trouxeram um grande presente "de ouro" para o

L ORD (apresentado a Moisés e Eleazar), para "recompensá-lo" com uma "oferta de agradecimento" pelas vidas dos soldados israelitas que Ele havia concedido a Israel em esta vitória (v. 50). Esse pagamento / "oferta" também era uma "expiação" (resgate), pois substituía simbolicamente as vidas israelitas que Deus havia poupado. Os oficiais perceberam que Ele poderia ter tirado muitas vidas dos israelitas na batalha. O presente consistia em uma grande quantidade de joias de ouro que os soldados haviam capturado. Os comerciantes midianitas tinham um grande amor por joias de ouro (cf. Juízes 8:26). O povo transformou esse presente em

um "memorial" dessa vitória, e o manteve no tabernáculo a partir de então (v. 54).

Neste capítulo, temos um modelo básico para as batalhas de Israel com os cananeus na terra. Essa batalha com os midianitas foi uma preparação para esses encontros posteriores. Foi também um grande encorajamento para os israelitas, pois eles esperavam por mais batalhas como esta. [480]

O assentamento das tribos da Transjordânia cap. 32

Outro exemplo de obediência incompleta seguiu-se à grande vitória que Deus acabara de dar ao Seu povo e à adoração voluntária e sacrificial de

Yahweh pelos comandantes militares.

32: 1-19 Talvez os líderes de "Reuben" e "Gad" concluíram, com toda a probabilidade, que seus "irmãos", o resto do exército israelita, poderiam facilmente lidar com os cananeus restantes sem sua ajuda. Os israelitas haviam derrotado os midianitas, e mais cedo Sihon e Ogue, de todas as aparências externas, "facilmente". Além disso, as *pastagens* de "Gilead" os atraíram ("é uma terra para gado"). Seu pedido revelou um desejo egoísta, que teria custado muito caro a seus irmãos. As tribos restantes teriam que travar suas batalhas

sem a ajuda dos exércitos rubenita e gadita.

"No versículo 1, os filhos de Rúben são mencionados antes dos filhos de Gade, mas nas referências subsequentes essa ordem é invertida. A razão é muito provável que a tribo de Gade era mais importante do que a de Rúben [cf. Gn 49: 4]. Há uma confirmação oblíqua dessa suposição em uma pedra que o rei Mesa de Moabe ergueu por volta de 850 aC, após sua derrota dos israelitas [isto é, a Pedra Moabita]. Essa pedra traz uma inscrição que se refere a Gade como um povo que viveu lá desde tempos imemoriais. " [481]

Moisés viu esse pedido como potencialmente "desanimador"

para as outras tribos e alertou os rubenitas e gaditas contra desanimar seus irmãos.

32: 20-32 Para evitar outra tragédia de Cades-Barnéia, Moisés ordenou aos rubenitas e gaditas que primeiro fossem para a batalha com seus "irmãos", os exércitos das outras tribos. Se eles fizessem isso, eles poderiam ter a terra desejada após o fim da luta. A preocupação de Moisés era que *toda a nação* precisava entrar na terra e *cumprir a vontade de Deus* destruindo os cananeus. Se, depois disso, essas tribos quisessem viver do outro lado do Jordão, essa decisão não constituiria um ato de desobediência a Deus. A Transjordânia (com os pastos de

Gileade) fazia parte da Terra Prometida, mas a maior parte do povo que Deus ordenou aos israelitas que destruíssem vivia a oeste do rio Jordão.

"A frase 'Esteja certo de que o seu pecado o descobrirá' (v. 23) é freqüentemente usada em apelos evangelísticos, e pode ter essa aplicação; mas a intenção original era admoestar o povo de Deus." [482]

“A maneira como isso geralmente é interpretado é: 'Seu pecado será descoberto.' Em outras palavras, se você pecar, não vai sobreviver com isso. Você será descoberto. Não é isso que diz. Existem muitos pecadores que sobrevivem com seus pecados e nunca são descobertos por

qualquer outra pessoa. Este versículo diz que o seu pecado vai encontrar *você* fora. virá o tempo em que as galinhas voltam para o poleiro. ... da mesma forma que você pecar, essa é a maneira que vai voltar para casa com você em algum momento [Gal . 6: 7]. " [483]

Moisés então instruiu seu sucessor, Josué, sobre os termos deste acordo (vv. 28-30). Assim, Rúben, Gade e a meia tribo (oriental) de Manassés se comprometeram a lutar ao lado das outras tribos (vv. 31-32). Esta é a primeira menção da "meia tribo de Manassés" (oriental) (v. 33). Seus líderes aparentemente não foram tão agressivos nesse plano quanto os líderes de

Rúben e Gade, a julgar pela falta de menção anterior de Manassés.

"Houve uma boa política em deixar uma força suficiente para proteger a região conquistada [cf. v. 24] para que o inimigo não tentasse represálias; e como apenas 40.000 dos rubenitas e gaditas, e metade de Manassés, passaram pelo Jordão (Js 4:13), restaram para a segurança da nova posse 70.580 homens, além de mulheres e crianças menores de 20 anos (cf. cap. 26:17). " [484]

32: 33-42 Com este acordo por trás deles, as duas tribos e meia tribo passaram a se estabelecer na Transjordânia, até serem chamadas a cruzar o rio Jordão

como parte da força de combate de Israel.

"O território oriental de Manassés, dividido entre os clãs de Makir e Jair, era essencialmente idêntico ao antigo reino de Ogue. Os makiritas ocuparam a parte sul, isto é, Gileade até o sul até a alocação de Rúben e Gade. Os jairitas recebeu a região ao norte de Gileade, definida mais precisamente como o reino de Argob de Og. Presumivelmente se estendia ao norte até o Monte Hermon e era limitado ao sul pelos pequenos reinos de Maacah e Geshur, logo acima de Yarmuk (Deuteronômio 3:13 -14). Uma terceira entidade, Nobah, não tem nenhuma conexão aparente com

Manassés, mas tomou Kenath e as aldeias vizinhas (Números 32:42). Kenath (Qanawat) estava localizado a cerca de sessenta milhas a leste do Mar da Galiléia, nas profundezas do deserto de Hauran. " [485]

Embora essas tribos *fizeram* cumprir a sua obrigação militar (Josh. 4: 12-13, 22), seu plano não era um bom. Isso criou um problema potencial de desunião em Israel. Além disso, demonstrou um desejo pelo que parecia bom fisicamente e materialmente (cf. Ló), em preferência ao que Deus disse que Ele lhes daria - que eles ainda não tinham visto. A distância das outras tribos mais tarde produziu mal-entendidos e desunião (Josué

22). A falta de defesas naturais - no norte, leste e sul da Transjordânia - tornou esta área especialmente vulnerável ao ataque dos inimigos de Israel. Esta área foi freqüentemente a primeira a sofrer invasão, e Israel perdeu o controle dela várias vezes em sua história posterior (por exemplo, 2 Reis 15:29).

Sempre que a Bíblia menciona cidades desta área distribuídas a Rubem, especialmente Hesbom e Mediba, elas regularmente parecem estar sob o controle de Moabe ou Amon (Is 15: 4; 16: 8-9; Jr 48: 2, 45 ; 1 Crôn. 19: 7). Rúben é raramente sequer mencionado (apenas em Juízes 5: 15-16; 2 Reis 10:33; 1 Crô. 5: 6, 26;

12:37; 27:16) após a opressão moabita, e nunca de forma a mostrar que controlava suas terras distribuídas. [486]

A Transjordânia era parte da terra que Deus incluiu na Aliança Abraâmica. No entanto, o propósito de Deus para Israel neste tempo era expulsar as tribos cananéias que viviam principalmente a oeste do Jordão. Podemos supor que, se essas tribos tivessem simplesmente seguido a liderança de Moisés, Deus teria feito algo ainda *melhor* por eles do que o que seu próprio plano proporcionou. Isso é o que Deus freqüentemente faz em tais situações, amplo testemunho que encontramos ao longo das Escrituras.

B. ADVERTÊNCIA E ENCORAJAMENTO DA GERAÇÃO MAIS JOVEM CHS. 33-36

Deus deu as leis finais que governam a entrada de Israel na Terra Prometida (33: 50-36: 13). No entanto, Moisés registrou pela primeira vez, por ordem de Deus, esta lista de

lugares onde os israelitas pararam e "acamparam", depois de terem partido em sua jornada do Egito a Canaã. Esta é a única declaração em Números que afirma diretamente a autoria mosaica, embora todo o livro a assuma (cf. Êxodo 17:14; 24: 4; 34:28; Deuteronômio 31: 9, 22, 24). Esta lista constitui um memorial à graça e fidelidade de Deus em até agora cumprir Suas promessas aos patriarcas. Como um lembrete do cuidado de Deus para com Seu povo, teria sido um grande encorajamento enquanto os israelitas aguardavam o passo final para entrar na terra.

1. Revisão da jornada de Israel desde o Egito 33: 1-49

Quarenta e duas estações, lugares onde a nação parou e "acampou", aparecem na lista. Dezoito não aparecem em nenhum outro lugar no registro da viagem (vv. 13, 19-29), e quatro mencionados anteriormente estão ausentes neste capítulo (cf. 11: 3; 21:19). Obviamente, esta é uma lista seletiva. Qual foi o critério de Deus para incluir o que Ele fez aqui? À medida que se estuda esse relato das experiências de Israel desde a saída do Egito, certos padrões começam a surgir. Por exemplo, eventos semelhantes ocorreram com regularidade, tais como: julgamento pela morte, vitória sobre os inimigos, fornecimento de água e comida e oposição de dentro de

Israel. [487] Evidentemente, Moisés pretendia este registro para ajudar os israelitas a reconhecer, em primeiro lugar, sua falha em aprender com seu passado e, em segundo lugar, a fidelidade contínua de Deus, apesar dessa incapacidade.

Os arqueólogos ainda não descobriram muitos dos locais mencionados. Provavelmente eram apenas locais de acampamento, conhecidos na época por esses nomes e usados por viajantes e mercadores no deserto.

33: 1-49 Depois de comentários introdutórios (vv. 1-2), Moisés deu uma lista de 12 lugares importantes onde Israel parou ("acampou"), do Egito ao Monte Sinai (vv. 3-15).

"A identificação do Sinai com Jebel Sin Bisher, cerca de 48 quilômetros (30 milhas) a sudeste de Suez, tem muito que elogiar." [488]

Observe que Moisés não descreveu a *marcha em* si identificando os lugares onde Israel parou, mas citando-os como lugares "de onde partiram" ou de onde *partiram* ("suas jornadas de acordo com os lugares de partida", v. 2) . Isso enfatiza a importância do objetivo de sua jornada: a Terra Prometida. Eles partiram desses lugares em sua jornada para a terra.

Moisés descreveu a viagem do Monte Sinai a Cades, e de Cades de volta a Cades, em seguida (vv. 16-36). Essa etapa

das viagens incluiu o período de 38 anos, no qual Israel *vagou* enquanto a geração anterior morria. Nada mais se sabe sobre esta parte da jornada de Israel (entre as duas paradas em Cades), após a derrota em Hormah (14:15). A julgar pelo número total comparativamente pequeno de locais mencionados, é provável que Israel tenha permanecido em alguns locais por longos períodos de tempo. A nação provavelmente passou muito mais tempo em repouso do que em trânsito, durante esses anos.

Alguns estudiosos acreditam que Israel mudou de direção depois de deixar o Monte Hor (20:23), e marchou para

o *norte* para contornar Edom em sua extremidade norte, em vez de seguir para o *sul em* torno de sua extremidade sul. [489] Esta visão depende da identificação de "Punon" e "Oboth" (vv. 42-44; cf. 21: 10-11) com o moderno "Feinan" e "el-Weibah", ambos no lado oeste de Edom ao invés do leste. Essas identificações não são certas, entretanto. Deuteronômio 2: 8 diz que os israelitas "passaram além (contornaram) [seus] irmãos", os edomitas, e "voltaram-se" (para o norte) "em (para longe de) Elate e Eziom-geber", que estão muitas milhas ao sul - na cabeceira do Golfo de Aqaba. Portanto, essa visão parece improvável. [490]

A última etapa da viagem foi de Cades, pela segunda vez, às planícies de Moabe (vv. 37-49; cf. caps. 20-21). [491]

"Sua morte [de Arão] [vv. 38-39] veio em uma idade avançada - um sinal da bênção de Deus em sua vida. Pela misericórdia do Senhor, seu tempo foi estendido até o último ano da experiência de Israel no deserto; o próprio pecado (Nm 20) o impediu de viver até a época da conquista da terra. " [492]

"Dentro da lista de acampamentos estão duas narrativas curtas que enfocam a obra de Moisés (vv. 2-3) e Arão (vv. 38-39). ... Ambas as narrativas têm o mesmo comentário que Moisés (v. 2) e

Arão (v. 38) obedeceu 'o comando do L ORD .' Assim, um dos propósitos desta lista dentro da estratégia mais ampla do livro parece ser dar uma breve revisão da obra desses dois grandes líderes.Deus os usou e sua obediência para liderar o povo no deserto durante quarenta anos. " [493]

"Uma impressão não pode escapar ao estudante que seguiu o relato de Números até este ponto, isto é, a longanimidade graça de Deus em preservar um povo como Ele havia prometido originalmente, por meio de todas as experiências deste vasto número de lugares. " [494]

"O caminho que Deus segue para trazer seu povo para si é sempre o melhor caminho, embora nem sempre nos pareça o caminho mais próximo." [495]

2. Antecipação da Terra Prometida 33: 50-36: 13

"A seção se divide em dois grupos de três leis cada, cuidadosamente introduzidas pela cláusula 'e Yahweh falou a Moisés' (..., 33:50; 34: 1, 16; 35: 1, 9; cf. 36: 6) e rodeado pela frase 'nas planícies de Moabe, junto ao Jordão em Jericó' (..., 33:50; 35: 1; 36:13). " [496]

Instruções para expulsar os cananeus 33: 50-56

Esta breve seção de instruções apresenta orientações específicas sobre a divisão da terra e suas cidades, que se seguem nos capítulos 34-36.

A repetição de "todos" (v. 52) enfatiza a importância de limpar completamente a terra de seus habitantes adoradores de ídolos

e de toda a parafernália religiosa. Deus queria "limpar" a terra *espiritualmente* e torná-la uma "terra santa". A terra foi um *presente* de Deus a Seu filho primogênito, Israel ("Eu te dei a terra", v. 53). Deus advertiu os israelitas o que aconteceria com eles se não fossem completamente obedientes (vv. 55-56): Os cananeus seriam uma fonte constante de irritação para eles ("picadas" e "espinhos"), e Deus trataria com os Seus pessoas como Ele planejou lidar com os cananeus ("como planejo fazer com eles, assim o farei com você").

"Se não expulsarmos o pecado, o pecado nos expulsará; se não formos a morte de nossas

concupiscências, nossas concupiscências serão a morte de nossas almas." [497]

"Quando, então, Deus diz, 'Expulse *todos* os habitantes da terra', isso tem um significado para o cristão; e seu significado é virtualmente, 'Mortifique o velho', crucifique todo o corpo do pecado. Não poupe qualquer pecado. Que todos sejam resistidos e vencidos. " [498]

"Nunca, irmãos, um pensamento pecaminoso deve ser tolerado sob a noção de que Deus o perdoará e que será fácil superá-lo em algum momento futuro. Deus pode, em misericórdia, perdoá-lo; mas se o fizer, que ato de infidelidade trará amargura à alma, preparará o caminho para

novos conflitos e tentações. " [499]

Uma prévia do terreno ch. 34

Deus então instruiu Moisés sobre a extensão da Terra Prometida e como dividi-la entre as tribos restantes.

As fronteiras da terra 34: 1-15

Moisés descreveu os limites da terra: do sul (vv. 3-5), para o oeste (v. 6), para o norte (vv. 7-9), para o leste (v. 12). Essa fronteira abrangia o território que o povo iria dividir entre as nove tribos e meia. Este não era o mesmo território prometido a Abraão, mas foi o que Deus deu aos israelitas em sua entrada na terra. Se eles tivessem sido

obedientes a Ele, Ele teria eventualmente aumentado suas fronteiras para incluir toda a área prometida a Abraão. Mesmo que continuassem a desobedecer a Deus, Ele ainda ampliou sua fronteira além dos limites dados aqui - mais tarde em sua história - embora ainda não na extensão prometida a Abraão.

"... em qualquer estimativa e interpretação, a 'Canaã' que era a herança dada a Israel era maior e mais extensa do que eles jamais puderam possuir, mesmo na época de Davi e Salomão." [500]

Alguns dos locais mencionados ainda são desconhecidos dos

arqueólogos. "Hamath" ("Lebo-hamath"; v. 8) era um reino e uma cidade, sendo a cidade a capital do reino. Essa referência, no entanto, é provavelmente ao *reino* de Hamath, uma vez que não há registro bíblico de que a cidade de Hamath tenha pertencido a Israel.

A terra incluída nesses limites tinha cerca de 150 milhas de comprimento por 50 milhas de largura, e sua área de cerca de 7.500 milhas quadradas. Era do tamanho aproximado de Nova Jersey. Cento e cinquenta milhas é a distância de Dallas a Bryan, Texas. Cinqüenta milhas é a distância de West Fort Worth a East Dallas.

"Deus é retratado em outras partes do Pentateuco como aquele que distribui as fronteiras de todas as nações (Gên 10; Dt 32: 8), e aqui ele é mostrado fazendo o mesmo por seu próprio povo." [501]

"Quão pequena é a parcela do mundo que Deus freqüentemente dá ao seu próprio povo." [502]

"Os israelitas nunca possuíram de fato todo o território compreendido por essas fronteiras, mesmo quando foi mais estendido pelas conquistas de Davi e Salomão." [503]

Os líderes responsáveis pela divisão da terra 34: 16-29

Em seguida, Deus selecionou dez homens, um de cada tribo

que se estabeleceria em Canaã, que ajudaria Eleazar, o sumo sacerdote, e Josué, o líder militar de Israel, na distribuição da terra. Apenas o nome de Caleb é familiar. Nenhum dos outros nomes de homens aparece no início do texto. Evidentemente, não eram os chefes das tribos, mas homens especificamente escolhidos para esse propósito. Moisés listou as tribos aqui na ordem geral em que se estabeleceram na terra, do sul ao norte.

Cidades especiais no terreno ch. 35

A seguir, Deus especificou que haveria 48 cidades especiais reservadas na Terra Prometida para os levitas, e seis delas

serviriam como cidades de refúgio.

"A ideia de ter locais de asilo para onde os acusados injustamente pudessem fugir era conhecida em todo o antigo mundo mediterrâneo." [504]

Cidades levíticas 35: 1-8

O capítulo anterior tratou das fronteiras gerais da terra e dos líderes tribais escolhidos para dividir suas fronteiras. Este capítulo fornece regulamentos relativos a cidades especiais no país. [505] De acordo com o plano de revelação estabelecido anteriormente em Números, as instruções relativas aos levitas seguem as instruções relativas às outras tribos (cf. 1: 1-46 e

47-54; cap. 2 e 3: 1-49; 26: 1 - 56 e 57-62).

Os levitas receberam quatro cidades para cada uma das 12 áreas tribais. No entanto, haveria mais cidades levíticas nas tribos maiores e menos nas tribos menores. O escritor do livro de Josué identificou essas cidades em Josué 21. [506] Muito poucos israelitas viviam a mais de 10 milhas de uma cidade levítica. Deus providenciou isso para que os levitas, cujas responsabilidades incluíam o ensino e o aconselhamento dos outros israelitas na Lei, não vivessem longe de ninguém em Israel. [507] No livro dos Juízes, descobrimos que os levitas nem sempre ficavam nas cidades

que Deus lhes deu. Portanto, a desobediência deles frustrou o propósito de Deus, até certo ponto. No entanto, esta provisão mostra o cuidado de Deus por Seu povo.

As "pastagens" forneciam aos levitas uma pequena renda agrícola, mas eles recebiam a maior parte de seu sustento dos dízimos e ofertas do povo de Deus.

Cidades de refúgio 35: 9-34

"Seis" dessas cidades levíticas também seriam "cidades de refúgio". [508]

A designação de cidades de refúgio era uma provisão divina para a segurança de qualquer assassino ("homicida") que *não* fosse *culpado* de

homicídio premeditado (cf. Deuteronômio 19: 1-13; Josué 20).

"... os pecados da ignorância *são* *pecados* aos olhos de Deus; e que mesmo deles só há uma maneira de escapar, que é fugir para uma cidade de refúgio [cf. Cristo]." [509]

Deus disse aos israelitas para não matar (Êxodo 20:13). O direito e o dever do homem de executar assassinos eram antigos (Gênesis 4:15; 9: 5-6). Os antigos habitantes do Oriente Próximo praticavam amplamente a pena de morte, como parte da "lei da retaliação". A Lei mosaica a respeito das cidades de refúgio *regulamentava* essa

prática de retaliação - em harmonia com a vontade de Deus.

Três das cidades ficavam a oeste do Jordão (Hebron, Siquém e Quedes) e três no lado leste (Bezer, Ramote-Gileade e Golã; Dt 4:43; Js 20: 7-8; 21: 13, 21, 27, 32, 36, 38).

Um "homicida" (ou seja, um assassino não intencional) poderia encontrar refúgio em qualquer uma dessas seis cidades, mas um assassino (aquele que premeditou seu ato) não. O parente mais próximo da vítima (o "vingador de sangue", v. 19) não estava apenas *livre* para matar o assassino; antes, ele tinha a obrigação de fazer isso (vv. 19, 21). Esse era o dever do

parente mais próximo. Moisés o chamou de "vingador do sangue". Não havia força policial propriamente dita em Israel.

Quando um homicida fugia para uma cidade de refúgio, os residentes dessa cidade determinavam se o assassino / refugiado era um assassino ou homicida. Os residentes seriam principalmente levitas, uma vez que as cidades de refúgio eram cidades levíticas. Se o julgassem um assassino, os moradores o entregariam ao vingador do sangue, que o mataria.

"Eles expulsaram o homem que cometeu o ato deliberadamente. Mas não é assim, irmãos, com Cristo. Seu

precioso sangue purifica de todo pecado, deliberado e não premeditado." [510]

Se ele fosse um "homicida", teria que ficar e viver na cidade de refúgio até que o sumo sacerdote morresse. Ele não podia deixar a cidade; tornou-se sua *prisão* . Se ele deixasse a cidade, ele estaria pecando contra Deus. Nesse caso, o vingador de sangue ainda poderia caçá-lo e matá-lo - por sua dupla ofensa de homicídio culposo e a saída de sua cidade de refúgio.

"A santidade da vida humana é clara tanto pelo fato da pena de morte como a única punição adequada para o homicídio (Gn 9: 5-9) quanto, por outro lado, pela proibição de aplicar a pena

de morte em casos de premeditação não pode ser provado. Executar o inocente é tão mau aos olhos de Deus quanto inocentar o culpado. " [511]

"Enquanto a compensação por homicídio está prevista em todos os códigos de leis do antigo Oriente Próximo, somente Israel afirma que o homicídio deve pagar com a vida." [512]

A morte do sumo sacerdote expiou os pecados dos homicidas. A morte do sumo sacerdote, portanto, tinha valor expiatório como um sacrifício de
animal. [513] Consequentemente, depois que o sumo sacerdote morreu, o homicida estava livre

para ir para casa. No entanto, até que o sumo sacerdote morresse, seu ato de matar outro ser humano, mesmo que não intencional, o tornava culpado de *homicídio culposo* perante Deus ; ou seja, de *derramamento de sangue* , mas não de assassinato, uma vez que não foi intencional.

"Sua morte pode ter sido entendida como cumprindo o princípio de que sangue humano derramado só pode ser expiado por sangue humano derramado (Gn 9: 6). Neste caso, a morte do sumo sacerdote foi em nome do assassino, tanto quanto o sacerdote oferece sacrifícios em nome do povo em outros lugares. " [514]

"Ora, o sumo sacerdote ungido com o óleo sagrado era um tipo de Jesus; e como a morte de Cristo efetuou uma redenção real, uma libertação real da escravidão para todos os que crêem nele - assim a morte do sumo sacerdote teve um efeito típico redenção e devolver o homicida a sua casa e amigos; todas as consequências de seu feito foram anuladas. Mas nosso grande Sumo Sacerdote nunca morre. Não há prisão em nossa cidade de refúgio. Devemos estar dispostos a desistir de tudo para entrar mas não nos separa daqueles a quem amamos. Lá, naquela cidade, pertencemos a uma nova família, sentimos o poder de novos laços - aquele sagrado, invisível e ainda assim poderoso

laço que une todos os que estão em Jesus. ”Dessa cidade e dessa família nunca mais sai o verdadeiro cristão, não, não quando morre, pois a morte não o separa de Cristo;a morte não pode romper os laços que unem a 'família inteira no céu e na terra'. "[515]

Deus exigiu que pelo menos duas testemunhas prestassem testemunho antes que alguém em Israel sofresse a execução como assassino ("ninguém será condenado à morte pelo testemunho de [apenas] uma testemunha"). Esse era um requisito geral do antigo Oriente Próximo. [516]

Em alguns casos de violação da lei, a parte culpada pode pagar por seu resgate. Ele poderia

substituí-lo por um pagamento em dinheiro ("resgate"), que o sacerdote tomava como cobertura por seu pecado. No entanto, Deus não permitiu isso no caso de assassinos ou homicidas. A razão para isso foi que "o sangue polui a terra" (v. 33). Ou seja, esses crimes trouxeram *impurezas à terra,* pois envolviam matar pessoas sem autorização divina. A terra precisava ser *limpa* neste sentido, porque o próprio Senhor residia *nela* entre o Seu povo (v. 34). Canaã não era apenas a Terra Prometida; deveria ser a "Terra Santa" também.

Esses regulamentos ressaltam novamente a singularidade e o valor da vida humana. Vemos

isso, tanto nas consequências de matar outra pessoa, quanto nas salvaguardas concedidas ao homicida. Os direitos humanos básicos das pessoas são extremamente importantes para Deus. As cidades de refúgio são também uma ilustração de Cristo, que fornece abrigo para o pecador do julgamento (cf. Rm 8: 1, 33-34; Hb 6: 17-20). Baxter acreditava que existem três tipos principais de Cristo em Números: a rocha ferida (20: 7-11), a serpente de bronze (21: 4-9) e as cidades de refúgio. [517]

Uma revisão da herança das mulheres cap. 36

A revelação das leis da divisão das terras, há pouco explicadas, precipitou o incidente que

Moisés registrou aqui. O que aconteceria se uma herdeira da propriedade de seu pai se casasse com alguém de uma tribo diferente? Nesse caso, a terra possuída por seu pai se tornaria propriedade de outra tribo, e as parcelas tribais seriam misturadas e confusas. Os líderes de uma família na tribo de Manassés trouxeram o problema a Moisés, a saber, a família de Zelofeade - que tinha apenas herdeiras mulheres (cf. 27:11).

Deus respondeu à questão que eles levantaram dando a seguinte ordenança: Em casos como este, as herdeiras tinham que se casar dentro de sua tribo. Isso impedia a "transferência" de propriedade

para outra tribo, mas ainda dava às herdeiras alguma liberdade para se casar.

As cinco filhas de Zelofeade obedeceram às instruções do Senhor e se casaram com seus primos, "filhos de seus tios", de sua tribo de Manassés. Talvez Moisés tenha registrado os nomes dessas mulheres - "Malah", "Tirzah", "Hoglah", "Milcah" e "Noah" - como um tributo ao compromisso de fazer a vontade de Deus. Esse testemunho teria encorajado todos os israelitas a fazerem o mesmo.

"A razão pela qual esta passagem é colocada aqui ao invés do capítulo 27 é dupla. Primeiro, ela diz respeito à questão das distribuições

tribais, que é o foco destes últimos capítulos de Números. Em segundo lugar, é habitual para grandes seções da Bíblia Hebraica, incluindo livros inteiros, para concluir com uma nota positiva. " [518]

"Em vez de ser separado ao acaso e / ou anexado ao final do livro, Nm 27: 1-11 e 36: 1-13 formam um inclusio que enquadra a história deliberadamente inacabada da segunda geração. As filhas de Zelofeade exemplificam a fé que tenazmente apegaram-se ao Senhor apesar das circunstâncias adversas. Em contraste com a miopia e a concomitante descrença da primeira geração, a perspectiva escatológica das filhas forneceu

o ímpeto necessário para obedecer às estipulações do convênio. " [519]

O Livro dos Números termina com o exemplo positivo de *obediência* que essas mulheres deram a Israel. Este livro, que está tão cheio de exemplos negativos de descrença e desobediência, termina de forma otimista. Com pessoas como as filhas de Zelophehad em Israel, o futuro da nação parecia promissor.

Conclusão

O Livro dos Números é uma lição sobre a importância da confiança e da obediência. Os israelitas freqüentemente deixavam de confiar e obedecer a Deus nas horas de suas

provações e, conseqüentemente, Deus adiou Sua bênção. A maioria deles nunca desfrutou das coisas boas que Deus tinha para eles. A obediência a Deus é essencial de nossa parte.

"... o ponto principal do livro de Números é importante para o povo de Deus em qualquer época: a obediência exata a Deus é crucial. Números enfatiza o ponto mais especialmente por meio de exemplos de *desobediência* , como aqueles encontrados nos capítulos 11-21." [520]

O livro também nos ensina que as falhas de Seus instrumentos humanos escolhidos não frustram os planos de Deus mais do que a oposição de Seus

inimigos. A infidelidade dos israelitas a Deus não o impediu de cumprir fielmente Seus compromissos para com Seu povo escolhido. Eu acredito que a característica marcante de Deus que Números revela é a Sua *graça* .

"Talvez o tema mais proeminente seja o da providência graciosa do Senhor em cuidar de todas as necessidades de Israel - militar, física, nutricional e espiritualmente - apesar das constantes rebeliões do povo, tanto da liderança quanto das bases." [521]

O processo de *disciplina divina* é outra revelação importante. Vemos em Números como Deus lida com Seu povo

quando eles falham em confiar e obedecer a Ele. Por um lado, Ele não permite que desfrutem do que Ele prometeu. Por outro lado, Ele trabalha com eles para prepará-los para serem mais fortes quando enfrentarem os mesmos testes novamente. Onde o pecado deles é abundante, Sua graça é ainda mais abundante. Ele torna o osso quebrado mais forte no local da quebra do que estava antes da quebra.

Com relação aos israelitas e ao nosso entrar em tudo o que Deus deseja que desfrutemos, tudo depende da atitude de cada um para com Deus. Se permitirmos que os gigantes e as paredes que se interpõem entre nós e a vontade de Deus

bloqueiem nossa visão de Deus, falharemos. A descrença levará à desobediência, que levará à disciplina, que levará à frustração e à morte. No entanto, se virmos os gigantes e as paredes encobertos por Deus, como Calebe e Josué viram, teremos sucesso. A confiança levará à obediência, que levará à bênção, que levará ao progresso e à vida.

“Sejamos, pois, diligentes em entrar nesse descanso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência” (Hebreus 4:11).

Apêndice
Ministério de intercessão de Moisés após o êxodo

Passa	**Conte**	**Solicit**	**Aplica**

gem	xto	ar	tivo
Deut. 9 :22, 25-29	Reclamação sobre a água	Poupe Israel.	Misericórdia para reclamantes
Exod. 17: 11-12	Batalha com Amalek	Dê a vitória.	Derrota de inimigos espirituais
Exod. 32: 11-13	Bezerro Dourado	Poupe Israel.	Misericórdia para apóstatas
Exod. 32: 31-32	Bezerro Dourado	Perdoe o povo.	Restauração para apósta

			tas
Deut. 9 :20	Bezerro Dourado	Poupe Aaron.	Misericórdia pelos servos caídos de Deus
Exod. 34: 9	Renovação da Aliança	Fique com Israel.	Renovação do favor de Deus após o fracasso
Num. 10h35	Sempre que a arca partir	Espalhe os inimigos de	Derrota daqueles que

		Deus.	se opõem aos propósitos de Deus
Num. 10h36	Sempre que a arca descansava	Volte para o acampamento.	Manifestação constante da glória e presença de Deus
Num. 11: 2; Deut. 9:22, 25-29	Fogo no acampamento	Conceda misericórdia.	Paciência de Deus com reclamantes

Num. 11: 11-15; Deut. 9:22, 25-29	Reclamação sobre carne	Me mata.	Desabafando a frustração e pedindo ajuda
Num. 12h13	Rebelião de Miriam e Aaron	Cure Miriam.	Bênção para associados antagônicos
Num. 14: 13-19	Retorno dos espiões	Perdoe os espiões.	Maior fé para os fracos de fé
Num. 1	Rebeliã	Rejeite	Lidand

6h15	o de Coré	suas ofertas.	o com críticos
Num. 16:22	Rebelião de Coré	Poupe Israel.	Paciência de Deus em não exagerar
Num. 21: 7	Serpentes de fogo	Remova as serpentes.	Cura de aflições físicas
Num. 27: 5	Filhas de Zelophehad	Conceda sabedoria.	Orientação na resolução de novos

			proble mas
Num. 2 7: 15-17	Moisés contou sobre sua morte	Nomeie um sucess or.	Orient ação na nomea ção de líderes
Deut. 3 : 23-25	Derrot a de Sihon e Og	Permita -me entrar na terra.	Solicit ando favore s pessoa is